

ÍNDICE DE CIDADES EMPREENDEDORAS

BRASIL
2015



AGRADECIMENTOS

Este estudo é fruto do trabalho e dedicação de diversas pessoas e organizações. Gostaríamos de agradecer ao Conselho e toda equipe da Endeavor Brasil pelo suporte incondicional em todas as etapas do estudo, em especial: Juliano Seabra, Pablo Ribeiro, João Melhado, Ricardo Rocha, Pedro Lipkin, Camilla Junqueira, Luiza Zanotto, Bárbara Freiris, Amanda Freitas e Hanna Yuri, Bruna Eboli e Isabela Giannini.

Este relatório é fruto também do apoio constante dos nossos parceiros na formulação da metodologia e na obtenção de dados: Sergio Fontenelle, Graziela Baffa e equipe da EY (indicadores de Ambiente Regulatório); Edivan Costa e equipe da SEDI (indicadores de tempo de processos regulatórios); Roger Thornham e Gorkan Ahmetoglu e equipe do META (índice de Potencial Empreendedor); Felipe Sheppees e equipe Opinion Box (pesquisa primária); Ricardo Kanitz, Rafael Bassani e equipe da Spectra Investimentos (indicadores sobre o mercado de capital de risco); Jaime de Paula, Rodrigo Barcia e equipe da Neoway. Agradecemos também cada um dos mentores que dedicou tempo para rever e criticar o estudo, levando às inúmeras melhorias nesta versão final: Carlos Arruda, Anders Hoffman, Pamella Gonçalves, Guilherme Suedekum, Ana Rosa, Oscar Nestarez, Helena Lima, Priyanka Venkannagari, Kezi Cheng, Evelyn Nour, Marcelo Prim, Marcos Lisboa, Vinícius Licks, Miriam Ascenso, Luana Tavares, Ana Marina de Castro. Por último, agradecemos às Prefeituras Municipais espalhadas pelo Brasil que têm utilizado este Índice como base de análise, ferramenta de gestão e inspiração para melhorar as condições para os empreendedores se desenvolverem.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
Impactos do estudo em 2014	10
Novidades para 2015	11
Como ler este relatório	14
ÍNDICE DE CIDADES EMPREENDEDORAS 2015	17
OS PILARES	21
Ambiente regulatório	23
Infraestrutura	31
Mercado	37
Acesso a Capital	43
Inovação	49
Capital Humano	55
Cultura	61
PERFIL DAS REGIÕES	69
Sudeste	71
Sul	81
Nordeste	89
Centro-Oeste	99
Norte	105
COMO USO ESTE RELATÓRIO?	110
Onde encontro esses e outros exemplos de políticas públicas?	111
REALIZAÇÃO	113
ANEXOS	115
Anexo 1: Metodologia	115
Indicadores, fontes e formas de cálculo de Campo	125
Siglas e seus significados	129
Anexo 2: Metodologia do determinante de Cultura Empreendedora	131
Anexo 3: análise longitudinal - Uma comparação entre o ICE2014 e o ICE2015	133
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	138

INTRODUÇÃO

No final de 2014, a Endeavor Brasil lançou a 1ª edição do Índice de Cidades Empreendedoras com um objetivo claro: ajudar ecossistemas locais a serem cada vez mais férteis para o crescimento das empresas.

O estudo recebeu ampla cobertura da mídia, foi apresentado no Congresso Global do Empreendedorismo, entregue às mãos da Presidente Dilma Rousseff e discutido em profundidade com diversos Prefeitos e Secretários Municipais espalhados pelo Brasil.

Mas a realidade apresentada há um ano permanece: menos de 1% das empresas do país consegue crescer acima de 20% ao ano por três anos consecutivos. Ainda que poucas, essas empresas, chamadas "Scale-ups", são responsáveis por gerar mais de 40% dos novos empregos na economia brasileira. Essas empresas criam quase 100 vezes mais empregos do que a média das empresas no Brasil.

No cenário macroeconômico atual, em que mais de 1 milhão de empregos foram perdidos só no último ano, é urgente, portanto, que as Scale-ups recebam a atenção devida. É mais do que necessário desenvolver políticas

públicas em todos os níveis, mas especialmente nas cidades. Retomar o crescimento econômico do país e de nossas cidades passa necessariamente por incentivar o crescimento das empresas.

O ponto de partida está em identificar as principais forças e os desafios de cada cidade para que os gestores públicos e as organizações de apoio (universidades, empreendedores, mídia) possam agir de forma precisa. Para isso, todos precisam conhecer bem os desafios e os indicadores que refletem o ambiente empreendedor, assim como buscar bons exemplos nacionais e internacionais que ajudem a acelerar a transformação do cenário atual.

Só assim teremos empresas cada vez melhores, alimentando o desenvolvimento econômico e social com a criação de inovações para a solução de grandes problemas. Empresas que ganham escala e, com elas, fazem crescer também as pessoas, o mercado e as possibilidades de transformação do país. Neste estudo, está a crença de que um Brasil com menos amarras para que as empresas possam se desenvolver é um país com mais e melhores empreendedores, que querem e podem fazer a diferença para construir uma realidade melhor para todos.

IMPACTOS DO

ICE 2014

Quando a Endeavor começou suas atividades no Brasil, quinze anos atrás, a palavra empreendedorismo nem aparecia nos dicionários. Desde então, é inegável que a discussão sobre o tema e os desafios do país para impulsionar o crescimento das empresas tem avançado. Estudos, grandes eventos, mídia especializada, empreendedores que se multiplicam. Foi nesse cenário otimista que se inseriu a 1ª edição do Índice de Cidades Empreendedoras (ICE2014), lançada em novembro de 2014.

MAIS DE 15 PREFEITURAS SE MOVIMENTANDO

Antes e depois do lançamento do estudo, diversos encontros com Prefeitos, Secretários e Governadores aconteceram, sempre com a pauta da melhoria do ambiente de negócios locais.

Em Porto Alegre, em conjunto com a Prefeitura e o Governo do Rio Grande do Sul, a Endeavor lançou o projeto Simplificar, com o objetivo de reduzir significativamente o tempo para abertura de empresas na capital, considerada a mais demorada do país entre as cidades analisadas no ICE2014.

A Prefeitura do Recife criou a Secretaria de Desenvolvimento e Empreendedorismo, que vem utilizando o estudo como mecanismo de gestão, definição de prioridades e monitoramento das políticas públicas e seus resultados.

REFERÊNCIA NACIONAL E GLOBAL

O ICE2014 não influenciou só debates locais. Durante o Congresso Global do Empreendedorismo, que aconteceu em março de 2015, em Milão, o estudo foi apresentado e discutido com alguns dos mais importantes pesquisadores de empreendedorismo do mundo. São pouquíssimos os países que gozam de um estudo que analisa, para além de dados nacionais, as condições locais para o crescimento dos negócios.

O trabalho da Endeavor também apoiou a criação de iniciativas importantes do Governo Federal, como o

Apoiado no cenário e contribuindo com ele, o próprio estudo teve seu impacto particular. Ao longo do último ano, foram diversas matérias publicadas em veículos de mídia nacionais e regionais, que amplificaram o impacto do estudo. Além da cobertura da imprensa, merecem destaques alguns resultados que fazem aumentar as expectativas em relação ao futuro:

Durante a Semana Global do Empreendedorismo deste ano, a própria Prefeitura liderou as atividades da capital pernambucana.

Em Vitória e em todo o Espírito Santo, a Federação Capixaba do Jovem Empreendedor reuniu diversas organizações de fomento ao empreendedorismo – inclusive a prefeitura da capital – para criar um plano de desenvolvimento do ecossistema local. A base para o diagnóstico foi o ICE2014.

Mesmo cidades que não haviam sido analisadas no estudo anterior, como Blumenau e Campinas, utilizaram a pesquisa para embasar análises próprias a partir de critérios similares.

plano Empreendedorismo de Vanguarda, para fomentar as Scale-ups do país.

Essas e outras iniciativas e planos que ajudem a fomentar o crescimento das empresas são essenciais para nossas cidades, e só aumentam a expectativa para o futuro do empreendedorismo brasileiro. O grande desafio, então, é transformar as boas ideias em uma transformação real do ambiente empreendedor. O caminho está só começando.

NOVIDADES PARA 2015

O Índice de Cidades Empreendedoras 2014 foi o primeiro exercício para analisar sistematicamente o ecossistema dos principais municípios do país. No estudo, foram analisadas 14 capitais brasileiras, todas aquelas que possuíam em suas regiões metropolitanas, ao menos 1% das Scale-ups do país.

Ainda que o impacto do estudo anterior tenha sido grande e a metodologia criada já tivesse a robustez necessária,

melhoras contínuas são uma premissa, e por isso algumas novidades estão presentes na atual edição.

Todas as mudanças de indicadores estão detalhadas no Anexo 3, a partir da pág. 133, contendo inclusive uma visão longitudinal baseada na mesma metodologia do ICE2015, mas coletando dados para o período anterior

MAIOR ABRANGÊNCIA GEOGRÁFICA E ECONÔMICA

Por ter o objetivo de se consolidar como a principal análise do ambiente empreendedor nas cidades brasileiras, este estudo foi ampliado para abranger mais cidades no país a partir do critério da presença de Scale-ups. No Índice de Cidades Empreendedoras 2015 (ICE2015) foram analisadas 32 cidades brasileiras, de 22 estados. Com exceção da região Norte, onde são analisadas apenas Belém e Manaus, todos os estados das demais regiões foram representados ao menos por suas capitais. Além da maior abrangência geográfica, juntas essas cidades representam também mais de 41% das Scale-ups do país, e cerca de 37% do PIB nacional.



1º São Paulo
2º Florianópolis
3º Vitória
4º Recife
5º Campinas
6º São José dos Campos
7º Porto Alegre
8º Curitiba

9º Joinville
10º Rio de Janeiro
11º Maringá
12º Ribeirão Preto
12º Belo Horizonte
14º Goiânia
15º Sorocaba
16º Caxias do Sul

17º Londrina
18º Uberlândia
19º Brasília
20º Blumenau
21º Campo Grande
22º João Pessoa
23º Aracaju
24º Salvador

25º Natal
26º Manaus
26º São Luís
28º Cuiabá
29º Belém
30º Fortaleza
31º Teresina
32º Maceió

APROFUNDANDO A METODOLOGIA

Entre os sete determinantes do crescimento das empresas em uma cidade brasileira, três deles passaram por melhoras significativas, a fim de apresentarem uma visão mais completa do ecossistema:

AMBIENTE REGULATÓRIO

Analisar a burocracia no Brasil e nas cidades brasileiras não é tarefa simples. São diversas regras e variáveis, e definir um padrão comparável entre diferentes municípios e estados pode ser complexo. Grande parte dos dados tampouco existe, o que exige o trabalho de definir critérios e compilar informações direto de fontes específicas, de maneira desagregada.

Com isso em mente, a Endeavor se uniu à EY e à SEDI, organizações com amplo histórico e relevância no mercado, para analisar o ambiente regulatório sob uma ótica mais completa da avaliada em 2014.

Além de alguns dados já contidos no estudo anterior, outros indicadores foram adicionados (como os incluídos nos subdeterminantes de Complexidade Tributária) e outros tiveram sua metodologia modificada para se tornarem mais completos. Esse novo conceito, bem como a metodologia utilizada, originou o estudo **Burocracia nos Negócios: os desafios de um empreendedor no Brasil**¹, lançado pela Endeavor em outubro de 2015.

INOVAÇÃO

Entre os seis indicadores do determinante de Inovação analisados em 2014, cinco deles tinham abrangência estadual, por não haver indicadores específicos para as cidades. Além disso, parte dos indicadores, derivados da Pesquisa de Inovação Tecnológica (PINTEC), do IBGE, tem uma defasagem superior a cinco anos, o que dificulta ainda mais sua utilização para os fins deste estudo.

Por isso, e aproveitando a necessidade de mudanças, o determinante de Inovação se adequou ao framework internacional mais conceituado, o Global Innovation Index. A metodologia adaptada às cidades brasileiras está explicada em profundidade nas páginas do próprio determinante, a partir da pág. 48.

¹ O estudo pode ser acessado em: info.endeavor.org.br/burocracianobrasil

CULTURA EMPREENDEDORA

Um amplo estudo, partindo de pesquisas quali e quantitativa, embasou as análises sobre o perfil do empreendedor brasileiro utilizadas em 2014, baseado nas motivações de cada pessoa para abrir um negócio.

No entanto, não só as motivações para abrir um negócio são importantes, mas também as atitudes individuais que influenciam o potencial impacto como empreendedor. Com essa premissa, o pilar de cultura de 2015 considerou uma metodologia desenvolvida por pesquisadores do META, instituto britânico de pesquisas comportamentais, que estudaram as atitudes de empreendedores de alto impacto e descobriram as quatro mais importantes para desenvolver um negócio de sucesso. A partir dessas

atitudes - visão de oportunidades, proatividade, criatividade e sonho grande - os pesquisadores desenvolveram um questionário, o Teste Meta, já aplicado em mais de 100 mil pessoas ao redor do mundo.

Para o Índice de Cidades Empreendedoras, o mesmo questionário foi aplicado em amostras da população das 32 cidades analisadas e os resultados estão apresentados ao longo deste estudo, especialmente a partir da pág. 60. A metodologia completa também está detalhada no anexo 2, a partir da pág. 130, e também no estudo específico sobre o tema - Cultura Empreendedora no Brasil: o potencial para se empreender com alto impacto, lançado pela Endeavor em outubro de 2015.

EXEMPLOS DE MELHORES PRÁTICAS INTERNACIONAIS

Ainda que existam casos de sucesso no fomento às políticas públicas nas cidades e estados brasileiros - que também são apresentadas ao longo deste relatório - é preciso reconhecer que todo o país está alguns passos atrás em seu ecossistema empreendedor em relação à maioria dos países do mundo.

Em diversos rankings internacionais, o Brasil é frequentemente colocado, não de maneira injusta, entre as últimas colocações. Por exemplo, no **Índice Global do Empreendedorismo**³, o Brasil aparece na 92ª colocação, entre 132 países analisados. Mesmo quando cidades globais são analisadas, há muito o que melhorar: São Paulo,

a melhor cidade para empreender de acordo com o **ICE2015**, é somente a 12ª melhor cidade para startups, entre 20 analisadas, de acordo com o *Global Startup Ecosystem Ranking*⁴.

Ou seja, há muito o que avançar e há diversos exemplos internacionais que podem servir como referência e inspiração para as cidades brasileiras. Por isso, ao longo deste relatório, para cada pilar do ambiente empreendedor, são apresentados dois casos de melhores práticas internacionais. Ao final do estudo, uma lista de fontes de inspiração está disponível, onde se podem encontrar ainda mais desses exemplos.

² O estudo pode ser acessado em: info.endeavor.org.br/culturaempreendedoranobrasil

³ Disponível em <http://thegeedi.org/2015-global-entrepreneurship-index/>

⁴ Disponível em <http://startup-ecosystem.compass.co/ser2015/>

COMO LER ESTE RELATÓRIO

O Índice de Cidades Empreendedoras tem como objetivo analisar o ecossistema empreendedor das principais cidades brasileiras, para apontar aquelas que possuem condições mais propícias para o desenvolvimento de empresas e mostrar como ainda podem evoluir.

FRAMEWORK PARA AVALIAÇÃO DO AMBIENTE EMPREENDEDOR

Para a construção do Índice, a Endeavor Brasil elaborou um *framework* adequado à realidade do país e em sintonia com as ferramentas utilizadas por organizações internacionais, como a OCDE, e consultorias especializadas.

A seleção dos critérios considerou o universo de empresas como um todo, sem se restringir a nenhum setor ou porte

específico. O framework está estruturado a partir de sete pilares, ou determinantes, que formam os rankings temáticos do relatório e são a base do índice final de cidades. Os detalhes do framework são apresentados na seção metodológica do relatório, a partir da página 115.



PROPORCIONALIDADE E TAMANHO DAS CIDADES

Nesta segunda edição do Índice, foram analisadas 32 cidades brasileiras, que variam consideravelmente entre si: a cidade de São Paulo, por exemplo, tem mais de 11 milhões de habitantes, enquanto Blumenau, Vitória e Maringá possuem menos de 400 mil moradores.

Para reduzir a distorção, causada pelo tamanho da população ou da economia das cidades, grande parte dos

dados utilizados na análise foram ajustados para refletir o desempenho proporcional das cidades em cada indicador. Os indicadores foram calculados de maneira cuidadosa e em função da natureza do dado. Em geral, apresenta-se o desempenho das cidades em cada indicador pelo número total de empresas da cidade, população ou PIB, dentre outros exemplos.

ABRANGÊNCIA GEOGRÁFICA E TEMPORAL DO ESTUDO

Conforme pode ser observado na metodologia, a partir da página 115, nesta segunda versão do estudo foram analisadas 32 cidades brasileiras, sendo 22 capitais. Essas cidades representam 41% das Scale-ups do país e mais de 37% do PIB nacional. Ainda que os indicadores incluídos neste relatório possam ser utilizados na avaliação de outras cidades brasileiras, são necessários cuidados e adaptações

ao transpor a análise para outros municípios. O estudo traz um retrato das cidades analisadas em um momento do tempo e, portanto, não reflete o seu desempenho histórico. Dessa forma, uma análise do ambiente empreendedor dessas cidades no tempo também requer ajustes e, sobretudo, um esforço de coleta de dados que ultrapassa os objetivos deste relatório.

INDICADORES E FONTES DE DADOS

Não existe produção de dados sistemáticos sobre ambiente empreendedor no Brasil e o acesso a informações confiáveis, principalmente a nível local, foi um dos maiores desafios deste projeto. Para coletar um conjunto extensivo de indicadores sobre 32 cidades brasileiras foram utilizadas diversas fontes.

As principais fontes de dados são bases públicas, cuja publicação acontece por vezes com dois ou até três anos de defasagem, como, por exemplo, o Produto Interno Bruto de cada município, publicado pelo IBGE. Ainda, quando determinado indicador era de responsabilidade estadual, como em grande parte dos indicadores do determinante de Ambiente Regulatório, foram utilizados, como convém, os mesmos valores para cidades do mesmo estado.

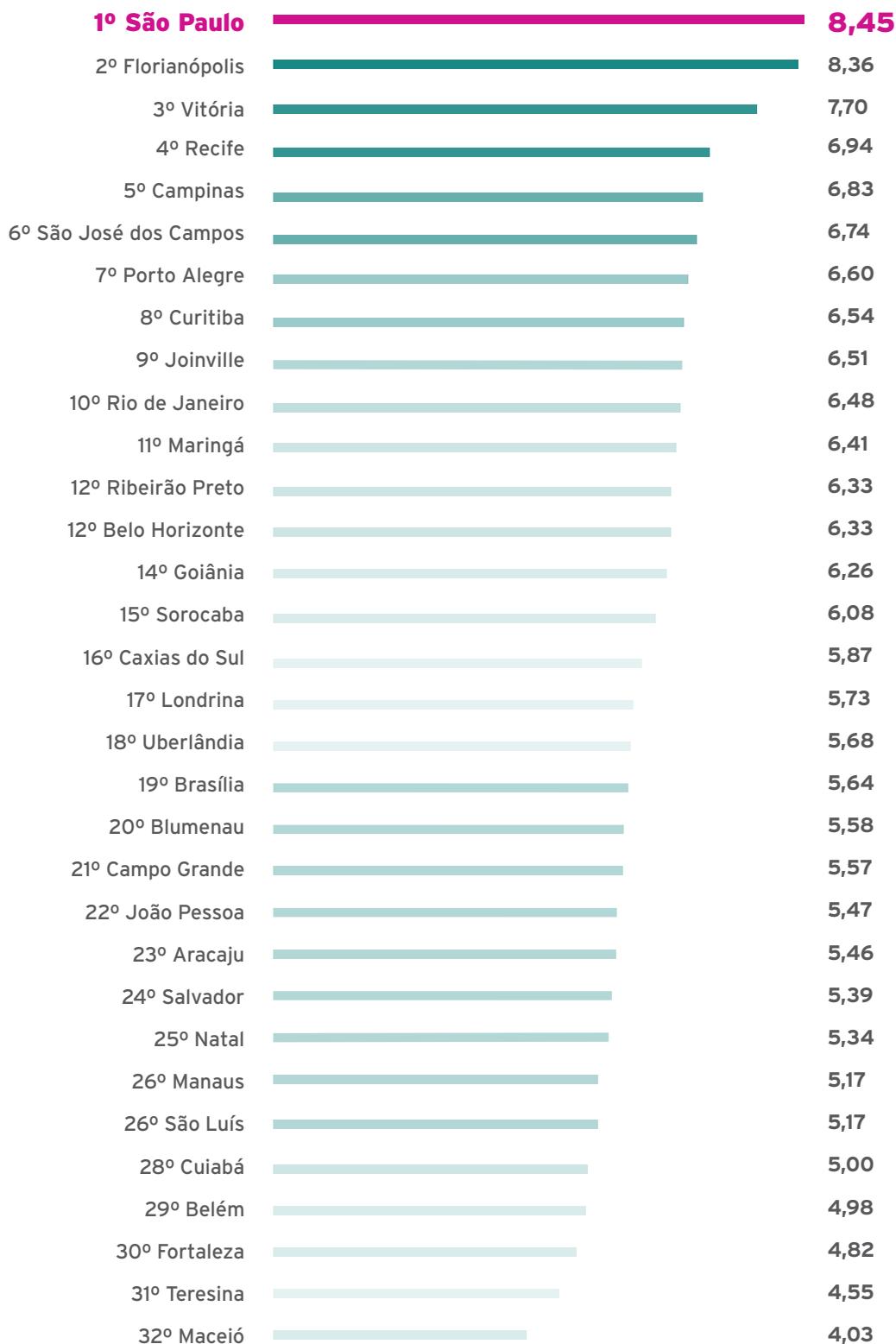
Por fim, para os casos em que não havia indicadores possíveis em fontes públicas, foram produzidos indicadores próprios ou “proxies”. Isto acontece para os dados sobre cultura empreendedora, cujos dados são baseados em uma pesquisa de campo feita em parceria com o Instituto META e a Opinion Box (para mais informações, veja pág. 130). O mesmo se passa ao analisar a complexidade burocrática e o acesso a capital de risco, em que se contou, respectivamente, com o apoio da SEDI e da EY, e da gestora de recursos Spectra Investments, com estudos na área de capital de risco publicados em conjunto com o Insper Instituto de Ensino e Pesquisa. A seção metodológica contém informações completas sobre todos os indicadores, fontes e formas de cálculo.

Disponibilidade do Indicador	● Indicador Público e Disponível	● Indicador sob domínio de terceiros	● Inexistente Obtida por pesquisa ¹
#Indicadores	33	9	13
Determinantes	<ul style="list-style-type: none">• MERCADO• CAPITAL HUMANO• INFRAESTRUTURA• INOVAÇÃO	<ul style="list-style-type: none">• ACESSO A CAPITAL• AMB. REGULATÓRIO• INOVAÇÃO	<ul style="list-style-type: none">• CULTURA

¹ Foi realizada uma pesquisa de campo com mais de 9.000 pessoas distribuídas nas 32 cidades.

ÍNDICE DE CIDADES

EMPREENDEDORAS 2015



A GIGANTE E A ILHA

Na edição 2015 do Índice de Cidades Empreendedoras, São Paulo e Florianópolis mais uma vez aparecem como referências de ambiente empreendedor. A maior cidade do Brasil beneficia-se com sua potência econômica e se destaca nos pilares de mercado, acesso a capital e infraestrutura, além de apresentar resultados consistentes também em inovação. Por ser o centro financeiro do país e ter o maior mercado consumidor, São Paulo é extremamente atraente aos empreendedores de alto impacto. Mesmo na segunda colocação, Florianópolis repete os excelentes resultados estruturais de 2014, como capital humano e inovação. A cidade é um exemplo de planejamento e da importância dos formuladores de políticas públicas para o desenvolvimento econômico, institucional e social, em uma história que começou há mais de 30 anos.

A FORÇA DO INTERIOR

Uma das novidades do ICE2015 é a avaliação do ambiente empreendedor em algumas cidades médias do Sudeste e Sul, como Campinas, São José dos Campos e Joinville. As três aparecem entre as 10 melhores, à frente de grandes capitais como Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Elas apresentaram resultados consistentes em infraestrutura e inovação, especialmente por terem boas universidades, com mais qualidade de vida e custos em geral mais baixos que os de grandes capitais. Empreendedorismo de alto impacto não é possível somente nas maiores cidades do país. Pelo contrário.

A CULTURA EMPREENDEDORA NORDESTINA

O Nordeste repete o resultado da 1ª edição do Índice de Cidades Empreendedoras, consolidando-se como a região com maior cultura empreendedora do país. Se ainda existem diversos desafios estruturais na região, a cultura local motiva e engaja a população para transformá-los. Para se inspirar, a região pode aproveitar o exemplo do Recife, 4º no ICE2015, puxado pela performance em ambiente regulatório e capital humano.





MUITO ESPAÇO PARA MELHORAR

O framework utilizado no ICE2015 reforça a necessidade de um olhar mais amplo sobre as dimensões essenciais ao empreendedorismo, evitando que os empreendedores tomem decisões apenas em função de uma variável única. Porém, mesmo as melhores cidades apresentam muitos pontos com resultados pouco favoráveis. Especialmente quando comparadas aos principais polos do empreendedorismo no mundo, as cidades brasileiras têm muito para avançar.

AGIR NO CURTO PRAZO MIRANDO O LONGO PRAZO

Alguns pilares, como capital humano ou infraestrutura, levam tempo para apresentarem melhorias significativas. Mesmo assim, toda ação de longo prazo demanda iniciativas de curto prazo para florescer. Portanto, é essencial mobilizar todos os stakeholders relevantes em torno de uma agenda estratégica para a melhoria do ambiente de negócios municipal no longo prazo. O primeiro passo é aprofundar as análises apresentadas neste estudo e replicar as boas práticas nacionais e internacionais, adaptando-as ao contexto local.





OS PILARES



AMBIENTE REGULATÓRIO

1º Goiânia	8,04
2º Campo Grande	7,54
3º João Pessoa	7,23
4º Uberlândia	7,18
5º Belém	7,14
6º São Luís	7,05
7º Recife	6,88
8º Vitória	6,81
9º Florianópolis	6,59
10º Ribeirão Preto	6,53
11º Maringá	6,42
12º São Paulo	6,37
13º Londrina	6,36
14º São José dos Campos	6,31
15º Brasília	6,20
16º Curitiba	6,17
17º Salvador	5,96
18º Aracaju	5,95
19º Manaus	5,90
20º Cuiabá	5,82
21º Campinas	5,78
22º Belo Horizonte	5,62
23º Joinville	5,58
24º Caxias do Sul	5,51
25º Natal	5,31
26º Sorocaba	4,87
27º Porto Alegre	4,77
28º Fortaleza	4,54
29º Blumenau	4,46
30º Maceió	4,39
31º Rio de Janeiro	4,37
32º Teresina	4,32

AMBIENTE REGULATÓRIO

Tempo de Processos	Custo de Impostos	Complexidade Tributária
Tempo de Abertura de Empresas ¹	Alíquota interna média do ICMS ¹	Obrigações Assessorias à cumprir ¹
Tempo para Regularização de Imóveis	Alíquota média do IPTU	Número de Atualizações Tributárias ¹
Taxa de Congestionamento em Tribunais ¹	Número médio de Incentivos Fiscais ¹	

¹ Indicadores estaduais

Que os sistemas jurídico e tributário brasileiros são bastante complexos, não é novidade alguma. Mesmo quem nunca tentou abrir ou reformar uma empresa deve saber que os processos burocráticos são lentos e os impostos, altos e complexos. Em conjunto, estes processos compõem o determinante chamado de Ambiente Regulatório - **ou seja, as regras e as obrigações a que todo empreendedor está sujeito**. Tudo isso interfere diretamente nas operações de uma empresa. Afinal, quanto mais ágil e descomplicado for o ambiente regulatório de uma cidade, mais o empreendedor poderá se concentrar no que realmente importa: oferecer

um produto ou serviço melhor para o cliente, cuidar do seu time e pensar em como levar sua empresa a outros patamares.

O interessante é que, embora o sistema como um todo apresente sérios problemas, há muitas disparidades entre as cidades analisadas. Ainda que existam diversas regras nacionais (como grande parte dos impostos e das leis), os governos estaduais e as prefeituras podem exercer significativa influência neste campo.

Para entender estas disparidades mais a fundo, neste ano a metodologia de análise do pilar foi aperfeiçoada, conforme detalhado na página 115 deste

relatório. Quando se fala em ambiente regulatório, procurou-se analisar tudo que toma tempo, é complexo e custa para o empreendedor. Nesse sentido, os indicadores levantados foram divididos em três subdeterminantes: (1) **tempo de processos**, que indica quanto tempo o empreendedor é obrigado a gastar para cumprir os principais aspectos da burocracia local (como a abertura de empresas); (2) **o custo de impostos**, medindo não só quão caros são os impostos em uma cidade, mas também o nível de incentivos fiscais; e, por fim, (3) **a complexidade tributária**, que avalia o quão complicado é pagar os impostos e acompanhar as atualizações tributárias em uma região.

Tempo de Processos

Cidade	Índice de Tempo de Processos	Tempo de abertura de empresas (dias)	Tempo para regularização de Imóveis (dias)	Taxa de congestionamento em tribunais
Uberlândia	7.86	24	96	64.9%
Goiânia	7.74	100	96	59.8%
João Pessoa	7.68	86	176	52.2%
Campo Grande	7.39	69	100	64.2%
Cuiabá	7.14	94	102	63.7%
Aracaju	7.10	133	127	58.1%
Maceió	6.81	55	191	58.9%
Recife	6.78	138	177	54.2%
Vitória	6.72	110	132	61.9%
São Paulo	6.65	88	94	70.0%
Belém	6.24	119	205	56.2%
Ribeirão Preto	6.14	113	94	70.0%
Curitiba	6.06	126	166	61.3%
São Luís	5.99	122	129	66.3%
Brasília	5.92	105	189	61.3%
Manaus	5.92	46	181	66.8%
Belo Horizonte	5.90	44	200	64.9%
São Jose dos Campos	5.89	79	124	70.9%
Sorocaba	5.85	138	94	70.0%
Maringá	5.81	156	161	61.3%
Campinas	5.78	144	94	70.0%
Londrina	5.72	156	166	61.3%
Teresina	5.63	110	161	66.1%
Florianópolis	5.47	177	123	66.3%
Rio de Janeiro	5.30	123	208	62.0%
Salvador	5.28	81	168	70.0%
Caxias do Sul	5.11	304	117	59.5%
Porto Alegre	4.62	260	177	59.5%
Fortaleza	4.61	245	208	57.2%
Joinville	4.31	177	193	66,3%
Blumenau	4.31	177	193	66,3%
Natal	4.28	215	241	58,1%
Média		129	153	63,06%
Fonte		SEDI	SEDI	CNJ
Ano		2015	2015	2015

OS PRIMEIROS DO ÚLTIMO

O Brasil, como um todo, aparece constantemente nas últimas colocações de rankings internacionais que analisam a burocracia mundo afora, como o Doing Business e o Índice de Competitividade Global². Mas, em um país com tamanho continental, somente a avaliação das especificidades de cada região permite entender como a burocracia local afeta o empreendedor. Só assim se pode começar a discutir soluções a partir de melhores práticas que existam pelo país. Por isso, neste estudo focado nas cidades brasileiras, procurou-se analisar os aspectos locais - aquilo que difere as cidades do país como um todo.

Neste Índice de Ambiente Regulatório, as três primeiras colocações pertencem a Goiânia, Campo Grande e João Pessoa, nessa ordem. **Em todas elas, parece haver um equilíbrio na forma como o Estado atua, priorizando a eficiência e facilitando a vida do empreendedor.** Entretanto, embora apresentem as melhores médias nos três subdeterminantes, há certos quesitos em que ainda enfrentam grandes desafios. Ou seja, em se falando de burocracia, até as melhores cidades do Brasil ainda podem melhorar muito.

PARTE DA SOLUÇÃO PARA A BUROCRACIA NAS DIFERENTES CIDADES É ENCONTRAR MANEIRAS DE REDUZIR E PADRONIZAR PROCESSOS

Isso posto, às análises: assim como em 2014, Goiânia se destaca como a cidade menos burocrática do país. A cidade não tem um indicador sequer abaixo da média das 32 analisadas, e isso se percebe, principalmente, pelo tempo de regularização de um imóvel: 96 dias, contra a média de

152. E ainda que tenha piorado no quesito tempo de abertura de empresas em relação ao ano passado (também em função da metodologia, mas principalmente porque o Corpo de Bombeiros está mais lento), a capital goiana continua mais rápida do que a média: são necessários 100 dias, contra os 129 da média das 32 cidades.

Já Campo Grande, segunda colocada, apresenta características similares: **impostos não tão altos e mais simples de serem pagos quando comparados ao restante.** São 2,8 obrigações acessórias, em média, enquanto há cidades, como Brasília e Maceió, que ultrapassam 6 documentos a serem preenchidos.

Em ambas as cidades do Centro-oeste, também foram registradas poucas atualizações tributárias recentemente, o que faz com que a vida do empreendedor fique "mais previsível". Goiânia e Campo Grande apresentaram, respectivamente, 95 e 81 atualizações em matérias tributárias nos últimos 3 anos - menos da metade da média das 32 cidades.

No caso de João Pessoa, o desempenho deve ser atribuído em parte ao estado: **a Paraíba é um dos estados onde é mais simples o pagamento de impostos locais (são cerca de 3,6 obrigações acessórias).** A capital também registra, na média, o menor nível de congestionamento dos tribunais (52,2%, enquanto a média é de aproximadamente 63%). Juntos, esses indicadores mostram que o empreendedor acaba perdendo menos tempo com o Ambiente Regulatório local.

O resultado final traz um dado importante: as cidades onde é mais rápido abrir uma empresa - Uberlândia (4ª colocada no Índice de Ambiente Regulatório) e Belo Horizonte (22ª) - não estão entre as melhores. Isso mostra que facilitar a abertura de empresas é só o primeiro passo. Em Uberlândia, por exemplo, por mais que se possa abrir um negócio em até 24 dias (em média), os incentivos fiscais que os empreendedores podem aproveitar são mais restritos e o custo do ICMS é maior se comparado à média.

² Doing Business 2016, do Banco Mundial, e Relatório de Competitividade Global 2014-15, do Fórum Econômico Global.

OS ÚLTIMOS DO ÚLTIMO

Complexidade, lentidão nos processos e impostos altos: tudo isso relegou a capital fluminense às últimas colocações no determinante de Ambiente Regulatório. Não é para menos: **regularizar um imóvel no Rio de Janeiro exige 208 dias, ou quase 7 meses, enquanto a média é de 153 dias.** Os impostos também são altos: o IPTU médio é de 2,88%, mais do que o dobro da média (1,34% sobre o valor venal do imóvel, em média) e sete vezes maior do que a taxa mais baixa (de Vitória, com 0,39%).

Quanto a Maceió, a antepenúltima, a cidade tem desempenho muito ruim em regularização de imóveis (191 dias) e obrigações acessórias a cumprir (6,45 procedimentos, o maior valor da amostra), além de praticamente não oferecer incentivos fiscais (0,42).

O GARGALO DA ABERTURA DE EMPRESAS

Por falar em abertura de empresas, trata-se de um quesito emblemático para o Brasil, justamente por ser o primeiro passo de um empreendedor. É a porta de entrada para a burocracia. **Nas cidades analisadas, leva-se em média 129 dias para legalizar um negócio.** O prazo varia de 11 dias para uma empresa simples do setor de Serviço em Belo Horizonte, até 385 dias para uma indústria em Caxias do Sul - e aqui são considerados apenas os processos comuns a todas as cidades.

Além delas, Fortaleza também enfrenta o desafio de facilitar a abertura de empresas. Lá, é preciso muita paciência: **são necessários no mínimo 148 dias para legalizar um negócio simples do setor de serviços** (mas a demora pode chegar a 298 dias em casos mais complexos, como na indústria). Quase 80% do problema se concentra em três processos: obtenção do Alvará de Funcionamento (entre 60 e 90 dias, dependendo da complexidade), Alvará do Corpo de Bombeiros (60 dias) e Alvará de Publicidade (outros 90 dias). Se esses períodos fossem reduzidos à metade, seria possível regularizar um negócio em cerca 150 dias - o que ainda seria muito, mas ao menos estaria mais próximo das demais cidades analisadas. Ou seja, o caminho para Fortaleza é longo.

O principal desafio nas cidades é melhorar o atendimento dos Corpos de Bombeiros. Em muitos casos, o Auto de Vistoria do órgão leva meses para ser concedido, e é obrigatório até para empresas sem qualquer risco de incêndio ou perigo. Esse procedimento, sozinho, é responsável por 40% do tempo de abertura nas cidades analisadas (cerca de 45 dias), em média. Caso as cidades pretendam aprimorar seus indicadores, melhorar esse processo já pode ser um bom começo.

Custo de Impostos

Cidades	Índice de Custo de Imposto	Alíquota interna média do ICMS	Alíquota média do IPTU	Número médio de Incentivos Fiscais
Brasília	8,85	12,92%	1,00%	1,90
Belém	7,91	14,40%	1,86%	3,55
Caxias do Sul	7,31	15,04%	0,41%	1,89
Vitória	7,16	15,04%	0,39%	1,67
Maringá	6,71	15,82%	1,00%	2,78
Londrina	6,71	15,82%	1,00%	2,78
Florianópolis	6,67	15,61%	1,26%	2,79
Porto Alegre	6,67	15,04%	1,10%	1,89
Goiânia	6,55	15,61%	1,00%	2,33
São Luís	6,45	15,61%	1,20%	2,43
Joinville	6,29	15,61%	1,67%	2,79
Ribeirão Preto	6,21	16,50%	0,60%	2,54
São José dos Campos	6,14	16,50%	0,68%	2,54
Curitiba	6,07	15,82%	1,68%	2,78
Recife	6,04	15,61%	1,89%	2,73
Salvador	6,04	15,61%	1,35%	2,09
João Pessoa	5,92	15,61%	1,50%	2,12
Fortaleza	5,92	15,61%	1,67%	2,32
Manaus	5,82	15,61%	0,90%	1,29
Cuiabá	5,79	15,61%	0,40%	0,67
Natal	5,74	15,61%	1,00%	1,30
Uberlândia	5,48	15,99%	1,00%	1,45
São Paulo	5,47	16,50%	1,40%	2,54
Campinas	5,43	16,50%	1,44%	2,54
Teresina	5,42	15,61%	1,18%	1,11
Rio de Janeiro	5,12	15,94%	2,88%	3,15
Campo Grande	5,06	15,61%	1,00%	0,44
Belo Horizonte	5,05	15,99%	1,46%	1,45
Maceió	5,04	15,61%	1,00%	0,42
Blumenau	4,58	15,61%	3,50%	2,79
Aracaju	4,39	15,61%	1,60%	0,31
Sorocaba	3,97	16,50%	3,00%	2,54
	Média	15,63%	1,34%	2,06
	Fonte	EY	EY	EY
	Ano	2015	2015	2015

Complexidade tributária

Cidades	Índice de Complexidade Tributária	Obrigações Acessórias a cumprir	Número de Atualizações Tributárias
Campo Grande	7,91	2,77	81
São Luís	7,17	3,77	25
Natal	6,93	3,66	96
Goiânia	6,83	3,77	95
Florianópolis	6,76	4,11	38
Joinville	6,76	4,11	38
Blumenau	6,76	4,11	38
Salvador	6,62	4,11	67
Recife	6,52	3,22	271
Uberlândia	6,47	4,22	76
Belo Horizonte	6,47	4,22	76
Ribeirão Preto	6,45	3,66	193
São José dos Campos	6,45	3,66	193
São Paulo	6,45	3,66	193
Campinas	6,45	3,66	193
Sorocaba	6,45	3,66	193
Aracaju	6,44	3,77	174
João Pessoa	6,27	3,66	230
Maringá	6,12	4,11	168
Londrina	6,12	4,11	168
Curitiba	6,12	4,11	168
Manaus	6,11	4,56	79
Belém	5,60	5,00	92
Vitória	5,36	4,49	246
Fortaleza	5,24	5,22	120
Rio de Janeiro	5,08	5,00	196
Caxias do Sul	4,83	3,77	501
Porto Alegre	4,83	3,77	501
Cuiabá	4,79	2,77	713
Teresina	4,38	4,22	500
Maceió	3,69	6,45	183
Brasília	3,53	6,00	306
Média		4,11	194,09
Fonte		EY	EY
Ano		2015	2015

BOAS PRÁTICAS PELO MUNDO

“Tu empresa en un día” | Chile

Não é preciso ir muito longe para se encontrar iniciativas transformadoras deste pilar. O Chile, por exemplo, fornece um caso bastante inspirador. Desde o início de 2010, o Governo do país vem tentando reduzir a informalidade e encorajar empreendedores a regularizarem seus negócios.

Em 2013, estes esforços resultaram em **uma lei que permitiu a empreendedores registrarem suas empresas eletronicamente, com rapidez e sem despesas**. O principal diferencial é a integração de sistemas de diversos órgãos - algo que é muito buscado no Brasil, mas com pouca eficácia.

O resultado? Entre 2010 e 2013, o tempo para abrir uma empresa caiu de 40 dias (um terço do brasileiro) para os atuais 5,5 dias. E, com o lançamento do portal “Tu empresa en un día”, mais de 75% das empresas com classificação “Limitada (Ltda)” são abertas pelo sistema.

Diminuindo impostos e aumentando a arrecadação | Egito

Outro exemplo inspirador vem de um país um pouco mais distante. Em apenas um ano, **o Egito conseguiu aumentar em mais de 75% sua receita tributária por meio de uma reforma fiscal** que reduzia a cobrança de impostos, combatia isenções e promovia transparência nos trâmites de arrecadação.

Antes da reforma, 37% da força de trabalho estavam na informalidade. Os impostos direcionados às empresas eram altos, a desconfiança

em relação às autoridades, recorrente, e a evasão fiscal, extremamente comum. Todos esses fatores contribuíram para um déficit orçamentário de 40 bilhões de libras egípcias em 2004 (cerca de R\$ 16 bilhões), equivalente a 8,3% do PIB do país.

Ao adotar o pacote de medidas que envolvia, entre outras, **uma estrutura fiscal mais simples, o perdão de evasões fiscais anteriores e menos espaço para**

interpretações, o cenário mudou de forma significativa. O número de contribuintes saltou de 1,7 milhões em 2005 para 2,5 milhões em 2006. E, mesmo com a cobrança de taxas mais baixas, a receita de impostos pagos por empresas aumentou de 22 bilhões para 39 bilhões de libras egípcias (cerca de R\$8 bilhões para R\$15 bilhões). Tudo isso, claro, contribuiu para um ambiente regulatório muito mais favorável às empresas, sem gerar déficit para o país.



INFRAESTRUTURA

1º São Paulo	8,25
2º Sorocaba	7,36
3º Joinville	7,23
4º Campinas	7,20
5º Ribeirão Preto	7,06
6º São José dos Campos	6,73
7º Curitiba	6,70
8º Blumenau	6,68
9º Salvador	6,66
10º Vitória	6,64
11º Recife	6,63
12º Aracaju	6,61
13º Florianópolis	6,49
14º Maringá	6,35
15º Porto Alegre	6,22
16º Caxias do Sul	6,21
17º Londrina	5,99
18º Rio de Janeiro	5,90
19º Natal	5,78
20º Goiânia	5,74
21º Campo Grande	5,65
22º João Pessoa	5,43
23º Belo Horizonte	5,43
24º Brasília	5,42
25º Uberlândia	5,41
26º Fortaleza	5,22
27º Manaus	5,10
28º Maceió	4,80
29º Teresina	4,52
30º São Luís	4,26
31º Cuiabá	4,21
32º Belém	4,11

INFRAESTRUTURA

Transporte Interurbano			Condições Urbanas	
Conectividade via rodovias (km)	Número de passageiros em voos diretos por ano	Distância ao porto mais próximo (km)	Acesso à Internet rápida	Preço médio do m ² (em reais)
			Custo médio da energia elétrica	Taxa de homicídios (para cada 100 mil habitantes)

A questão da infraestrutura entrou há tempos na pauta do desenvolvimento brasileiro. Muito já se debateu e se debate a respeito do sistema de transportes e logística, de produção, de comunicação e de tudo o que compõe a base de serviços necessários para que a economia do país avance - e, com ela, o crescimento das empresas.

Afinal, do e-commerce que importa calçados e revende em todo o Brasil à fábrica de componentes eletrônicos, qualquer empreendimento depende intimamente de infraestrutura. O negócio de e-commerce, por exemplo, precisa de um serviço de internet de boa qualidade; a fábrica precisa de um bom espaço para montar suas instalações, além de energia elétrica a preço baixo; já os

componentes que serão revendidos precisam chegar, com o menor tempo e custo possíveis, na porta dos clientes - seja por avião, caminhão, ou qualquer outro meio de transporte. Quanto melhores forem as condições logísticas, de produção e das comunicações de uma cidade, menores serão os custos de produção e maior será a eficiência das operações. No final, todo mundo sai ganhando: o empreendedor, com a facilidade na hora de produzir e distribuir seu produto, e a população, com preços mais acessíveis.

São esses os fatores avaliados no pilar de Infraestrutura, mas circunscritos às cidades. Abordam-se questões relacionadas ao cotidiano dos municípios, como segurança e custo de imóveis, para que se entenda de

que forma a infraestrutura interfere diretamente na vida dos empreendedores, de seus funcionários e de seus clientes.

A avaliação se deu por meio de indicadores divididos em dois grupos: o primeiro diz respeito ao **transporte interurbano**, que compreende a disposição das rodovias, aeroportos e a distância até os portos. É a conectividade da cidade. O segundo se relaciona às **condições urbanas**, que incluem segurança e a conexão à internet rápida - além do custo dos serviços, representado pelas condições imobiliárias e pelo gasto com energia elétrica. Esses indicadores estão ligados diretamente aos custos para os empreendedores, interferindo em sua competitividade.

Transporte Interurbano

Cidade	Índice de Transporte Interurbano	Conectividade via Rodovias (km)	Nº de passageiros em voos diretos por ano	Distância ao porto mais próximo (km)
São Paulo	9,51	43311	57.671.768	94
Rio de Janeiro	7,88	47759	27.242.384	0
Campinas	6,87	43241	9.846.853	186
Sorocaba	6,79	43598	8.862.168	197
Curitiba	6,66	49234	7.376.743	92
Vitória	6,54	50404	3.522.674	0
Salvador	6,53	59252	9.152.159	0
Belo Horizonte	6,51	44679	10.561.589	439
São José dos Campos	6,31	44750	169.380	178
Joinville	6,29	51103	493.239	47
Florianópolis	6,21	56402	3.629.074	96
Porto Alegre	6,20	67766	8.447.380	0
Ribeirão Preto	6,13	42514	1.079.430	406
Recife	6,03	70918	7.190.381	0
Aracaju	6,02	62077	1.377.535	0
Blumenau	6,01	53945	1.216.401	210
Maceió	5,90	66564	1.893.688	0
Londrina	5,85	47383	1.131.995	488
Uberlândia	5,78	42483	1.137.727	668
Maringá	5,74	48718	831.134	524
Fortaleza	5,72	76518	6.501.822	55
Brasília	5,69	46200	18.146.405	1296
João Pessoa	5,62	73728	1.327.284	0
Natal	5,56	77354	2.515.378	0
São Luís	5,55	76599	1.833.799	0
Belém	5,50	81154	3.913.935	0
Caxias do Sul	5,33	63183	215.597	439
Goiânia	5,28	46174	3.363.192	1023
Teresina	5,17	69147	1.173.643	438
Campo Grande	4,85	53605	1.638.513	1088
Manaus	4,07	121760	3.389.867	0
Cuiabá	3,90	62525	3.302.940	1619
Média		58876	6567377	299
Fonte		Google Maps	Infraero e concessionárias	Receita Federal e Google Maps
Ano		2015	2014	2015

GRANDES E CONECTADAS OU PEQUENAS E AGRADÁVEIS

Quando se analisa os resultados, percebe-se uma clara dicotomia entre os aspectos da infraestrutura nas cidades brasileiras. De um lado, municípios grandes e centrais, em geral muito conectados. Do outro, cidades menores, mas com condições internas melhores e custos mais baixos, principalmente. Os resultados são claros: entre as dez primeiras cidades no subdeterminante de transporte interurbano, apenas Curitiba, Joinville e Salvador não estão no Sudeste, e somente Vitória tem menos de 500 mil habitantes. Na análise das melhores condições urbanas, a situação se inverte: apenas Campinas e Recife têm mais de 1 milhão de habitantes (e mesmo elas não podem ser consideradas gigantes, já que a população não ultrapassa os 2 milhões de pessoas)

No fim das contas, com a exceção de São Paulo, as melhores cidades combinam condições acima da média (mas sem grandes destaques) em ambos os indicadores. Sorocaba e Joinville, por exemplo, não conquistaram nenhuma das primeiras colocações nos subdeterminantes, mas mantêm boa performance geral. E se destacam em alguns indicadores: a cidade catarinense, por exemplo, tem o terceiro melhor preço médio do metro quadrado (R\$ 2.773, enquanto a média das 32 analisadas é de R\$ 4.362). Por outro lado, é a 3º pior cidade quanto ao número de passageiros por transporte aéreo (registra menos de 1% em relação a São Paulo).

Já a capital paulista vai muito bem no quesito transporte interurbano. São Paulo é o grande *hub* do Brasil, e um sinal claro são seus aeroportos: com mais de 57 milhões de passageiros por ano, o número chega a ser 112% maior que o do segundo colocado, Rio de Janeiro. Por outro lado, qualquer paulistano sabe que as condições internas de infraestrutura poderiam ser melhores. A cidade é cara - o preço do m² é o segundo pior (R\$ 8.351, quase o dobro

da média) - e apresenta resultados medianos em acesso à internet e custo da energia, ainda que a taxa de homicídios seja a 5ª menor da amostra. Quando ambas as subdeterminantes são colocadas na balança, no entanto, prevalece a conectividade paulistana, e a capital surge como uma espécie de exceção que confirma a regra de equilíbrio entre conectividade e qualidade de vida interna.

O mesmo não acontece com o Rio de Janeiro. Apesar de registrar o 2º melhor resultado na subdeterminante de transporte interurbano, a capital carioca tem, com folga, a segunda pior condição urbana do país. Isso se deve a inúmeros fatores. Assim como em São Paulo, o RJ se destaca negativamente com o metro quadrado mais caro (R\$ 10.893, quatro vezes mais caro do que a cidade mais barata, Blumenau, com R\$ 2.499), e indicadores inferiores em segurança e custo de energia.

Na lanterna está Belém, sem qualquer destaque positivo. Além do 2º pior indicador no quesito conectividade via rodovias - 81.154 km -, a cidade vai mal em diversos indicadores. Entre eles está o tamanho restrito do aeroporto (3,9 milhões de passageiros/ano); o alto custo de energia (a mais cara) e um dos piores índices de segurança (na 23ª posição).

**O “SEGREDO” DE
BOAS CONDIÇÕES EM
INFRAESTRUTURA É
CONSEGUIR UNIR AS
CONEXÕES DAS GRANDES
CIDADES COM A QUALIDADE
DE VIDA DAS MENORES**

Condições Urbanas

Cidade	Índice Condições Urbanas	Acesso à internet rápida	Preço médio do m ²	Custo médio da energia elétrica	Taxa de homicídios (para cada 100 mil habitantes)
Joinville	7,40	6,10%	R\$ 2.773	R\$ 0,44436	14,63
Ribeirão Preto	7,34	4,97%	R\$ 3.417	R\$ 0,41960	11,24
Sorocaba	7,08	4,90%	R\$ 3.160	R\$ 0,43611	15,26
Caxias do Sul	6,97	5,64%	R\$ 3.170	R\$ 0,44680	22,14
Blumenau	6,93	3,22%	R\$ 2.499	R\$ 0,44436	7,60
Recife	6,84	7,42%	R\$ 5.955	R\$ 0,39520	40,64
Aracaju	6,82	6,30%	R\$ 3.004	R\$ 0,40935	59,23
Campinas	6,79	5,22%	R\$ 5.161	R\$ 0,41960	15,20
Maringá	6,74	7,68%	R\$ 3.591	R\$ 0,49231	22,29
São José dos Campos	6,68	3,21%	R\$ 3.657	R\$ 0,43340	9,36
Manaus	6,68	0,69%	R\$ 3.929	R\$ 0,32081	43,44
Campo Grande	6,67	4,48%	R\$ 2.641	R\$ 0,46470	18,86
Florianópolis	6,47	5,19%	R\$ 5.292	R\$ 0,44436	12,80
Salvador	6,38	4,60%	R\$ 4.533	R\$ 0,38840	52,09
Goiânia	6,37	7,04%	R\$ 4.056	R\$ 0,43830	56,69
Vitória	6,34	9,14%	R\$ 5.027	R\$ 0,46450	53,12
Curitiba	6,31	9,18%	R\$ 5.183	R\$ 0,49231	36,62
Natal	6,14	2,44%	R\$ 3.299	R\$ 0,37590	62,30
Londrina	6,14	4,71%	R\$ 3.218	R\$ 0,49231	21,21
Porto Alegre	6,11	5,95%	R\$ 5.040	R\$ 0,44680	38,49
Cuiabá	5,63	3,19%	R\$ 3.357	R\$ 0,46520	40,36
João Pessoa	5,60	3,19%	R\$ 3.050	R\$ 0,41820	72,76
São Paulo	5,59	4,96%	R\$ 8.351	R\$ 0,43611	13,66
Brasília	5,51	6,21%	R\$ 8.143	R\$ 0,43676	32,94
Uberlândia	5,41	3,19%	R\$ 2.991	R\$ 0,50974	28,76
Fortaleza	5,20	5,94%	R\$ 5.523	R\$ 0,41800	88,21
Teresina	4,78	0,55%	R\$ 3.107	R\$ 0,47300	47,10
Belo Horizonte	4,71	4,71%	R\$ 5.796	R\$ 0,50974	39,77
Maceió	4,45	3,20%	R\$ 3.078	R\$ 0,46900	93,10
São Luís	4,05	0,73%	R\$ 2.818	R\$ 0,46435	89,57
Rio de Janeiro	3,98	3,89%	R\$ 10.893	R\$ 0,46860	20,64
Belém	3,90	0,85%	R\$ 3.880	R\$ 0,52539	48,60
	Média	4,65%	R\$ 4.362,25	R\$ 0,44574	38,40
	Fonte	Anatel	FIPE	Aneel	Sinesp
	Ano	2015	2015	2015	2014

BOAS PRÁTICAS PELO MUNDO

Um país online | Estônia

Algumas iniciativas mundo afora comprovam que, quando há planejamento e empenho, o cenário de infraestrutura pode mudar radicalmente para melhor. É o caso da Estônia, um minúsculo país do leste europeu que saiu do isolamento da Guerra Fria para se tornar um dos locais mais conectados do mundo.

Isto, devido a um exemplar **serviço de wi-fi, que é grátis e está literalmente em todos os cantos**. Pode-se dirigir por mais de cem quilômetros sem jamais se perder o sinal. Isso é resultado de uma concepção diferente

a respeito da internet, que se tornou um serviço básico, assim como são, em outros países, a água encanada ou a limpeza das ruas. Isso porque, para a Estônia, que viveu por tanto tempo sob direção soviética, **a internet é um símbolo de democracia e liberdade**.

O esforço maior foi do governo, ao construir um imenso sistema de acessos públicos à internet para quem não era capaz de arcar com as despesas do serviço privado. Isso deflagrou uma onda sem precedentes de adesão à rede, da qual todos os setores da

sociedade acabaram por participar.

Hoje, o país apresenta números de conexão nada menos do que extraordinários: **42 serviços públicos são gerenciados exclusivamente pela internet (no Brasil, por exemplo, cerca de 20% dos funcionários públicos sequer utilizaram internet no trabalho no último ano), 97% das escolas possuem acesso à rede, e pode-se até votar online**. Uma infraestrutura de rede nada má para um país onde, duas décadas atrás, metade da população sequer tinha uma linha telefônica.

Um Chief Technology Officer para o governo | Amsterdã

Chief Technology Officer (CTO) é um termo popular entre empresas de tecnologia, e é usado para designar o responsável pela área tecnológica do negócio. Amsterdã, capital da Holanda, não é uma empresa, mas também tem um CTO para chamar de seu. Recentemente, a prefeitura da cidade criou o cargo, cujo principal papel é diminuir gargalos de infraestrutura ao incentivar e apoiar projetos inovadores na cidade, nas mais diversas esferas.

Esta tarefa cabe a Katalin Gallyas, que coordena a equipe responsável por

fornecer a direção estratégica para as soluções tecnológicas desenvolvidas. O único pré-requisito, claro, é que estas soluções melhorem a qualidade de vida da população local. Além disso, todos os servidores públicos são encorajados a inovar, trabalhando lado a lado com o time do CTO para aprender novas capacidades e criar novas conexões.

Os resultados da iniciativa, batizada Amsterdam Smart City, são inúmeros projetos, nas mais diversas áreas. Há praticamente de tudo: plataformas online para debates

sobre a cidade, hackathons (maratonas hackers) para o desenvolvimento de apps e outras inovações, soluções que permitem o monitoramento das finanças públicas pela população, jogos online para incentivar jovens a economizar energia, entre outros. E Katalin Gallyas quer ir além: prevê, nos próximos anos, a implantação de 1.500 dispositivos beacons (uma espécie de GPS mais acurado) no sistema de transporte público, para oferecer aos cidadãos informações mais personalizadas, precisas e em tempo real.



MERCADO

1º São Paulo	7,63
2º Manaus	7,54
3º Brasília	7,53
4º Vitória	7,49
5º São Luís	7,21
6º Sorocaba	7,04
7º Rio de Janeiro	7,04
8º Caxias do Sul	7,01
9º São José dos Campos	6,63
10º Blumenau	6,62
11º Campinas	6,56
12º Joinville	6,52
13º Curitiba	6,37
14º Recife	6,28
15º Belém	6,15
16º Florianópolis	6,02
17º Campo Grande	5,86
18º Porto Alegre	5,81
19º Belo Horizonte	5,75
20º Fortaleza	5,64
21º Teresina	5,63
22º Ribeirão Preto	5,27
23º Uberlândia	5,26
24º Aracaju	5,10
25º Londrina	5,00
26º Goiânia	4,98
27º Salvador	4,91
28º Maceió	4,80
29º Maringá	4,74
30º Natal	4,72
31º Cuiabá	4,71
32º João Pessoa	4,18

MERCADO					
Desenvolvimento Econômico			Clientes Potenciais		
PIB Total	Crescimento real médio do PIB (em 3 anos)	Proporção de Empresas Exportadoras	PIB per Capita	Proporção entre Grandes/ Médias empresas e entre Médias/Pequenas	Compras públicas (média por empresa)

Empreendedores com ideias revolucionárias; mão de obra altamente qualificada; infraestrutura favorável; incentivos do poder público; impostos menores, com pagamento facilitado: tudo isso é muito bem-vindo, mas não surtirá efeito algum se não houver mercado para os serviços e produtos oferecidos.

Afinal, para funcionar, um negócio - qualquer negócio - precisa vender. É indispensável que o empreendedor tenha acesso a mercados para poder comercializar sua ideia - seja nos modelos Business-to-consumer (B2C), Business-to-business (B2B) ou Business-to-government (B2Gov).

Por isso, cidades com mercados maiores tendem a atrair mais empreendedores - principalmente se o negócio exigir vendas presenciais ou estiver no início das operações. Nas cidades em que o mercado é pequeno, o empreendedor que quiser crescer terá de buscar novas fronteiras rapidamente, seja no Brasil ou mesmo exportando.

É precisamente uma análise sobre a situação destes mercados nas cidades brasileiras o foco deste pilar. A avaliação foi realizada por meio de dois conjuntos de indicadores: o subdeterminante **desenvolvimento econômico**, que dimensiona o

tamanho do mercado, o crescimento econômico local e o acesso a mercados estrangeiros - fatores que impactam o potencial e o horizonte do crescimento da empresa.

Já o segundo subdeterminante apresenta os **clientes potenciais** das empresas: o consumidor final (B2C), por meio do PIB per capita; as empresas (B2B), medindo-se a proporção de grandes empresas na cidade; e o gasto público direcionado aos investimentos e compras dos governos municipais (B2Gov), lembrando do papel do governo como um importante consumidor.

Desenvolvimento Econômico

Cidades	Índice de Desenvolvimento Econômico ¹	PIB Total	Crescimento real médio do PIB (em 3 anos)	Proporção de empresas exportadoras
São Paulo	8,22	R\$ 499.375.401	1,87%	1,05%
Caxias do Sul	7,99	R\$ 16.651.357	4,13%	2,19%
São Luís	7,16	R\$ 24.601.718	9,76%	0,14%
Joinville	7,02	R\$ 18.299.283	4,69%	1,32%
Rio de Janeiro	6,99	R\$ 220.924.561	2,18%	0,53%
Vitória	6,93	R\$ 28.655.025	6,43%	0,63%
Sorocaba	6,72	R\$ 19.019.098	3,46%	1,35%
Blumenau	6,70	R\$ 10.927.079	5,51%	1,18%
Campinas	6,69	R\$ 42.766.024	3,65%	0,86%
Recife	6,67	R\$ 36.821.898	7,12%	0,16%
Florianópolis	6,39	R\$ 12.614.711	7,94%	0,35%
Curitiba	6,31	R\$ 59.151.308	2,19%	0,74%
Brasília	6,28	R\$ 171.235.534	2,38%	0,11%
Manaus	6,15	R\$ 49.824.579	0,70%	1,05%
Fortaleza	6,07	R\$ 43.402.190	4,53%	0,21%
Londrina	6,04	R\$ 12.826.470	5,94%	0,52%
Porto Alegre	5,96	R\$ 48.002.209	2,40%	0,55%
Goiânia	5,94	R\$ 30.131.330	5,08%	0,19%
Ribeirão Preto	5,93	R\$ 20.300.802	4,42%	0,54%
Campo Grande	5,92	R\$ 16.970.656	6,31%	0,21%
São José dos Campos	5,88	R\$ 28.089.096	1,71%	0,93%
Belo Horizonte	5,83	R\$ 58.374.103	2,46%	0,34%
Maringá	5,66	R\$ 10.246.122	5,05%	0,57%
Uberlândia	5,22	R\$ 21.420.638	3,25%	0,26%
Teresina	5,15	R\$ 12.306.772	5,36%	0,04%
Cuiabá	4,87	R\$ 13.298.345	3,70%	0,16%
Belém	4,86	R\$ 20.557.946	0,72%	0,59%
Aracaju	4,75	R\$ 9.813.852	4,58%	0,04%
Maceió	4,70	R\$ 13.694.808	3,38%	0,09%
Salvador	4,45	R\$ 39.866.168	-0,30%	0,17%
Natal	4,34	R\$ 13.291.177	1,84%	0,19%
João Pessoa	4,24	R\$ 11.225.777	2,40%	0,09%
Média		R\$ 51.083.939	3,90%	0,54%
Fonte		IBGE	IBGE	MDIC
Ano		2012	2010-2012	2014

¹Para o cálculo final, os valores do PIB foram logaritimizados.

SÃO PAULO MANTÉM A PONTA

Assim como ocorreu em 2014, a metrópole paulista apresentou o melhor resultado final neste pilar. **Não é para menos: o PIB paulistano é de aproximadamente R\$ 500 bilhões, o que representa mais de 10% da produção nacional e é 126% maior do que o do segundo colocado, o Rio de Janeiro.** É também a sexta cidade com mais empresas exportadoras, o que garante à capital paulista o primeiro lugar no subdeterminante de desenvolvimento econômico. Quando se trata de clientes potenciais, no entanto, o desempenho de São Paulo fica um pouco atrás, especialmente no quesito distribuição de renda - que contabiliza o Índice de Gini junto ao PIB per capita: a cidade é a segunda mais desigual entre todas as 32 analisadas, só à frente de Recife e muito atrás das líderes Blumenau e Joinville.

É justamente no subdeterminante clientes potenciais que Manaus se destaca e garante a vice-liderança em Mercado. **O destaque é devido principalmente à concentração de grandes empresas na Zona Franca (a proporção entre grandes e médias empresas é de 1 para 3, enquanto a proporção nas demais cidades é de 1 para 5),** e também ao valor médio das compras feitas pelo governo municipal (70% superior à média das demais cidades). Por outro lado, a cidade apresentou o segundo pior crescimento econômico do PIB (0,70% na média entre 2010 e 2012) - algo que, se melhorado nos próximos anos, pode levar a capital amazonense ao topo do ranking de Mercado.

A sequência do ranking de Mercado é marcada por outras três capitais -Brasília, Vitória e São Luís, respectivamente - não por coincidência, já que a renda tende a fluir para os centros dos estados. **Na sexta colocação, entretanto, aparece Sorocaba, com destaque para o nível de exportação** (quesito em que é a segunda colocada, onde a proporção de empresas exportadoras é de cerca de 1,35% do total - a média é 0,54%).

Exportação, aliás, é o fator que ajuda outras “não-capitais” a se destacarem: Caxias do Sul, com uma proporção de 2,19% (8ª no pilar de Mercado), e Joinville, com 1,32%. **Ao se observar estas proporções, é possível perceber a importância de se buscar novos mercados, especialmente quando as cidades são menores.** Entre as oito primeiras cidades nesse aspecto, seis são do interior (além das três citadas, Blumenau, São José dos Campos e Campinas).

MERCADOS GLOBAIS SÃO ALTERNATIVAS PARA MOMENTOS DE CRISE, MAS APENAS CERCA DE 0,5% DAS EMPRESAS EXPORTAM NO PAÍS

Já Florianópolis, vice-líder do Índice de Cidades Empreendedoras, apesar de ser uma das cidades que mais crescem no país, apresenta uma condição mediana em Mercado. Isso se deve especialmente aos fatos de lá existirem poucas empresas médias e da Prefeitura gastar pouco em compras de terceiros. **Esse talvez seja o principal desafio da capital catarinense: seus empreendedores devem olhar para além da ilha.**

Por fim, na parte de baixo da tabela, aparecem Natal, Cuiabá, Salvador e João Pessoa. Algumas questões explicam a situação, como o baixo acesso a mercados estrangeiros e o fraco crescimento econômico - especialmente se comparado às capitais nordestinas. **Salvador, por exemplo, foi a única cidade entre as analisadas a apresentar retração econômica.**

Clientes Potenciais

Cidades	Índice de Clientes Potenciais	PIB per Capita	Proporção entre Grandes/Médias empresas e entre Médias/Pequenas	Compras públicas (média por empresa)
Manaus	8,33	R\$ 26.761	27,79%	R\$ 76.009,08
Brasília	8,17	R\$ 64.653	21,78%	R\$ 71.580,71
Vitória	7,46	R\$ 86.009	20,21%	R\$ 35.728,35
Belém	7,38	R\$ 14.576	26,33%	R\$ 67.428,64
São José dos Campos	7,13	R\$ 43.644	18,82%	R\$ 68.574,85
Sorocaba	6,96	R\$ 31.662	20,10%	R\$ 66.698,64
São Luís	6,78	R\$ 23.664	25,28%	R\$ 47.914,13
Rio de Janeiro	6,68	R\$ 34.572	21,18%	R\$ 58.790,94
São Paulo	6,40	R\$ 43.895	19,87%	R\$ 50.381,66
Blumenau	6,30	R\$ 34.564	20,33%	R\$ 38.307,65
Curitiba	6,29	R\$ 33.292	20,88%	R\$ 44.179,18
Teresina	6,26	R\$ 14.823	22,67%	R\$ 55.004,16
Campinas	6,21	R\$ 38.927	17,90%	R\$ 53.585,66
Campo Grande	5,87	R\$ 21.071	19,66%	R\$ 52.007,92
Joinville	5,82	R\$ 34.767	19,86%	R\$ 28.516,18
Aracaju	5,80	R\$ 16.699	22,23%	R\$ 43.094,01
Salvador	5,80	R\$ 14.706	21,89%	R\$ 47.103,25
Recife	5,78	R\$ 23.679	20,79%	R\$ 47.363,17
Belo Horizonte	5,77	R\$ 24.365	19,79%	R\$ 47.393,90
Porto Alegre	5,74	R\$ 33.883	19,89%	R\$ 37.223,24
Florianópolis	5,64	R\$ 29.123	21,49%	R\$ 25.312,75
Caxias do Sul	5,63	R\$ 37.259	17,47%	R\$ 33.185,19
Natal	5,60	R\$ 16.257	20,28%	R\$ 47.956,67
Uberlândia	5,59	R\$ 34.575	19,79%	R\$ 24.307,31
Maceió	5,37	R\$ 14.364	20,40%	R\$ 42.984,13
Fortaleza	5,35	R\$ 17.360	19,96%	R\$ 41.729,09
Cuiabá	5,06	R\$ 23.691	19,47%	R\$ 28.902,61
Ribeirão Preto	4,90	R\$ 32.757	16,37%	R\$ 28.141,39
João Pessoa	4,83	R\$ 15.119	19,85%	R\$ 29.559,55
Goiânia	4,43	R\$ 22.591	17,17%	R\$ 23.967,51
Londrina	4,35	R\$ 24.872	15,64%	R\$ 23.789,19
Maringá	4,32	R\$ 27.887	14,28%	R\$ 24.900,82
	Média	R\$ 29.877	20,29%	R\$ 44.113,17
	Fonte	IBGE	Microdados da RAIS	FINBRA (STN)/MTE
	Ano	2012	2014	2014

BOAS PRÁTICAS PELO MUNDO

Startups inovando para o governo | Barcelona

Para os governos, ser radicalmente inovador às vezes é mais complicado do que se imagina: o ritmo é em geral mais lento se comparado ao setor privado, e há menos espaços para testes e erros. Por que não, então, permitir que startups criem projetos que melhorem a vida dos cidadãos de uma cidade?

É isso que tem sido feito em **Barcelona**: o Governo define quais

são seus desafios e, na sequência, a comunidade e seus empreendedores são convidados a apresentar soluções. **Partindo de mais ideias, essa abordagem geralmente traz respostas mais baratas e eficazes do que a administração da cidade poderia ter desenvolvido por conta própria.** Neste experimento, chamado de **Barcelona Open Challenge**, foram levantados seis desafios, de “reduzir o roubo de bicicletas na cidade” à

“digitalização de documentos e arquivos em museus”.

Trata-se de uma maneira inteligente de encontrar bons fornecedores e apoiar novos negócios ao mesmo tempo. As startups premiadas, além de terem a oportunidade de resolver um problema de toda a cidade, receberam entre € 96 mil e € 180 mil (algo em torno de R\$ 400 mil e R\$ 800 mil).

Empreendendo além das fronteiras | Israel

Um segundo exemplo vem de um país pequeno - fato que praticamente obriga as empresas locais a explorarem mercados internacionais. Tal necessidade, somada a uma série de outros fatores, vem transformando Israel em **uma máquina de explorar mercados estrangeiros**. A ponto de se tornar o segundo país com mais empresas abertas na Nasdaq, a bolsa norte-americana de tecnologia - fica justa e naturalmente atrás dos EUA.

O olhar internacional e as limitações do mercado doméstico fizeram com que Israel buscasse melhorar em outros fatores. **Especialmente na inovação, com investimentos de 4,4% do PIB em Pesquisa e Desenvolvimento, por exemplo (contra 1,2% do Brasil).** Assim, não causa surpresa que, dos laboratórios e centros de pesquisa do país, tenham saído novidades que estão

revolucionando não apenas as áreas de comunicação e informática (como o Waze, vendido para o Google), mas também setores mais tradicionais como o da agricultura e medicina. O pequeno país é um exemplo de como explorar alternativas com inovação e foco no sonho grande, quando o mercado interno não dá conta.



ACESSO A CAPITAL

1º São Paulo	9,73
2º Porto Alegre	7,70
3º Belo Horizonte	7,58
4º Florianópolis	7,24
5º Curitiba	6,93
6º Rio de Janeiro	6,74
7º Vitória	6,43
8º Brasília	6,24
9º Ribeirão Preto	6,22
10º Recife	6,20
11º Campinas	6,03
12º Maringá	6,01
13º Joinville	5,95
14º Goiânia	5,90
15º Cuiabá	5,89
16º Salvador	5,75
17º Londrina	5,72
18º Campo Grande	5,72
19º Aracaju	5,70
20º Caxias do Sul	5,57
21º Fortaleza	5,50
22º João Pessoa	5,47
23º Natal	5,45
24º Sorocaba	5,42
25º Belém	5,39
26º Uberlândia	5,38
27º Blumenau	5,25
28º Maceió	5,17
29º Teresina	5,10
30º São José dos Campos	5,04
31º São Luís	4,96
32º Manaus	4,62

ACESSO A CAPITAL

Capital Disponível via Dívida

Acesso a Capital de Risco

Operações de Crédito por município (em relação ao PIB)	Proporção relativa de VCs	Proporção relativa de PEs	Capital poupado per capita
--	---------------------------	---------------------------	----------------------------

A economia está mudando, não há dúvidas quanto a isso. Mas, ainda que às vezes oriente-se mais a questões sociais e ambientais, o dinheiro se mantém como a espinha dorsal do sistema de produção: sem ele, pouco acontece. Por isso, **obter investimentos é determinante para qualquer empresa que estiver começando ou crescendo de forma acelerada.**

É natural, portanto, que o empreendedor, na hora de estabelecer um ponto de partida para começar ou expandir um negócio, beneficie-se das cidades onde há mais possibilidades de financiar o sonho grande. Daí a importância

deste pilar, em que são apresentadas cidades brasileiras de acordo com a facilidade - ou a dificuldade - no acesso ao capital.

Mas como avaliar os níveis deste acesso ao capital? Ainda que existam outros, são dois os principais caminhos: **a formação de dívida**, que é basicamente a tomada de empréstimos, e **a venda de parte da empresa**, com a inclusão de novos sócios, sejam investidores ou mesmo amigos ou parentes.

A primeira é a forma de financiamento mais difundida no Brasil. **Os empréstimos via obtenção de dívida realizados em bancos** (sejam

privados, públicos ou de fomento), mediante o pagamento de juros, ainda são o trajeto mais escolhido pelos empreendedores nacionais para viabilizar negócios. A segunda via é o chamado **capital de risco**, de fundos de Venture Capital, Private Equity ou mesmo de pessoas físicas e jurídicas - estes últimos são medidos neste estudo em função da poupança média local e dos depósitos de longo prazo. Aqui, vale lembrar que os financiamentos específicos em Pesquisa e Desenvolvimento, como os realizados por agências de fomento, não são considerados neste pilar, e sim no de Inovação.

Capital disponível via Dívida

Cidades	Índice de Capital disponível via Dívida	Operações de crédito por município (em relação ao PIB)
São Paulo	9,57	22,55
Porto Alegre	7,76	15,19
Curitiba	7,51	14,16
Belo Horizonte	7,46	13,97
Goiânia	6,57	10,33
Cuiabá	6,48	9,98
Ribeirão Preto	6,47	9,95
Florianópolis	6,43	9,78
Brasília	6,43	9,78
Recife	6,36	9,49
Aracaju	6,16	8,67
Salvador	5,99	7,96
João Pessoa	5,98	7,93
Maringá	5,96	7,86
Natal	5,92	7,67
Rio de Janeiro	5,89	7,57
Campo Grande	5,87	7,48
Belém	5,72	6,88
Londrina	5,71	6,85
Maceió	5,48	5,89
Blumenau	5,47	5,88
Fortaleza	5,46	5,83
Uberlândia	5,46	5,82
Teresina	5,40	5,59
Caxias do Sul	5,38	5,48
Campinas	5,36	5,42
Joinville	5,29	5,15
Sorocaba	5,17	4,65
São Luís	5,02	4,05
Vitória	4,97	3,84
São José dos Campos	4,70	2,75
Manaus	4,57	2,22
	Média	8,02
	Fonte	Banco Central/ IBGE
	Ano	2012/ 2014

A MESMA CAPITAL FINANCEIRA DO PAÍS

Assim como ocorreu no ano passado, a capital paulista se mantém no topo do Índice de Acesso a Capital. Em nenhum outro lugar do país o capital é tão presente. E os motivos para o resultado são contundentes, a começar pelo acesso a capital por meio de dívidas: **São Paulo empresta mais de 22 vezes o valor do seu PIB** todos os anos (são R\$ 11 trilhões em empréstimos), quase 50% mais (proporcionalmente) do que a segunda colocada, Porto Alegre.

Os dados de acesso ao capital de risco não impressionam menos: **60% dos investimentos de Venture Capital do país são realizados na cidade.** Em números brutos, a folga na liderança também é notável: a cidade registrou 204 investimentos entre 2010 e hoje, contra 54 da capital fluminense, a segunda neste quesito. Em relação à poupança e aos depósitos, os paulistanos também registram boa performance, sendo a terceira cidade com maior valor em poupança per capita.

Mais uma vez, no quesito Private Equity o resultado não é diferente, pois **a cidade possui quase 200 empresas que receberam investimentos desse tipo nos últimos cinco anos.**

O OUTRO LADO DA MOEDA

São números expressivos, sem dúvida. Sobretudo quando comparados ao capital disponível nas cidades das últimas colocações deste pilar: Manaus, São José dos Campos e São Luís, que possuem resultados muito semelhantes a diversas outras cidades mal colocadas.

Tome-se o exemplo de Manaus: comparada a São Paulo, **a capital amazonense registra cerca de dez vezes menos operações de crédito em relação ao PIB.** São só duas vezes o valor do Produto Interno Bruto (dez vezes menos, proporcionalmente, do que São Paulo - e nem é necessário apontar os números absolutos). E assim como em outras treze cidades pesquisadas, em Manaus não se realizaram investimentos de Venture Capital.

Porto Alegre e Belo Horizonte estão praticamente empatadas nos segundo e terceiro lugares, respectivamente. As cidades apresentam bom equilíbrio de resultados em todos os indicadores coletados. **No caso específico de Porto Alegre, a capital gaúcha possui o maior capital poupado per capita da pesquisa (R\$ 35.353),** à frente de Vitória (mais de R\$ 32 mil) e São Paulo (R\$ 27.868). O destaque de Belo Horizonte se dá quando analisadas as proporções de investimentos de fundos de Venture Capital e Aceleradoras, com quase 40 deals nos últimos 5 anos, ou 10% do total nacional.

É BASTANTE PROVÁVEL QUE EMPREENDEDORES À PROCURA DE INVESTIDORES TENHAM DE SE DESLOCAR PARA O EIXO SP-RJ-BH, QUE CONCENTRA 85% DOS INVESTIMENTOS DO CAPITAL DE RISCO.

Quanto a Private Equity, o cenário é o mesmo: apesar da grande Zona Franca lá instalada, não há registros de investimentos desse tipo, da mesma forma que ocorre em outras dez cidades. **Os manauaras tampouco apresentam bons hábitos de poupança: a cidade aparece na última colocação quanto ao capital economizado per capita,** com uma população com oito vezes menos recursos do que os porto-alegrenses (R\$ 4.347 contra R\$ 35.253).

A situação pode mudar com uma melhora na distribuição dos investimentos de Private Equity e Venture Capital. Caso investidores das grandes regiões brasileiras dirijam suas atenções às boas oportunidades de negócio dessas cidades, certamente os números serão diferentes.

Acesso a Capital de Risco

Cidades	Índice de Acesso a Capital de Risco	Proporção relativa de VCs	Proporção relativa de PEs	Capital Poucado per Capita
São Paulo	9,04	223,6%	236,3%	R\$ 27.868
Vitória	7,79	187,1%	58,1%	R\$ 32.318
Florianópolis	7,77	192,8%	123,2%	R\$ 21.746
Rio de Janeiro	7,43	119,5%	149,7%	R\$ 19.075
Belo Horizonte	7,35	169,0%	95,6%	R\$ 19.758
Porto Alegre	7,24	79,0%	44,2%	R\$ 35.353
Campinas	6,70	89,8%	107,2%	R\$ 13.645
Joinville	6,62	191,9%	54,5%	R\$ 8.276
Curitiba	6,13	26,2%	27,4%	R\$ 20.885
Maringá	6,06	0,0%	112,5%	R\$ 9.894
Recife	6,00	40,5%	49,9%	R\$ 13.302
Brasília	5,99	6,0%	16,9%	R\$ 21.811
Ribeirão Preto	5,91	71,1%	28,4%	R\$ 11.156
Caxias do Sul	5,86	0,0%	70,9%	R\$ 11.802
Sorocaba	5,79	113,7%	0,0%	R\$ 8.125
Londrina	5,79	0,0%	79,6%	R\$ 9.156
Fortaleza	5,65	6,7%	45,5%	R\$ 10.619
Campo Grande	5,63	57,8%	22,1%	R\$ 7.741
São José dos Campos	5,59	0,0%	60,9%	R\$ 7.863
Salvador	5,58	0,0%	55,0%	R\$ 8.444
Uberlândia	5,45	22,3%	25,6%	R\$ 7.496
Cuiabá	5,32	21,0%	0,0%	R\$ 8.755
Aracaju	5,30	0,0%	0,0%	R\$ 10.884
Goiânia	5,25	0,0%	0,0%	R\$ 9.769
Belém	5,20	0,0%	11,6%	R\$ 7.042
Blumenau	5,20	0,0%	0,0%	R\$ 8.648
São Luís	5,13	20,2%	0,0%	R\$ 5.003
Natal	5,11	0,0%	0,0%	R\$ 6.932
João Pessoa	5,09	0,0%	0,0%	R\$ 6.487
Maceió	5,04	0,0%	0,0%	R\$ 5.527
Teresina	5,00	0,0%	0,0%	R\$ 4.616
Manaus	4,99	0,0%	0,0%	R\$ 4.347
Média		51,2%	46,1%	R\$ 12.635,78
Fonte		Spectra invest- mentos/ RAIS	Spectra invest- mentos/ RAIS	Banco Central/ IBGE
Ano		2014/2015	2014/2015	2015/2014

BOAS PRÁTICAS PELO MUNDO

Um convite para investidores | Helsinki

Atrair investimentos para cidades menores e mais distantes dos centros financeiros de um país ou região pode não ser simples, mas exemplos mostram que é possível.

A capital da Finlândia, por exemplo, não é uma cidade enorme. Helsinki tem pouco mais de 600 mil habitantes, e sua região metropolitana abriga cerca de 1,3 milhão de pessoas. Mesmo com essas dimensões,

o Helsinki Business Hub, agência de desenvolvimento da região, acreditava que poderia multiplicar os investimentos nas startups locais. Criou então a **Zona Internacional de Capital de Risco** (International VC Zone - IVCZ, em inglês), que conecta investidores de capital de risco focados em tecnologia de fora da Finlândia às startups locais com alto potencial de crescimento.

Isto foi em 2013. **Desde então, a IVCZ ajudou a levantar mais de R\$ 1 bilhão (€ 213 milhões) em investimentos - o que representou mais do que o dobro dos valores aplicados em três anos, já que o total investido em 2010 foi de aproximadamente R\$ 400 milhões (€ 91 milhões).** E, além de atrair investimentos, a iniciativa também aumentou o número de investidores de capital de risco que fazem parte do projeto, que passou de 19 para 75 em três anos.

Somando forças pelo crescimento | Reino Unido

Outro exemplo que pode ajudar a transformar este cenário é aquele fornecido pelo Business Growth Fund, do Reino Unido. Trata-se de um fundo de investimentos de 2,5 bilhões de libras (cerca de R\$ 15 bilhões) apoiado pelos cinco maiores bancos do país: Barclays, HSBC, Lloyds Banking Group, RBS e Standard Chartered. **O BGF foca em investimentos para o crescimento das pequenas e médias empresas e ajuda empreendedores a executarem seus planos estratégicos para**

que seus negócios se desenvolvam.

Os resultados animam: já são 500 milhões de libras investidas em portfólio bastante variado, com cerca de 100 empresas de diferentes setores. Os investimentos ocorrem com participação minoritária, com expectativas de longo prazo e sem cláusula de desinvestimento (quando os investidores exigem que o empreendedor faça uma nova rodada de venda de participação), **o que demonstra um**

interesse que vai além do financeiro, justamente focado no crescimento das empresas.

Para ajudá-las ainda mais, o fundo também introduz gestão nos negócios, e já conta com mais de 50 indicações de presidentes e diretores às empresas investidas. Por fim, incentiva a expansão das Scale-ups para além do mercado doméstico, **conectando seus empreendedores com mentores que já trilharam esses caminhos** e outros clientes dos bancos envolvidos.



INOVAÇÃO

1º Florianópolis	7,95
2º Rio de Janeiro	7,82
3º São Paulo	7,64
4º Campinas	7,36
5º Porto Alegre	7,32
6º São José dos Campos	7,25
7º Joinville	6,84
8º Blumenau	6,76
9º Caxias do Sul	6,71
10º Curitiba	6,68
11º Vitória	6,63
12º Belo Horizonte	6,46
13º Manaus	6,38
14º Recife	6,15
15º Sorocaba	5,82
16º Maringá	5,73
17º Ribeirão Preto	5,66
18º Brasília	5,47
19º Aracaju	5,47
20º Cuiabá	5,45
21º Belém	5,43
22º Uberlândia	5,36
23º Londrina	5,36
24º Salvador	5,29
25º Goiânia	5,07
26º João Pessoa	5,06
27º Campo Grande	5,00
28º Natal	4,86
29º Teresina	4,86
30º Fortaleza	4,86
31º São Luís	4,77
32º Maceió	4,54

INOVAÇÃO

INPUTS			OUTPUTS	
Proporção de Mestres e Doutores em Ciência e Tecnologia (para cada 100 empresas)	Média de Investimentos do BNDES e da FINEP	Infraestrutura tecnológica	Proporção de empresas com patentes	Tamanho da economia criativa
Proporção de Funcionários nas áreas de Ciência e Tecnologia		Contratos de concessões (para cada 1.000 empresas)	Tamanho da Indústria Inovadora	Tamanho das empresas TIC

Identificar uma oportunidade e criar uma nova solução que resolva um problema de muitos compõem o DNA do empreendedor de alto impacto. Afinal, uma grande ideia só se torna inovação quando gera valor real para o consumidor, quando vira nota fiscal. **Inovar não depende apenas do empreendedor e de sua equipe, mas também de uma conjuntura específica de fatores que favorecem a multiplicação de novas ideias** e a implementação delas. Capacitação de pesquisadores e engenheiros, boa infraestrutura de laboratórios e centros de pesquisa, além de dinheiro para tirar as iniciativas do papel, fazem parte desta conjuntura.

Mensurar o nível de inovação de uma cidade, no entanto, não

é nada simples. A começar pela classificação do que é inovação. Nesse sentido, o Índice de Cidades Empreendedoras 2015 adotou parte do modelo criado pelo Global Innovation Index (GII), o principal estudo na área. Para o GI, a medição da inovação pode ocorrer com a análise de dois conceitos: **os inputs (os insumos para a inovação acontecer) e os outputs (os resultados da inovação).**

Os insumos são todos os *inputs* capazes de proporcionar um ambiente fértil à inovação em uma região. Ou seja, a infraestrutura tecnológica, os recursos de financiamento para o setor, a mão de obra especializada e capacitada a inovar; **enfim, tudo o que possa demonstrar o quanto uma cidade está preparada**

para produzir inovação. Já os *outputs* são indícios de que existe um mercado de inovação sendo criado por esses insumos: **indústrias inovadoras, patentes, novas empresas de tecnologia e a economia criativa.**

PARA QUE A INOVAÇÃO ACONTEÇA EM LARGA ESCALA, GENTE ESPECIALIZADA, RECURSOS E INFRAESTRUTURA SÃO IMPRESCINDÍVEIS

³Por já estarem sendo considerados em outros determinantes do Índice de Cidades Empreendedoras, aspectos relacionados a Ambiente Regulatório, Educação Básica, entre outros, que fazem parte do framework do Global Innovation Index, não foram considerados no determinante de Inovação deste estudo.

Inputs

Cidades	Índice de Inputs	Proporção de Mestres e Doutores em C&T (para cada 100 empresas)	Proporção de Funcionários nas áreas de C&T	Média de Investimentos do BNDES e da FINEP	Infraestrutura tecnológica	Contratos de concessões (p/ cada 1.000 empresas)
São José dos Campos	8,21	10,07	13,46%	R\$ 8.878	5,633	7,790
Rio de Janeiro	8,07	9,51	10,78%	R\$ 8.654	8,120	5,338
Campinas	7,86	12,31	12,16%	R\$ 11.262	7,129	1,275
Florianópolis	7,83	17,98	9,49%	R\$ 9.702	7,670	0,189
São Paulo	7,14	6,31	10,37%	R\$ 12.658	6,968	1,839
Manaus	6,89	9,01	9,67%	R\$ 1.671	5,692	7,596
Porto Alegre	6,86	10,06	10,13%	R\$ 6.470	7,247	0,529
Recife	6,56	9,60	9,65%	R\$ 2.084	7,801	0,563
Curitiba	6,50	7,52	9,31%	R\$ 2.092	7,923	1,569
Vitória	6,47	12,53	13,15%	R\$ 446	5,163	0,395
Belo Horizonte	6,28	6,96	9,21%	R\$ 1.386	7,388	2,041
Joinville	6,21	2,27	11,30%	R\$ 6.740	6,761	0,670
Sorocaba	6,00	2,69	9,84%	R\$ 7.892	5,209	3,226
Salvador	5,78	6,58	9,69%	R\$ 467	6,673	0,363
Ribeirão Preto	5,73	4,88	9,48%	R\$ 7.558	5,487	0,051
Blumenau	5,70	6,05	10,38%	R\$ 3.991	5,363	0,192
Caxias do Sul	5,69	4,34	9,03%	R\$ 5.732	6,019	0,499
Aracaju	5,66	8,52	10,08%	R\$ 600	5,434	0,319
Belém	5,64	13,30	8,20%	R\$ 271	5,117	0,122
Maringá	5,59	7,34	7,72%	R\$ 6.751	5,219	0,475
Uberlândia	5,55	10,58	8,49%	R\$ 890	5,163	0,458
Brasília	5,41	6,58	7,52%	R\$ 5.411	5,373	0,420
Cuiabá	5,37	10,40	7,21%	R\$ 15	5,322	0,949
João Pessoa	5,35	7,91	9,43%	R\$ -	5,266	0,000
Londrina	5,30	7,34	8,51%	R\$ 341	5,599	0,240
Teresina	5,24	7,42	9,09%	R\$ 446	5,117	0,075
Goiânia	5,13	5,61	7,67%	R\$ 572	5,984	0,211
São Luís	5,06	7,09	8,37%	R\$ -	5,163	0,000
Natal	4,91	9,33	5,96%	R\$ 464	5,163	0,055
Fortaleza	4,77	4,84	6,90%	R\$ 244	5,553	0,254
Campo Grande	4,66	5,24	6,96%	R\$ 57	5,163	0,055
Maceió	4,58	6,07	5,86%	R\$ 642	5,117	0,066
Média		8,01	9,22%	R\$ 3.574,54	6,00	1,182
Ano		CNPq	Microdados da RAIS (MTE)	BNDES e FINEP	SENAI, Cibratec, Parques Tecnológicos	INPI e RAIS (MTE)
Ano		2015	2014	2014	2015	2013-14

OS POLOS DA INOVAÇÃO

Pelo segundo ano seguido, Florianópolis é sinônimo de inovação no país. Única cidade a aparecer entre as três primeiras tanto para *inputs* quanto em relação aos *outputs*, a capital catarinense apresenta bons resultados na maioria dos indicadores.

Para começar, **lidera a disponibilidade de mestres e doutores** na área de Ciência e Tecnologia (C&T), com uma proporção de 18 pesquisadores na área para cada 100 empresas - isto é mais do que o dobro da média (8). Florianópolis ainda apresenta a 2ª maior proporção de empresas de tecnologia em relação ao total, com 2,5% - a média das 32 cidades gira em torno de 1,7%.

Em função de limitações geográficas e leis ambientais, Florianópolis acaba restringindo sua indústria inovadora, que muitas vezes deve se transferir para o continente à medida que se expande. Em consequência, os dois principais indicadores de inovação ligados à indústria, “contratos de concessão de propriedade industrial” e “tamanho da indústria inovadora”, acabam prejudicados, o que leva a cidade às 24ª e 29ª posições.

A FORÇA INOVADORA DAS CIDADES MÉDIAS

Outros destaques que merecem menção neste pilar são algumas cidades médias. São José dos Campos, por exemplo: para além do significativo fato de sediar o ITA, **a cidade também possui, proporcionalmente, o maior número de funcionários na área de C&T**, bem como o maior número de contratos de uso de propriedade intelectual de terceiros: 7,8 para cada mil empresas, sendo que a média é seis vezes menor (1,2).

Joinville também se destaca em função **da grande proporção de empresas que patentearam criações**: 5 para cada

Na segunda colocação vem o Rio de Janeiro, que registra **ótimos indicadores de insumos** à inovação. **A cidade se destaca pela notável infraestrutura tecnológica**, com diversos parques tecnológicos, Institutos Senai de Inovação e Tecnologia, entre outros importantes agentes. O volume de investimentos do BNDES e da FINEP (com sede na cidade, assim como o INPI) realizados na capital fluminense também é destaque: com média de R\$ 8.654 por empresa, o Rio ocupa a quinta colocação neste quesito.

No outro subdeterminante analisado, a terceira colocada no pilar de Inovação, **São Paulo, é a cidade que tem os melhores *outputs***. Lá se encontram a terceira maior proporção **de novas empresas de tecnologia** e muitas empresas da economia criativa (esta, uma característica comum às líderes da inovação). Além da boa combinação de indicadores do pilar, a capital paulista registra o maior nível de investimento médio da FINEP e do BNDES entre as 32 cidades, com uma média de R\$ 12.658 por empresa (mais de 300% se comparado ao restante).

mil, um índice três vezes maior que a média, de 1,7. Caxias do Sul, por sua vez, registra quase o triplo da proporção de empresas da indústria inovadora em relação à segunda colocada, Sorocaba, com 5,56% e 2,02%, respectivamente (a média é 0,96% do total de empresas).

Por todos esses destaques e também pelo equilíbrio nos demais indicadores, encontram-se, entre os dez primeiros lugares neste pilar, quatro cidades com até um milhão de habitantes. E todas estão no Sul ou no Sudeste.

SEM INSUMOS, SEM RESULTADOS

Ainda olhando para a parte de cima da tabela, das dez primeiras colocadas, seis delas estão entre as melhores em ambos os subdeterminantes, *Inputs* e *Outputs*. No lado oposto, entre as oito últimas colocadas em *inputs*, seis estão também entre as últimas em *outputs* (aliás, apenas cidades do Nordeste e Centro-oeste). Ou seja, nessas cidades, há poucos insumos e, naturalmente, poucos resultados.

O que é pior: em todos os indicadores, estas cidades estão abaixo da média (com exceção de Natal, um pouco acima

no quesito Mestres e Doutores em C&T). **Os destaques negativos ficam por conta de São Luís e João Pessoa, que não receberam investimentos do BNDES ou da Finep, e de Maceió, onde não há sequer uma empresa detentora de patente ou programa de *software***. A propósito, em todas as capitais do Nordeste há somente 51 empresas com esses tipos de propriedade intelectual, o que resulta em uma média de 1 em cada 4.000. De modo que não há dúvidas de que exista uma distância enorme entre as melhores e piores cidades, ao menos no que se refere à inovação nacional.

Outputs

Cidades	Índice de Outputs	Proporção de empresas com patentes	Tamanho da indústria inovadora	Tamanho da economia criativa	Tamanho das empresas TIC
São Paulo	7,85	3,526	1,36%	2,44%	2,39%
Florianópolis	7,72	4,382	0,23%	2,43%	2,50%
Blumenau	7,67	4,122	1,88%	1,94%	2,56%
Caxias do Sul	7,60	4,460	5,56%	1,55%	1,53%
Porto Alegre	7,54	4,824	0,84%	2,18%	2,31%
Joinville	7,31	5,213	2,02%	1,82%	2,01%
Rio de Janeiro	7,24	2,949	0,54%	2,60%	1,94%
Curitiba	6,74	3,750	0,97%	1,91%	1,98%
Vitória	6,66	1,973	0,17%	2,08%	2,38%
Campinas	6,61	2,948	1,15%	1,95%	1,91%
Belo Horizonte	6,56	3,421	0,67%	1,97%	1,90%
São José dos Campos	6,06	2,326	1,23%	1,68%	1,77%
Maringá	5,93	1,134	1,61%	1,76%	1,64%
Manaus	5,81	1,416	1,19%	1,65%	1,76%
Recife	5,70	0,344	0,58%	1,74%	2,00%
Sorocaba	5,68	1,450	1,96%	1,56%	1,43%
Ribeirão Preto	5,64	1,177	1,30%	1,76%	1,43%
Cuiabá	5,63	0,000	0,50%	1,87%	1,83%
Brasília	5,62	0,607	0,26%	1,87%	1,78%
Londrina	5,54	1,820	1,42%	1,49%	1,50%
Campo Grande	5,53	0,140	0,47%	2,02%	1,49%
Aracaju	5,37	0,103	0,31%	1,96%	1,46%
Belém	5,32	0,563	0,31%	1,90%	1,38%
Uberlândia	5,30	0,980	0,83%	1,57%	1,52%
Goiânia	5,18	0,112	0,91%	1,63%	1,49%
Fortaleza	5,15	0,421	0,60%	1,71%	1,38%
Natal	5,03	0,136	0,24%	1,71%	1,45%
João Pessoa	4,95	0,450	0,20%	1,63%	1,42%
Salvador	4,93	0,407	0,21%	1,71%	1,28%
Maceió	4,77	0,000	0,41%	1,54%	1,37%
São Luís	4,70	0,253	0,27%	1,69%	1,06%
Teresina	4,68	0,092	0,44%	1,50%	1,29%
Média		1,734	0,96%	1,84%	1,72%
Fonte		INPI / RAIS (MTE)	RAIS (MTE)	RAIS (MTE)	RAIS (MTE)
Ano		2014	2014	2014	2014

BOAS PRÁTICAS PELO MUNDO

A catapulta para a inovação chegar ao mercado | Inglaterra

Do Reino Unido vem uma iniciativa altamente inspiradora no que diz respeito ao incentivo à inovação, e à colocação de produtos no mercado. Trata-se de *Catapult*, uma rede de centros de tecnologia e inovação criada pelo governo para **encurtar a distância entre pesquisas realizadas nas universidades e a comercialização de tecnologia.**

Cada centro, ou *Catapult*, é especializado em uma área específica da indústria. A atuação de todos está transformando profundamente a capacidade de inovação dos empreendedores britânicos - que, **por meio deste suporte, conseguem**

transformar ideias comerciais em realidade, e recebem o apoio necessário para acessar mercados globais.

A iniciativa vem dando grandes resultados. Um dos casos expressivos é o da *Videregen*, do ramo de medicina regenerativa: **com a ajuda do *Cell Therapy Catapult*, a empresa conseguiu se regulamentar rapidamente e levantar fundos de cerca de 1,9 milhão de libras** (aproximadamente R\$10 milhões). Assim, a *Videregen* pode iniciar suas atividades, que devem interferir positivamente na fila de transplantes de órgãos do Reino Unido.

Outras importantes inovações concretizadas por meio do *Catapult* são os origamis espaciais desenvolvidos pela Oxford Space Systems (OSS). **Trata-se de uma forma mais simples, leve e barata de enviar componentes ao espaço - onde qualquer miligrama faz diferença.** Criados em parceria com pesquisadores da Universidade de Oxford, os componentes "se abrem" como dobraduras orientais. O processo é muito mais rápido e, por envolver um número reduzido de peças, as chances de falha são menores. A OSS contou com o suporte da *Satellite Applications Catapult*, e o aporte de 100 mil libras foi o que possibilitou à empresa viabilizar a inovação.

De pesquisadores a empreendedores | Áustria

Outro exemplo que merece menção é a **Academia Plus Business**. A iniciativa se assemelha aos Núcleos de Inovação Tecnológica (NITs) brasileiros, mas com uma diferença importante: é muito mais focada em **spin-offs acadêmicos**, ou seja, em levar pesquisadores de universidades a abrirem seus próprios negócios - e não estimulando o licenciamento da pesquisa, como ocorre, em teoria, nos NITs brasileiros.

A iniciativa, da Agência de Promoção à Pesquisa da Áustria, tem um objetivo bastante claro: dar apoio aos pesquisadores durante o difícil processo de transformar uma boa ideia em um negócio viável.

Hoje, a AplusB já conta com oito centros e tem grandes resultados a apresentar. Desde a criação do programa, **mais de 550 empresas já foram registradas**

e apoiadas, sendo que, destas, em 2013, nada menos do que 449 continuam registrando crescimento nas receitas. Ao todo, foram investidos 339 milhões, e é realmente alto o índice de organizações fundadas com o suporte deste capital que ainda estão em funcionamento: 97%.



CAPITAL HUMANO

1º Florianópolis	8,91
2º Vitória	7,89
3º Belo Horizonte	7,07
4º Porto Alegre	7,06
5º São José dos Campos	7,03
6º Recife	7,01
7º Maringá	6,67
8º Curitiba	6,48
9º Uberlândia	6,32
10º Campinas	6,29
11º Sorocaba	6,28
12º Rio de Janeiro	6,28
13º Goiânia	6,21
14º Ribeirão Preto	6,09
15º Londrina	6,06
16º Cuiabá	6,00
17º Natal	5,99
18º Brasília	5,98
19º João Pessoa	5,86
20º São Paulo	5,83
21º Joinville	5,82
22º Blumenau	5,58
23º Teresina	5,52
24º Fortaleza	5,51
25º São Luís	5,20
26º Caxias do Sul	5,12
27º Campo Grande	5,00
28º Salvador	4,87
39º Belém	4,78
30º Maceió	4,68
31º Aracaju	4,53
32º Manaus	4,07

CAPITAL HUMANO

Mão de Obra Básica			Mão de Obra Qualificada	
Nota do IDEB nos anos finais (8º e 9º anos)	Proporção de adultos com pelo menos o Ensino Médio completo	Taxa Líquida de Matrícula no Ens. Médio	Proporção de adultos com pelo menos o Ensino Superior completo	Proporção de concluintes em cursos de alta qualidade
	Nota média no ENEM	Proporção de matriculados no ensino técnico e profissionalizante	Custo médio de salários de dirigentes	Total de alunos concluintes em cursos de alta qualidade

Não importa quão promissora ou revolucionária seja a ideia de um empreendedor: se ele não conseguir formar um time capacitado e engajado, não conseguirá tirar proveito dela. Embora batida, a máxima continua mais verdadeira do que nunca: uma empresa é feita das pessoas que trabalham nela - e nada é tão determinante para o sucesso de um negócio quanto o conjunto dessas pessoas. Por isso, **as cidades que oferecem profissionais com melhor qualificação e acessíveis sempre serão mais atrativas para quem quer abrir ou expandir um negócio.** Ainda mais quando se trata de um país como o Brasil, que registra significativo déficit educacional.

Essas questões se reúnem sob uma conhecida expressão: capital humano.

Levando-se em consideração tanto **a mão de obra básica** (em que fazem a diferença boas escolas) quanto a **mão de obra qualificada** (com formação em universidades de alto nível), **é a abundância ou a ausência de capital humano que vai determinar o desempenho das 32 cidades neste pilar.** A questão de quão acessível é a mão de obra também conta: quanto mais alto for o salário de dirigentes, mais difícil será para um empreendedor formar sua equipe de líderes.

Em resumo, para medir a qualidade do capital humano nas cidades, foram selecionados dois tipos de indicadores educacionais: de fluxo, que mostram a atual qualidade do ensino das cidades, e os de estoque, que apresentam as características de formação da população adulta.

Os primeiros revelam o cenário atual da educação nos locais, apontando **a quantidade e a qualidade da formação da população a entrar no mercado de trabalho nos próximos anos.** É o caso do IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) e da nota média do ENEM, assim como da taxa líquida de matrícula e da proporção de inscritos no ensino técnico.

Já o quesito de estoque avalia **o nível de formação da mão de obra atual de uma cidade.** Isso se mede pela quantidade de adultos com Ensino Médio ou com Ensino Superior, por exemplo, assim como pela qualidade destas universidades. Vale destacar que os dados de fluxo mostram uma previsão de como serão os indicadores de estoque em um futuro próximo.

Mão de Obra básica

Cidades	Índice de Mão de Obra Básica	Nota do IDEB nos anos finais (8º/9º anos)	Proporção de adultos com pelo menos ensino médio completo	Taxa Líquida de Matrícula no Ensino Médio	Nota média no ENEM	Proporção de matriculados no ensino técnico e profissionalizante
Vitória	7,99	4,00	62,2%	80,8%	504,2	3,72%
São José dos Campos	7,57	4,90	59,8%	78,2%	504,7	1,94%
Florianópolis	7,45	3,80	68,8%	67,9%	527,8	1,49%
Recife	7,29	3,50	60,4%	62,7%	484,2	5,51%
Campinas	6,99	4,40	60,4%	72,9%	506,9	1,69%
Sorocaba	6,97	4,70	57,7%	82,5%	488,4	1,73%
Joinville	6,95	5,10	57,6%	63,8%	504,1	2,37%
Belo Horizonte	6,86	4,40	52,8%	71,4%	505,0	2,15%
Curitiba	6,80	4,10	61,0%	67,5%	497,3	1,82%
Rio de Janeiro	6,64	4,40	59,8%	63,5%	502,5	1,52%
Ribeirão Preto	6,49	4,30	58,1%	67,2%	507,1	1,20%
São Paulo	6,36	4,20	56,2%	76,3%	488,1	1,37%
Blumenau	6,14	4,60	50,6%	64,6%	495,7	1,90%
Goiânia	6,11	4,60	55,6%	67,4%	486,9	0,55%
Porto Alegre	6,11	3,50	61,9%	53,1%	496,0	1,78%
Cuiabá	6,05	4,10	58,7%	70,4%	456,2	1,90%
Londrina	6,00	3,70	56,7%	60,4%	482,7	2,21%
Uberlândia	5,97	4,60	52,0%	60,0%	499,1	1,12%
Maringá	5,92	4,00	57,6%	59,9%	493,6	1,28%
Caxias do Sul	5,80	4,50	49,6%	63,9%	489,7	1,20%
Brasília	5,75	3,90	56,8%	61,9%	478,2	1,14%
São Luís	5,58	3,80	58,8%	69,6%	470,8	1,06%
Campo Grande	5,33	4,40	51,0%	55,4%	463,9	1,53%
João Pessoa	5,31	3,50	56,3%	53,2%	483,6	1,53%
Aracaju	5,24	2,90	55,4%	56,5%	480,3	2,07%
Teresina	5,11	3,90	45,8%	58,7%	474,5	2,42%
Natal	5,04	3,10	51,5%	49,1%	488,6	2,67%
Fortaleza	4,59	3,80	45,3%	52,6%	484,6	1,24%
Manaus	4,58	3,70	53,9%	56,9%	445,9	1,33%
Salvador	4,50	2,90	56,7%	44,1%	471,4	1,07%
Belém	4,31	3,10	52,0%	51,1%	477,2	0,96%
Maceió	4,22	2,60	53,9%	41,1%	472,3	1,77%
Média		3,97	56,1%	62,6%	487,86	1,79%
Fonte		Inep (MEC)	ENEM (MEC)	Censo Escolar (MEC)	ENEM (MEC)	Censo Escolar (MEC)
Ano		2013	2013	2014	2013	2014

AS ILHAS CONTINUAM ISOLADAS NA FRENTE

A história se repete: no que diz respeito à oferta de profissionais, ninguém supera Florianópolis e Vitória, assim como em 2014. E a capital catarinense registra uma tal combinação de resultados que lidera com folga. **Em quatro dos nove indicadores avaliados, a cidade possui os melhores resultados entre todas as 32 cidades:** nota média dos estudantes no ENEM (560,5 pontos, em comparação à média de 525,5 pontos), proporção de adultos com ao menos Ensino Médio Completo (68,8%, vs. 56,1% na média), proporção de adultos com ao menos Ensino Superior Completo (36,4%, quase o dobro da média) e proporção de alunos em cursos superiores de alta qualidade (59,8%, muito acima da média de 22,7%).

Todos esses números poderiam justificar um alto nível de salários para os dirigentes das empresas, mas **o valor médio a ser pago a profissionais em cargos de liderança (gerentes e diretores) na ilha é de R\$ 4.502 - menos da metade da média da capital paulista** (R\$ 9.432), a cidade

mais cara para se contratar essa mão de obra.

Vitória e São José dos Campos também possuem uma boa combinação de mão de obra qualificada. Quase um em cada quatro adultos capixabas têm Ensino Superior (30,4%), o segundo melhor resultado do estudo. São José dos Campos registra o segundo melhor IDEB para os anos finais do Ensino Fundamental: 4,9, logo abaixo de Joinville (5,1), a melhor avaliada. Vale destacar que uma nota no IDEB igual a 6 é a meta perseguida pelo Ministério da Educação para melhorar o ensino público ao nível da média dos países desenvolvidos. Ou seja, **todas as cidades ainda têm um longo caminho para de fato atingirem um ensino altamente qualificado.**

Além desses indicadores, Vitória e São José dos Campos estão bem posicionadas justamente pela combinação de resultados positivos, ainda que ambas não liderem em qualquer subdeterminante.

A ABUNDÂNCIA RESTRITA DOS GRANDES CENTROS

Algumas cidades também se destacam em indicadores específicos. Quatro municípios paulistas, por exemplo, dominam as cinco primeiras posições do indicador de taxa líquida de matrícula do Ensino Médio. **Isso mostra que a rede de ensino em São Paulo apresenta um bom resultado na retenção dos seus jovens para o Ensino Médio.** Recife também merece destaque por apresentar boa oferta de ensino profissionalizante: 5,5% da população acima de 15 anos está matriculada em alguma escola técnica, enquanto a média das cidades analisadas é de apenas 1,8%.

As maiores cidades do país, São Paulo e Rio de Janeiro, apesar de registrarem as maiores redes de ensino superior com cursos avaliados como de alta qualidade pelo MEC, também são as mais caras na hora de recrutar talentos. **Em ambas, os custos de contratação de dirigentes são mais altos (R\$ 9.432 em São Paulo e R\$ 8.064, no Rio,**

enquanto que a média das 32 cidades é de R\$ 4.750, aproximadamente).

Ou seja, assim como identificado no estudo de 2014, o resultado é que, para as empresas que conseguem pagar os salários mais altos do país e acessar essa mão de obra altamente qualificada, o eixo Rio-São Paulo é ótimo. **Mas, para muitos empreendedores, enfrentar a concorrência pelos talentos locais pode não ser a melhor estratégia.**

Por outro lado, se o custo da mão de obra for decisivo, João Pessoa se destaca. E também por combinar bons indicadores de qualidade da educação - 1 em cada 5 alunos formados nas universidades da cidade têm alta qualidade - e custos de salários mais baixos (em média, um dirigente recebe R\$ 3.068, menos de um terço do paulistano). Isso coloca a capital paraibana como a terceira melhor do Nordeste.

ONDE O DÉFICIT É MAIOR

No extremo oposto, entre as cidades com desempenho mais fraco nesse pilar, Maceió, Belém, Salvador e Manaus apresentam os piores cenários educacionais do estudo. **Em Maceió, o IDEB nos anos finais do ensino fundamental é de apenas 2,6.** Isso ajuda a explicar o fato de a cidade também registrar o pior desempenho no indicador

de Taxa Líquida de Matrícula do Ensino Médio, dado que apenas 42% dos jovens entre 15 e 17 anos estão matriculados nessa fase. A média nacional, de 62,6% (ainda que chegue a 80% no estado de São Paulo), é baixa, e demonstra que a situação de abandono à escola (por parte dos alunos, antes de terminar o Ensino Médio) é grave - e ainda pior em Maceió.

Mão de Obra Qualificada

Cidades	Índice de Acesso e qualidade da Mão de Obra Qualificada	Proporção de adultos com pelo menos ensino superior completo	Proporção de concluintes em cursos de alta qualidade	Total de alunos concluintes em cursos de alta qualidade	Custo médio de Salários de dirigentes
Florianópolis	9,27	36,4%	59,8%	4073	R\$ 4.502
Porto Alegre	7,61	26,5%	44,3%	6444	R\$ 5.606
Maringá	7,17	24,5%	34,7%	2873	R\$ 3.668
Vitória	7,07	30,4%	33,1%	2257	R\$ 5.152
Natal	6,95	17,7%	36,2%	3786	R\$ 2.970
Belo Horizonte	6,89	23,4%	25,9%	8394	R\$ 5.119
Fortaleza	6,61	15,6%	29,6%	5513	R\$ 3.250
Uberlândia	6,55	21,5%	32,2%	2549	R\$ 4.163
João Pessoa	6,47	23,5%	22,6%	1698	R\$ 3.068
Recife	6,35	24,7%	16,6%	3616	R\$ 4.488
Goiânia	6,23	21,8%	18,2%	2828	R\$ 3.714
Brasília	6,22	24,8%	16,3%	4558	R\$ 5.314
Teresina	6,12	15,1%	25,4%	2399	R\$ 2.563
Londrina	6,10	25,7%	8,0%	2778	R\$ 4.031
São José dos Campos	6,10	23,6%	41,6%	1436	R\$ 6.363
Curitiba	5,98	26,2%	12,1%	4890	R\$ 6.079
Cuiabá	5,95	24,5%	18,9%	1236	R\$ 3.976
Rio de Janeiro	5,81	23,2%	18,8%	11014	R\$ 8.064
Belém	5,71	16,0%	22,8%	2592	R\$ 3.993
Salvador	5,67	17,1%	16,7%	3975	R\$ 4.482
Ribeirão Preto	5,66	24,9%	11,9%	1277	R\$ 4.205
Maceió	5,64	20,1%	15,9%	1405	R\$ 3.468
Sorocaba	5,49	21,4%	30,4%	1524	R\$ 6.322
Campinas	5,48	25,7%	17,1%	2334	R\$ 6.780
São Paulo	5,37	23,2%	14,3%	14852	R\$ 9.432
Blumenau	5,18	21,0%	24,6%	675	R\$ 4.937
São Luís	5,13	15,5%	16,4%	1440	R\$ 3.771
Campo Grande	5,05	19,0%	4,7%	1468	R\$ 3.668
Caxias do Sul	4,77	15,6%	22,6%	1184	R\$ 5.352
Joinville	4,76	19,6%	18,3%	866	R\$ 5.514
Aracaju	4,38	19,5%	5,4%	315	R\$ 3.179
Manaus	4,29	13,6%	9,8%	1422	R\$ 4.982
Média		21,9%	22,67%	3364,72	R\$ 4.755,50
Fonte		INPI / Microdados da RAIS (MTE)	Microdados da RAIS (MTE)	Microdados da RAIS (MTE)	Microdados da RAIS (MTE)
Ano		2013	2013	2013	2013

Já Belém e Salvador registram uma combinação de números fracos em todos os indicadores, o que resulta nos péssimos desempenhos gerais das duas cidades. **Manaus ainda apresenta resultados razoáveis no Ensino Básico, mas tem um dos piores resultados da educação superior do estudo.** Por exemplo, a menor proporção de adultos com ensino superior (13,6%) e a quarta pior proporção de estudantes universitários em cursos de alta qualidade (9,8%). A cidade só não é superada por Londrina (8%), Aracaju (5,4%) e Campo Grande (4,7%), respectivamente.

Para finalizar, é importante ressaltar que, mesmo que parte das cidades analisadas registrem um desempenho educacional significativamente melhor do que em outras, **todas, sem exceção, ainda precisam elevar indicadores de educação.** Hoje, é possível encontrar pessoas talentosas e bem preparadas para o mercado de trabalho; mas são raras. Investimentos na formação dos profissionais poderiam aumentar a oferta de boa mão de obra em todo o país, além de garantir mais oportunidades para todos.

BOAS PRÁTICAS PELO MUNDO

Preparando empreendedores para inovar | Buenos Aires

No último Congresso Global do Empreendedorismo, Buenos Aires foi eleita a cidade mais empreendedora do mundo. O Governo municipal tem criado diversos programas que a ajudaram a chegar lá - e todos fazem parte da campanha Buenos Aires Evoluciona. Entre eles, merece destaque a Academia Empreende, que já capacitou mais de 10.000 pessoas

com educação empreendedora: são ensinadas técnicas de modelos de negócios, design thinking e metodologias ágeis de solução de problemas.

Os cursos, gratuitos, dividem-se entre presenciais e online, e acontecem não só nos espaços originalmente previstos, como também em escolas públicas da cidade, empresas, organismos públicos e bairros informais.

Os professores constituem um dos motivos pelos quais estes cursos são tão procurados: na grande maioria, são empreendedores ou executivos com experiência na área. Dessa forma, os alunos, além de saírem mais capacitados das aulas, também se conectam ao mercado, por meio do contato com potenciais mentores de suas empresas.

Uma feira de empregos diferente | Nova Iorque

Encontrar mão de obra qualificada não é fácil. Praticamente em todo o mundo é assim - no Brasil, ainda mais, dado o nosso grande déficit educacional. Para startups, então, que em geral não podem oferecer os mesmos salários, planos de carreira e uma marca reconhecida no currículo, é uma complicação em dobro.

Alex Horn e Pat Duggan viveram o problema do outro lado do balcão. Eles passaram os primeiros meses de 2010 procurando vagas em empresas de Nova Iorque, mas encontraram poucas oportunidades em negócios inovadores. **Foi então que**

perceberam que as startups inovadoras, ainda pequenas, mas com crescimento acelerado, eram as que mais precisavam de funcionários, mas estavam limitadas pela falta de reconhecimento de suas marcas no mercado - e por isso eles próprios não "encontravam" essas vagas.

Os dois então decidiram construir a ponte que faltava para resolver a alta demandas de ambos os lados. Criaram a *Startup Job Fair*, com a ideia de conectar recém-formados e startups na cidade através de feiras de empregos. As empresas passam

por um processo seletivo (que analisa quão boa é a organização para se trabalhar, quanto investimento ela já recebeu, entre outros aspectos) e pagam uma taxa de inscrição que varia entre US\$ 250 e US\$ 750 (aproximadamente R\$ 1.000 e R\$ 3.000), dependendo do seu tamanho.

Durante um evento recente, **1.000 jovens foram apresentados a 80 empresas, e 100 deles foram contratados.** Proporções como essa se repetem nas demais feiras, e recentemente criaram também um canal online para divulgar vagas nas novas empresas.



CULTURA EMPREENDEDORA

1º Natal	7,44
2º Maringá	7,37
3º Teresina	7,35
4º Florianópolis	7,34
5º Goiânia	7,13
6º Manaus	6,92
7º São Luís	6,85
8º Aracaju	6,78
9º Fortaleza	6,67
10º Vitória	6,61
11º Maceió	6,58
12º João Pessoa	6,48
13º Cuiabá	6,28
14º Belém	6,16
15º Londrina	6,12
16º Recife	6,09
17º Rio de Janeiro	6,00
18º Campo Grande	5,93
19º Salvador	5,93
20º São Paulo	5,93
21º Caxias do Sul	5,89
22º Joinville	5,79
23º Ribeirão Preto	5,77
24º Campinas	5,59
25º Uberlândia	5,49
26º São José dos Campos	5,32
27º Sorocaba	5,00
28º Blumenau	4,68
29º Belo Horizonte	4,64
30º Porto Alegre	4,45
31º Curitiba	3,74
32º Brasília	3,69

CULTURA				
Potencial Empreendedor		Imagem do empreendedorismo		
Sonho Grande	Proatividade	Exposição na mídia e opinião dos familiares	Prestígio do Empreendedor	Percepção sobre empreendedorismo na cidade
Criatividade	Visão de Oportunidades			

O termo “Cultura” tem inúmeros significados, nos mais variados campos. Mas, voltando à origem da palavra, sua antiga acepção - do latim *colere*, que se traduz em “cultivar” - referia-se aos cuidados com a terra, às práticas e fatores necessários para que as plantações brotassem da melhor forma possível.

É exatamente disso que trata este pilar: de como as principais cidades do país cultivam a prática empreendedora. Por “cultivar”, entenda-se o **conjunto de comportamentos**

e atitudes de uma sociedade específica em relação ao empreendedorismo. Afinal, quanto mais as pessoas acreditam que a criação de negócios de alto impacto possa ser positiva para a cidade em que vivem, mais provável é que vejam com bons olhos tanto o desafio de empreender, quanto a figura do empreendedor. E os frutos virão: novos empreendedores, investidores, oportunidades de emprego, crescimento econômico etc.

Diante disso, esta análise sobre a Cultura Empreendedora se deu

por meio da avaliação de dois fatores fundamentais. O primeiro diz respeito ao **potencial da população para empreender com alto impacto** - e por impacto se entende a capacidade de criar e operar empresas que crescem aceleradamente, empregam um número maior de funcionários, têm modelos de negócio mais rentáveis e sobrevivem por mais tempo. O segundo fator corresponde à imagem do empreendedorismo nas cidades, à forma como a população local encara os empreendedores e a atividade de empreender

NÃO IMPORTA APENAS ACHAR O EMPREENDEDORISMO “LEGAL”, É IMPORTANTE PARA UMA CIDADE TER UMA CULTURA DE ALTO IMPACTO

Potencial Empreendedor

Cidades	Índice de Potencial Empreendedor	Índice de Visão de oportunidades	Índice de Proatividade	Índice de Criatividade	Índice de Sonho Grande
Maceió	7,76	35,2	31,7	35,7	40,2
Aracaju	7,15	35,1	31,4	35,9	39,4
Maringá	6,79	33,4	33,2	35,1	39,1
Natal	6,79	35,1	30,8	35,6	39,6
Ribeirão Preto	6,32	33,3	32,3	34,8	38,4
Campo Grande	6,32	33,6	32,2	34,5	38,7
Florianópolis	6,32	33,8	32,1	35,1	39,0
Caxias do Sul	6,32	33,2	32,1	34,4	38,8
Vitória	6,32	33,1	32,0	34,9	38,8
Goiânia	6,32	33,4	31,9	34,7	38,6
Campinas	6,32	33,0	31,8	34,6	38,5
São José dos Campos	6,32	33,3	31,7	34,7	38,5
Londrina	6,32	33,4	31,7	34,5	38,5
Belém	6,32	33,7	31,6	34,6	38,7
São Luís	6,32	33,9	31,5	35,0	38,6
Salvador	6,32	34,4	31,4	34,9	38,7
Joinville	6,32	33,5	31,4	34,6	38,2
Cuiabá	6,32	34,4	31,2	35,4	39,3
São Paulo	6,32	33,2	31,1	35,1	38,8
Fortaleza	6,32	33,5	31,1	35,1	38,7
Rio de Janeiro	6,32	33,5	31,0	35,0	38,7
João Pessoa	6,32	34,5	30,7	35,6	38,9
Sorocaba	6,32	34,7	30,6	35,4	38,1
Manaus	6,32	34,8	30,6	35,3	38,8
Teresina	6,32	34,7	30,4	35,9	39,3
Recife	6,32	34,5	30,4	35,8	39,0
Porto Alegre	4,34	32,0	31,8	34,8	38,6
Belo Horizonte	4,27	31,7	32,1	34,4	38,3
Uberlândia	4,27	32,1	32,0	34,0	38,1
Blumenau	4,27	32,9	31,7	34,5	38,1
Brasília	4,27	33,1	29,9	35,2	37,8
Curitiba	3,10	31,4	32,4	33,7	37,6
Média		33,6	31,5	35,0	38,7
Fonte		Endeavor	Endeavor	Endeavor	Endeavor
Ano		2015	2015	2015	2015

O POTENCIAL PARA EMPREENDER COM ALTO IMPACTO

Mensurar o quão empreendedora é uma população - e, mais do que isso, o tamanho do impacto que ela pode gerar - não é tarefa simples. Na verdade, há diversas maneiras de se chegar a uma resposta. E para além da compreensão de motivações e desejos das pessoas em relação ao empreendedorismo, é essencial também diagnosticar a capacidade delas de criar negócios de alto impacto.

Uma das pesquisas mais utilizadas no mundo para avaliar o potencial para empreender com alto impacto é o **Teste META** (Measure of Entrepreneurial Tendencies and Abilities). Criada por doutores da University College London em parceria com Universidade de Harvard e o Governo do Reino Unido, é metodologia utilizada no Índice de Cidades

Empreendedoras (e detalhada na página XX). O teste parte de questões psicométricas para avaliar os entrevistados em **quatro atitudes, consideradas essenciais entre empreendedores de alto impacto**: visão de oportunidades, proatividade, criatividade e sonho grande.

Assim, foram aplicados via internet 9.013 testes nas 32 cidades, chegando-se a um resultado final para cada município³. **É importante observar que não há diferenças estatisticamente significantes entre as notas de algumas das cidades (houve uma espécie de “empate técnico”); portanto, elas receberam as mesmas notas finais.** Isso gerou, ao final, sete grupos, mesmo que as somas em cada uma das atitudes sejam diferentes - como aconteceu, por exemplo, com Blumenau e Brasília.

A SUBJETIVIDADE DO EMPREENDEDORISMO

Uma rápida olhada nas primeiras colocações do Índice de Cultura já deixa claro o domínio das cidades do Norte, Nordeste e Centro-Oeste. Em consequência, as últimas colocadas se concentram no Sul e no Sudeste (com exceção de Maringá e Florianópolis, 2ª e 4ª colocadas, respectivamente).

Pode-se concluir, portanto, que populações de cidades mais ao norte do país tendem a ter uma cultura empreendedora mais forte. Isso pode ser justificado tanto pelo fato de lá se registrar uma visão mais positiva do empreendedorismo, como pelos índices mais altos nas quatro atitudes do potencial de empreender com alto impacto.

Porém, os motivos exatos para estas disparidades entre regiões não são claros. Diferentemente de outros pilares, **os aspectos culturais são pouco tangíveis;**

envolvem o inconsciente coletivo da população, o que aumenta muito o grau de subjetividade da análise.

Em todo caso, algumas hipóteses podem ser formuladas. Por exemplo, o papel do poder público: **nas cidades onde a atuação do governo como contratante é muito predominante, como em Brasília, última colocada e exceção entre as cidades do Centro-Oeste, a figura do empreendedor e a prática do empreendedorismo tendem a perder relevância.**

O mesmo ocorre em locais em que grandes empresas respondem pela maior parte do mercado de trabalho - como é o caso das maiores cidades do Sul e do Sudeste. Outras hipóteses passam por questões de migração e fatores geracionais que, em diferentes medidas, poderiam influenciar os resultados

³Um estudo aprofundado sobre o assunto, bem como a metodologia completa, pode ser encontrado no link: <http://info.endeavor.org.br/culturaempreendedoranobrasil>.

ONDE EMPREENDER É UMA ÓTIMA ESCOLHA

Natal, Teresina e Maringá são os destaques do pilar de cultura. As três cidades estão entre as primeiras posições do subdeterminante de potencial para empreender com alto impacto (Natal, 3ª, Maringá, 4ª, e Teresina, 5ª). Mas, diferentemente de Maceió e Aracaju, as duas primeiras nesse quesito, elas combinam bons resultados também quanto à imagem do empreendedorismo.

Em Natal, por exemplo, 80,7% dos entrevistados concordam com a afirmação de que “empreendedores bem-sucedidos são respeitados na cidade” (a média do estudo é 71,3%). E 84,8% disseram que “conhecem ao menos um empreendedor que iniciou seu negócio há menos de dois anos” (a média é 77,5%), o que mostra que a população local é mais receptiva à ideia de empreender.

Também Teresina registra uma imagem do empreendedorismo muito favorável em diversos pontos. Mais da metade dos entrevistados (51,6%) disse que “costuma ver exemplos de empreendedores na mídia” - a taxa mais alta entre as analisadas, cuja média é 40,1%. Além disso, apenas quatro cidades pesquisadas tiveram nota média acima de sete sobre quanto “boa é a opção de trilhar uma carreira empreendedora”⁴. E a capital piauiense, com 7,11, fica atrás apenas de Fortaleza, com 7,23.

Ao Sul, Maringá é a referência. Lá, 42,1% da população pesquisada discorda de que “empreender na cidade é difícil”, o que faz com a cidade só fique atrás de Goiânia (43,91%) nesse quesito - a média é 32%. **A ideia de que “empreendedores exploram**

seus funcionários” também é negada pela maioria da população maringaense: 56,78% discordam parcial ou totalmente da afirmação, enquanto a média nas 32 cidades é 50,35% (cerca de 29%, em média, nem discordam nem concordam).

Brasília, Curitiba e Porto Alegre são as últimas colocadas em Cultura Empreendedora. Além de não responderem pelos melhores resultados em relação ao potencial para se empreender com alto impacto, as populações dessas cidades não encaram a ideia de empreender com tanto otimismo. **Apesar de 77,62% da população de Brasília concordar que “o desenvolvimento do país depende dos empreendedores”, uma média alta, a ideia do empreendedorismo como opção de carreira tem nota de apenas 6,33 na região.** É uma das mais baixas entre as cidades analisadas e a mesma de Curitiba, a penúltima cidade em Imagem do Empreendedorismo - a média das 32 cidades é 6,7 - o que mostra o perfil pouco empreendedor dos habitantes locais. Curitiba também tem a população que menos concorda com a frase “empreendedores bem-sucedidos são respeitados na cidade”: apenas 61,2% - em Natal, a primeira nesse quesito, o valor ultrapassa 80%.

Como mostram os exemplos a seguir, Governos e mídia podem exercer um papel crucial de estímulo ao empreendedorismo. Os casos abaixo são de ações que destacaram os empreendedores locais e estimularam o desenvolvimento de novos negócios.

BOAS PRÁTICAS PELO MUNDO

Super-empresendedores nas salas de aula | Reino Unido

O que inspira as crianças? Os pais, os super-heróis, os professores? Todas as alternativas podem ser verdadeiras; mas, para o Reino Unido, empresários (que não deixam de ser super-heróis) também fazem parte deste time.

É o programa **Founders4Schools**, que já levou milhares de empresários de alto impacto para as salas de aula. O objetivo é conectar as escolas, os professores e, principalmente, as crianças com esses

líderes, para inspirá-las a enxergar, no empreendedorismo, uma (grande) opção de futuro. **Os convidados contam um pouco sobre suas trajetórias acadêmicas, pessoais e profissionais, aproximando as crianças de histórias empreendedoras com as quais possam se identificar.**

Mas os empresários podem ser tão inspiradores quanto os super-heróis? A julgar pela reação das crianças, sim: 96% respondem positivamente à pergunta, e **94,6%**

gostariam de participar de um evento parecido outras vezes. E por conta de muitos desses empresários terem criado empresas de tecnologia e, conseqüentemente, terem contado histórias do setor, há um resultado direto nas escolhas das crianças: **54% querem saber mais sobre planos de negócios e aprender sobre tecnologia** - o que é muito, se comparado aos 24% do total de alunos do Reino Unido que sonham em cursar faculdades de Ciência e Tecnologia.

Made by empresários | Nova Iorque

De **Nova Iorque**, vem o ótimo exemplo da campanha publicitária *We Are Made in New York*. Ou simplesmente *Made in New York*, que promoveu o empreendedorismo de alto impacto na cidade por meio da divulgação de casos de sucesso de empresários locais.

As peças mostram as instalações de *startups* de tecnologia nova-iorquinas - e suas respectivas equipes - apresentando dados como estatísticas de criação de empregos, faturamento, etc. **Criada em 2005, como resultado de uma parceria entre a prefeitura da cidade e empresas de mídia locais, a campanha já conta com mais de 150 milhões de visualizações**, e aparece nas mídias sociais

das empresas da cidade, nos filmes produzidos por lá e até nos ônibus e metrô. As *startups* também criaram vídeos espontaneamente para promovê-la, e mais de mil empresas foram adicionadas ao grupo *Made in NY*, adotando também a marca. A cultura empresenedora na cidade nunca mais foi a mesma.

Imagem do Empreendedorismo

Cidades	Índice de Imagem do Empreendedorismo	Status do empreendedor	Percepção sobre empreendedorismo na mídia	Percepção sobre relação entre empreendedores e funcionários
Teresina	7,81	78,0%	51,6%	44,0%
Florianópolis	7,80	71,9%	46,8%	55,0%
Natal	7,47	80,7%	40,0%	46,3%
Goiânia	7,47	71,2%	46,5%	52,8%
Maringá	7,37	67,0%	44,0%	56,8%
Manaus	7,13	76,9%	43,2%	48,0%
São Luís	7,02	72,2%	41,3%	53,0%
Uberlândia	6,93	71,4%	42,8%	58,0%
Fortaleza	6,75	77,5%	44,6%	46,1%
Vitória	6,64	67,6%	40,7%	53,5%
João Pessoa	6,44	75,7%	37,9%	48,2%
Cuiabá	6,13	73,8%	42,2%	53,5%
Aracaju	6,07	80,8%	36,6%	48,6%
Belém	5,94	75,8%	40,1%	45,5%
Londrina	5,87	71,6%	40,4%	51,6%
Recife	5,82	72,7%	40,6%	43,9%
Rio de Janeiro	5,68	70,2%	43,2%	48,8%
Blumenau	5,64	68,6%	37,6%	51,7%
Belo Horizonte	5,59	68,6%	39,6%	53,4%
Campo Grande	5,58	68,9%	45,1%	51,3%
Salvador	5,57	72,4%	40,0%	43,3%
São Paulo	5,57	65,7%	49,5%	53,1%
Caxias do Sul	5,50	68,6%	32,9%	54,9%
Joinville	5,35	66,1%	47,1%	47,8%
Curitiba	5,35	61,2%	38,0%	53,6%
Ribeirão Preto	5,32	72,4%	36,7%	51,6%
Porto Alegre	5,22	68,6%	29,2%	55,6%
Maceió	5,15	72,0%	33,8%	46,2%
Campinas	5,04	68,4%	32,6%	53,9%
São José dos Campos	4,61	68,6%	28,4%	48,7%
Sorocaba	4,11	70,1%	31,7%	45,4%
Brasília	4,08	66,1%	37,9%	47,7%
Média		71%	40%	50%
Fonte		Endeavor	Endeavor	Endeavor
Ano		2015	2015	2015

Cidades	Incentivo ao empreendedorismo na família	"Dependência" de empreendedores	Percepção sobre a dificuldade de empreender na cidade	Conhecimento pessoal de empreendedores	Quão desejável é ser empreendedor na cidade
Teresina	48,4%	78,0%	36,6%	82,8%	7,11
Florianópolis	55,8%	75,5%	36,7%	79,9%	6,95
Natal	54,4%	75,9%	29,3%	84,8%	6,97
Goiânia	53,5%	74,9%	43,9%	79,7%	6,59
Maringá	54,2%	73,6%	42,1%	77,7%	6,88
Manaus	51,3%	75,1%	37,4%	77,3%	7,09
São Luís	56,6%	74,7%	28,8%	79,4%	6,87
Uberlândia	52,9%	76,4%	34,8%	76,4%	6,43
Fortaleza	46,1%	73,2%	36,1%	80,0%	7,23
Vitória	51,6%	75,6%	36,0%	75,6%	6,95
João Pessoa	51,1%	77,9%	30,5%	77,6%	6,86
Cuiabá	50,2%	76,4%	29,1%	78,5%	6,35
Aracaju	54,3%	73,9%	27,5%	74,6%	6,79
Belém	53,1%	69,7%	34,7%	80,5%	6,52
Londrina	48,4%	70,2%	35,3%	77,1%	6,77
Recife	50,7%	68,7%	30,9%	79,9%	7,08
Rio de Janeiro	47,5%	79,8%	25,8%	71,7%	6,94
Blumenau	49,8%	72,3%	33,6%	77,5%	6,73
Belo Horizonte	46,6%	73,1%	33,2%	81,6%	6,31
Campo Grande	51,6%	72,9%	26,7%	77,3%	6,52
Salvador	52,0%	72,0%	32,0%	76,0%	6,76
São Paulo	45,6%	71,2%	28,8%	75,1%	6,90
Caxias do Sul	50,9%	74,0%	32,1%	80,5%	6,16
Joinville	47,4%	71,9%	25,5%	78,8%	6,85
Curitiba	52,5%	74,3%	33,7%	76,4%	6,33
Ribeirão Preto	47,6%	73,1%	30,5%	76,0%	6,44
Porto Alegre	51,3%	79,8%	31,0%	70,4%	6,25
Maceió	52,4%	72,4%	26,2%	76,0%	6,76
Campinas	53,9%	69,5%	30,1%	74,5%	6,54
São José dos Campos	48,7%	73,8%	30,6%	74,5%	6,46
Sorocaba	44,6%	65,3%	26,2%	80,1%	6,75
Brasília	44,8%	77,6%	26,0%	72,2%	6,33
	51%	74%	32%	78%	6,70
	Endeavor	Endeavor	Endeavor	Endeavor	Endeavor
	2015	2015	2015	2015	2015





PERFIL DAS REGIÕES

SUDESTE

	Valor	Posição
São Paulo	8,45	1
Vitória	7,70	3
Campinas	6,83	5
São José dos Campos	6,74	6
Rio de Janeiro	6,47	10
Ribeirão Preto	6,33	12
Belo Horizonte	6,32	12
Sorocaba	6,09	15
Uberlândia	5,68	18



O CENTRO ECONÔMICO DO PAÍS

O Sudeste concentra mais de 55% do PIB brasileiro, e metade do total de Scale-ups com sede nas 32 cidades deste estudo. Ao lado do Nordeste, é a região com mais cidades analisadas: nove - com a diferença de, no caso nordestino, todas serem capitais. **E, em cinco dos sete pilares analisados, o desempenho do Sudeste fica acima da média**, com destaque, naturalmente, para São Paulo, a primeira colocada.

Os números da capital paulista são contundentes. Líder em três dos sete pilares, **São Paulo responde pela maior infraestrutura, com um sistema de logística impulsionado por um dos maiores aeroportos internacionais do mundo**. Há também a proximidade do porto de Santos e a ampla malha rodoviária, o que torna a região bastante conectada.

Ser o centro econômico do país também ajuda: **a capital paulista tem o maior PIB (cerca de 10% de toda a produção nacional), além de centralizar a maioria dos investimentos em Private Equity e Venture Capital** - 57% dos aportes desses segmentos estão na cidade. Para completar, a cidade apresenta o maior volume de recursos liberados por bancos privados e instituições de incentivo à inovação. De modo que o tamanho de São Paulo realmente

A cidade de São Paulo é o centro econômico do país: concentra 10% do PIB total e 60% de todos os investimentos em capital de risco

faz diferença, tanto para a região quanto para todo o país.

São Paulo puxa a fila, mas todo o Sudeste é destaque no que se refere a tamanho de mercado, condições logísticas e investimentos. Em geral, se só fossem utilizados números absolutos nas análises deste Índice, não haveria dúvidas de que as cidades da região o dominariam - em especial as maiores, como São Paulo, Rio e Belo Horizonte.

Além da grande representatividade no PIB nacional, a região é central, não só econômica como, também, geograficamente. **Entre as dez primeiras colocadas na subdeterminante conexões interurbanas, sete são da região - ficam de fora somente Ribeirão Preto (13ª) e Uberlândia (19ª)**. Já o Índice de Mercado, apenas Ribeirão Preto (22ª) e Uberlândia (23ª), novamente, ficam abaixo da primeira metade.

INVESTIMENTOS CONCENTRADOS

Por serem centrais economicamente, essas cidades também acabam por registrar boas oportunidades de investimento. **Cerca de 90% dos investimentos de Venture Capital** estão na região, sendo que São Paulo (57%), Rio de Janeiro (15%) e Belo Horizonte (10%) correspondem quase à totalidade. **Este capital abundante, no entanto, é mal distribuído**, sendo que algumas cidades da região apresentam indicadores baixíssimos: é o caso de Sorocaba, que não registrou aportes de Private Equity, e de São José dos Campos, sem investimento algum de Venture Capital.

Uma concentração se observa também no caso dos investimentos focados em inovação: **de todos os aportes feitos pela FINEP e pelo BNDES, 80% foram para as cidades do Sudeste**. O destaque vai para São Paulo e

Campinas, com média de quase R\$ 13 mil por empresa. Por outro lado, foram pouquíssimos aqueles destinados a Vitória (R\$ 450 por empresa, aproximadamente) e Belo Horizonte (R\$ 1.400, aproximadamente).

Além de investimentos, a Inovação é um destaque como um todo. A região apresenta bons resultados tanto em *Inputs* (os insumos necessários para inovar) quanto em *Outputs* (os resultados de inovações), novamente nas maiores cidades analisadas. **Seis dos 10 municípios com maior proporção de funcionários em áreas inovadoras são do Sudeste**. A ênfase vai para Vitória e São José dos Campos, que registram uma média de 13%, comparada à média de 9% do restante do país.

Campinas é um polo inovador: tem uma alta proporção de pesquisadores nas áreas de C&T e muitos investimentos do BNDES e da FINEP

O PARADOXO DA MÃO DE OBRA: ABUNDANTE, MAS LIMITADA

Há bom desempenho também na área de Capital Humano. Em números absolutos, a **maior oferta de profissionais capacitados do país está na região**. A rede estadual de São Paulo é a melhor na retenção de alunos no ensino médio, com as quatro cidades do estado entre as maiores taxas de matrículas no período (com média de 75% na amostra paulista, comparado aos 63% entre todas as cidades do estudo).

As principais redes públicas de ensino também estão na região. Isso justifica o fato de todas as cidades do Sudeste apresentarem notas no IDEB acima da média para anos finais (4,4 contra 4,0). **A nota média no ENEM também é a mais alta entre as regiões do país: 501 no Sudeste**

e 482 nas demais regiões. No entanto, trata-se de um desempenho que não deve ser muito comemorado, uma vez que essas médias - um reflexo do déficit educacional do país - são baixíssimas. O objetivo traçado pelo Ministério da Educação como meta para o IDEB, por exemplo, é uma nota superior a 6,0 - sendo que a melhor entre as analisadas, Joinville, alcança somente 5,1.

A disponibilidade de profissionais capacitados também é expressiva em São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, principalmente em números absolutos. Estas cidades ainda reúnem boa parte dos mais importantes centros universitários do país, mas são poucos se comparados ao tamanho da população. É esse **o grande desafio para a região: levar**

ensino superior de qualidade para uma porcentagem cada vez maior de universitários, especialmente nas grandes cidades. Nas três capitais citadas, a média de universitários em cursos de alta qualidade é 19,7%, abaixo dos 22% no restante do país, e muito atrás das melhores cidades, como Florianópolis (59,8%) e Porto Alegre (44%).

Ou seja, especialmente nesses grandes centros, **a concorrência resultante da falta de mão de obra qualificada acaba elevando o custo médio para a contratação de um dirigente, sendo os mais altos do país**, a R\$ 6.178 na média da região - e atinge quase R\$ 10.000 em São Paulo, o dobro da média nacional, de R\$ 4.200.

DOR DE CABEÇA PARA OS EMPREENDEDORES

Se os empreendedores do Sudeste têm à disposição grandes mercados e mais investimentos do que a média, **há um grande destaque negativo para encarar: a burocracia da região.** Entre as cidades, há diferentes pontos críticos (como a complexidade, os custos etc.), mas o Ambiente Regulatório configura um gargalo comum.

A começar pelo valor dos impostos: as alíquotas de ICMS dos estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais são as maiores do país, com uma média acima de 16,2% - quase 0,7% acima da média nacional (e que chega a 12,9% em Brasília).

Há também uma grande disparidade entre as cidades. Enquanto são necessários em média apenas 24 dias para se abrir uma empresa em Uberlândia, e, a depender do caso, são menos de 10 dias, o mesmo processo leva 144 em Campinas,

em média. **Enquanto Vitória tem o IPTU mais baixo entre as analisadas (0,39% do valor venal dos imóveis), o imposto em Sorocaba é um dos mais altos: 3,0%.** Esses são alguns exemplos úteis para ilustrar a falta de padrão na burocracia da região - um problema de todo o país, diga-se. Ou seja, também para reduzir as disparidades, as cidades mais burocráticas do Sudeste podem aproveitar os exemplos de vizinhos e melhorar indicadores.

Mas há aquelas cidades que também se destacam negativamente em todo o país. **Quando se trata de congestionamento nos tribunais, por exemplo, o estado de São Paulo - e, conseqüentemente, todas as suas cinco cidades analisadas - se encontra na última posição:** a média de congestionamento nos tribunais fica em torno de 70%, comparado aos 63% na média entre as 32 cidades do estudo.

GRANDES MERCADOS, POUCAS OPORTUNIDADES?

Outro aspecto em que a região não vai bem é o de Cultura Empreendedora. Com exceção de Vitória (10ª colocada), todas as cidades do Sudeste estão na metade de baixo da tabela. Observa-se que, na região, é menor a incidência de potencial para o empreendedorismo de alto impacto (a pontuação média no Sudeste é de 137,9, entre 200 possíveis, e chega a 140,2 no Nordeste). Apesar de a população apresentar bons resultados na atitude "Proatividade", ou seja, a disposição para fazer acontecer e ir atrás dos resultados, há, em média,

menos pessoas que enxergam boas oportunidades de negócio em suas cidades, talvez influenciadas pelo tamanho e pela concorrência do mercado.

Outros indicadores explicam o fraco desempenho neste pilar. É o caso do apoio a familiares que pretendem empreender: **as cidades do Sudeste registram as menores médias deste quesito - 46,6% afirmam que apoiariam um parente que desejasse empreender, comparado a uma média de 51% nas 32 analisadas.**

EXEMPLOS QUE VÊM DE LÁ

Desafio Unicamp | SP

Há diversos casos de incentivo ao empreendedorismo na região Sudeste que merecem destaque. O **Desafio Unicamp** é um dos mais emblemáticos. Trata-se de uma competição para capacitar alunos empreendedores e estimular-los a abrir uma empresa de base tecnológica.

A iniciativa foi criada a partir da tese de doutorado de um pesquisador da Unicamp, Virgílio Ferreira Marques dos Santos. Em suas pesquisas, Virgílio chegou a um modelo barato, escalável e de fácil replicação para capacitar alunos

de graduação e de pós-graduação em empreendedorismo de base tecnológica. **A ideia é estimular a transferência de tecnologia por meio da criação de 'spin offs acadêmicos' - empresas criadas para explorar uma propriedade intelectual gerada por meio de um trabalho de pesquisa de uma instituição.** E qualquer empreendedor do país pode participar, tendo ou não vínculos com a Unicamp.

O próprio percurso dos participantes é enriquecedor: ao longo de três meses, são realizados workshops,

palestras e mentorias para as equipes tirarem suas dúvidas e conseguirem elaborar modelos de negócios. Ao final da competição, uma equipe é premiada, o que estimula a participação e o engajamento dos alunos.

E a julgar pelos resultados, o próprio Desafio Unicamp é vencedor: **as quatro edições do Concurso já somam por volta de 800 participantes, com 70 tecnologias e cerca de 200 modelos de negócio.**

Minas Fácil | MG

Outra iniciativa de destaque no Sudeste vem de Minas Gerais, e facilita a vida do empreendedor em um momento que costuma ser problemático: a abertura da empresa. O **Minas Fácil**, serviço prestado pelo Governo Estadual em parceria com diversos órgãos permitem **abrir um negócio simples em menos de dez dias, como acontece em Belo Horizonte e Uberlândia**

para empresas de serviços. A base é a mesma que já começa a ser aplicada em diversas cidades do país, o Sistema Integrar da Redesim, mas que em Minas foi aperfeiçoado e já está em sua versão 2.0, única no país.

Ao empreendedor, basta seguir um breve passo a passo, com as orientações apresentadas no site do programa, de

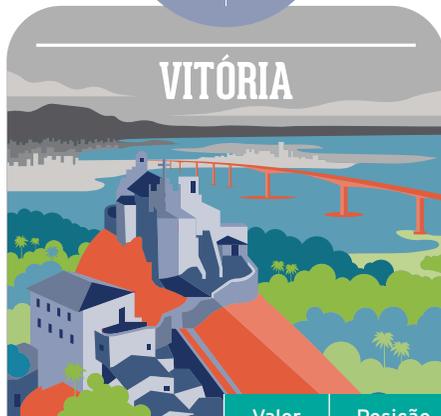
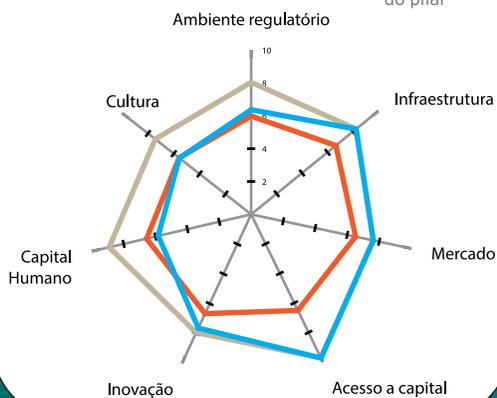
forma clara e objetiva. Com as melhoras, **desde 2013, cerca de 70% das novas empresas mineiras foram abertas por meio do serviço - e o prazo para este processo até diminuiu, alcançando os 10 dias, a depender do caso.**Mais do que números, são provas de que, ainda que pareça um sonho distante, melhorar a burocracia é possível.



SÃO PAULO

	Valor	Posição
Ambiente Regulatório	6,37	12
Infraestrutura	8,25	1
Mercado	7,63	1
Acesso a capital	9,73	1
Inovação	7,64	3
Capital Humano	5,83	20
Cultura	5,93	20

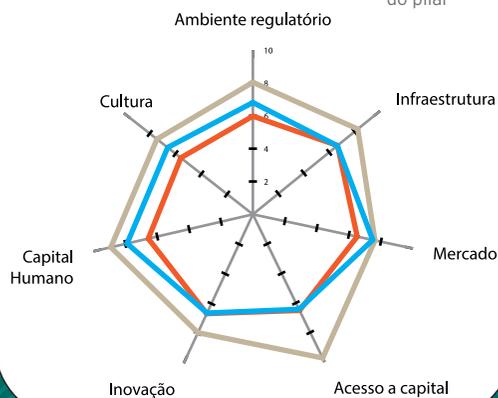
— São Paulo — Sudeste — Melhor nota do pilar



VITÓRIA

	Valor	Posição
Ambiente Regulatório	6,81	8
Infraestrutura	6,64	10
Mercado	7,49	4
Acesso a capital	6,43	7
Inovação	6,63	11
Capital Humano	7,89	2
Cultura	6,61	10

— Vitória — Sudeste — Melhor nota do pilar

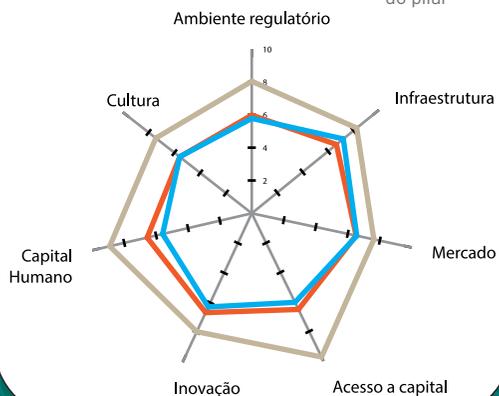




CAMPINAS

	Valor	Posição
Ambiente Regulatório	5,78	21
Infraestrutura	7,20	4
Mercado	6,56	11
Acesso a capital	6,03	11
Inovação	7,36	4
Capital Humano	6,29	10
Cultura	5,59	24

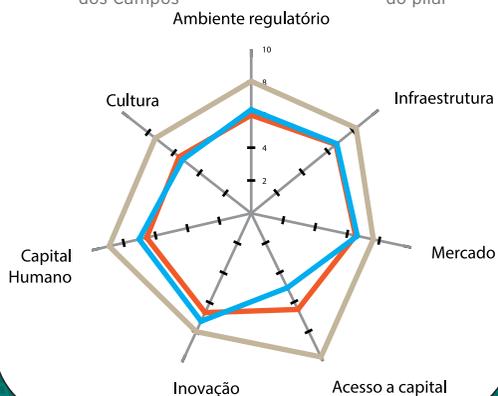
— Campinas — Sudeste — Melhor nota do pilar



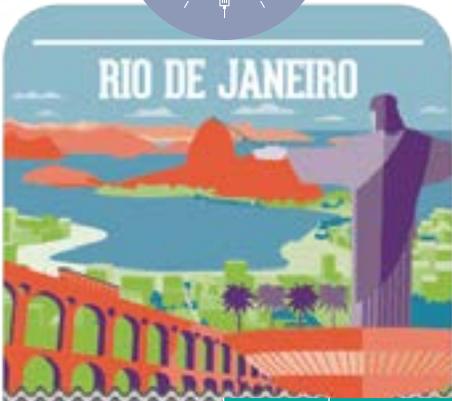
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

	Valor	Posição
Ambiente Regulatório	6,31	14
Infraestrutura	6,73	6
Mercado	6,63	9
Acesso a capital	5,04	30
Inovação	7,25	6
Capital Humano	7,03	5
Cultura	5,32	26

— São José dos Campos — Sudeste — Melhor nota do pilar

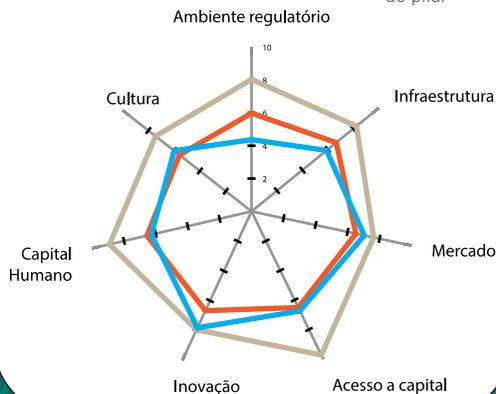


10^o LUGAR NO ICE 2015



	Valor	Posição
Ambiente Regulatório	4,37	31
Infraestrutura	5,90	18
Mercado	7,04	7
Acesso a capital	6,74	6
Inovação	7,82	2
Capital Humano	6,28	12
Cultura	6,00	17

— Rio de Janeiro — Sudeste — Melhor nota do pilar

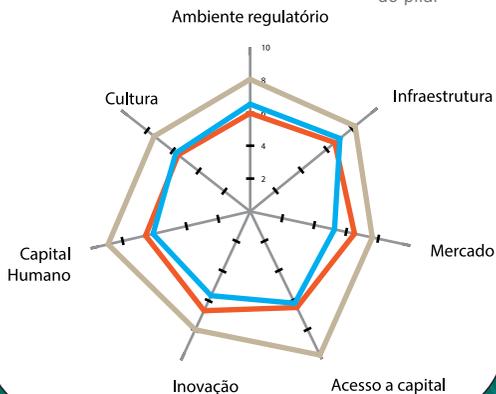


12^o LUGAR NO ICE 2015



	Valor	Posição
Ambiente Regulatório	6,53	10
Infraestrutura	7,06	5
Mercado	5,27	22
Acesso a capital	6,22	9
Inovação	5,66	17
Capital Humano	6,09	14
Cultura	5,77	23

— Ribeirão Preto — Sudeste — Melhor nota do pilar



12
O LUGAR
NO ICE
2015

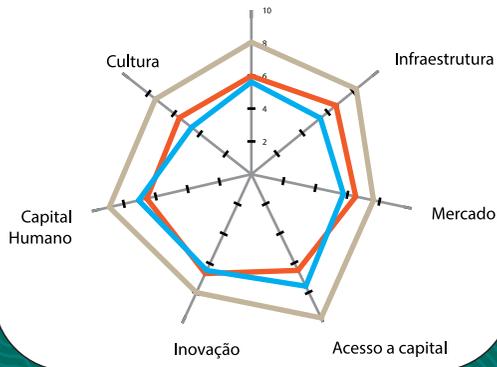
BELO HORIZONTE



	Valor	Posição
Ambiente Regulatório	5,62	22
Infraestrutura	5,43	23
Mercado	5,75	19
Acesso a capital	7,58	3
Inovação	6,46	12
Capital Humano	7,07	3
Cultura	4,64	29

— Belo Horizonte — Sudeste — Melhor nota do pilar

Ambiente regulatório



15
O LUGAR
NO ICE
2015

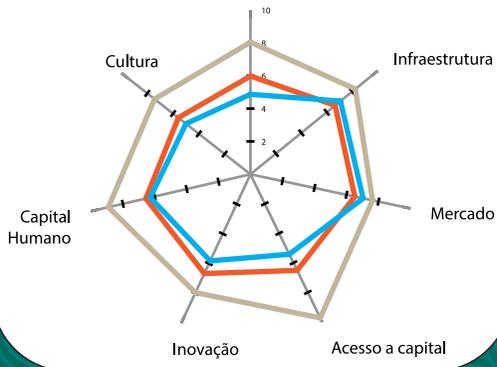
SOROCABA



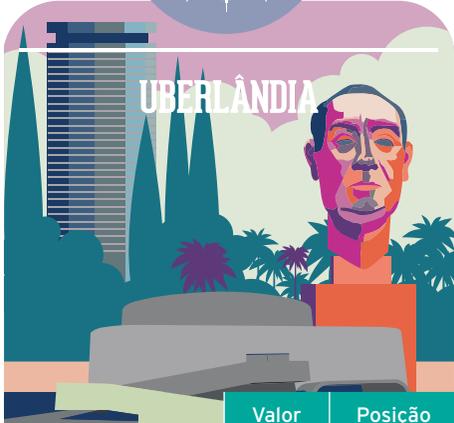
	Valor	Posição
Ambiente Regulatório	4,87	26
Infraestrutura	7,36	2
Mercado	7,04	6
Acesso a capital	5,42	24
Inovação	5,82	15
Capital Humano	6,28	11
Cultura	5,00	27

— Sorocaba — Sudeste — Melhor nota do pilar

Ambiente regulatório

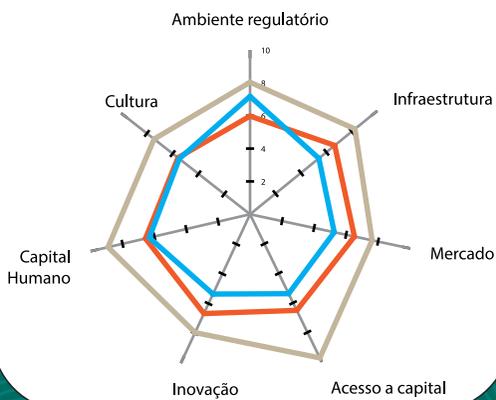


18^o LUGAR NO ICE 2015



	Valor	Posição
Ambiente Regulatório	7,18	4
Infraestrutura	5,41	25
Mercado	5,26	23
Acesso a capital	5,38	26
Inovação	5,36	22
Capital Humano	6,32	9
Cultura	5,49	25

— Uberlândia — Sudeste — Melhor nota do pilar



SUL

	Valor	Posição
Florianópolis	8,36	2
Porto Alegre	6,59	7
Curitiba	6,54	8
Joinville	6,51	9
Maringá	6,41	11
Caxias do Sul	5,87	16
Londrina	5,72	17
Blumenau	5,58	20



FLORIANÓPOLIS: A LENTE DE AUMENTO DA REGIÃO

O Sul do país é a região da vice-líder Florianópolis. Pode-se dizer que a capital catarinense é, além de um exemplo a ser seguido, uma espécie de lente de aumento para os muitos destaques da região, onde estão também outras três cidades que se encontram entre as 10 primeiras no ICE2015: Porto Alegre (7ª), Curitiba (8ª) e Joinville (9ª). **Junto ao Sudeste, é a região de maior destaque no estudo.** Esses bons resultados se explicam especialmente por condições favoráveis de Inovação e Capital Humano, com destaque para a capital catarinense.

A começar pela qualidade das universidades: **quase 60% dos alunos estão inscritos em cursos de excelência, de acordo com o ENADE - a média das 32 cidades é menos da metade, 22,7%.** E o nível educacional da população também se destaca, com 36% dos adultos tendo ao menos um diploma de graduação - uma taxa que, se ainda parece baixa e pode melhorar muito, representa quase o dobro da média das cidades analisadas (22%).

No entanto, mesmo com uma mão de obra qualificada, **o custo médio para contratação de um dirigente não é tão alto: cerca de R\$ 4.500. Isto é menos da metade dos quase R\$ 10.000 encontrados em São Paulo,** e fica abaixo até da média das 32 cidades, de R\$ 4.755, aproximadamente.

Gente boa e dedicada a inovar também faz diferença. Quase 10% dos funcionários nas empresas da cidade estão alocados em áreas de C&T, enquanto a média é de 3,2%. **Há também**

mais de 18 pesquisadores nessa área para cada 100 empresas, quando a média das cidades é pouco mais de 8. Tantos insumos (ou *inputs*) geram de fato resultados (*outputs*): Florianópolis é a única a se posicionar entre as quatro melhores em ambos os subdeterminantes do pilar de inovação. Entre os *outputs*, o destaque vai para a proporção de empresas de economia criativa em relação ao total, com 2,4% (a média das 32 cidades é de 1,8%).

O principal desafio para a ilha catarinense é transformar toda a mão de obra disponível e a inovação que começa a ser produzida em negócios com potencial para alcançar todo o Brasil e - por que não? - o mundo. Florianópolis tem o 6º menor PIB entre as 32 cidades analisadas. O número é 40 vezes menor se comparado ao da líder São Paulo. Da mesma forma, se quiser conquistar mercados globais, o caminho também é longo, já que menos de 0,4% das empresas na cidade exportam - taxa cerca de três vezes menor do que aquelas já baixas encontradas nas conterrâneas Joinville (1,3%) e Blumenau (1,2%). Os dados mostram: há espaço e potencial para aumentar esses números.

Capital humano em Florianópolis: 6 em cada 10 alunos do ensino superior são formados em cursos de excelência

POTENCIAL NÃO SÓ NA ILHA

Com exceção de Curitiba, Londrina e Maringá, **cinco das seis primeiras colocadas no subdeterminante de Outputs de Inovação estão na região Sul.** Há boa proporção de empresas de tecnologia por conta das capitais, com 2,5% para Florianópolis, destaque neste quesito. A capital catarinense fica atrás apenas de Blumenau, com 2,56%.

Também na proporção de empresas com registros de patentes ou programas de software, as organizações de lá se destacam. **Esse número, que no Brasil é baixíssimo (cerca de 0,1% dos negócios com funcionários no país têm patentes), em Joinville chega a 0,5% - a média nas cidades analisadas é 0,17%.** As seis melhores neste indicador

também estão na região e, juntas, respondem por 549 empresas com este tipo de propriedade intelectual, o equivalente a 26% de toda a produção entre as cidades estudadas.

Um aspecto importante é o tamanho da indústria inovadora em Caxias do Sul, que representa uma proporção muito maior se comparada às demais. É superior a 5%, enquanto que a média é de 0,96%; para se ter uma ideia, a segunda maior proporção, em Joinville, é de 2,02%.

A oferta de mão de obra também faz a diferença no desempenho geral da região Sul - especialmente nos casos de Florianópolis, Maringá e Porto Alegre. Além da já comentada

vice-líder geral, Maringá também se destaca pela oferta de mão de obra qualificada. Lá, o custo médio para a contratação de um dirigente é de R\$ 3.668 (o valor mais baixo do Sul), e também é alta a proporção de alunos com boa qualidade de ensino (34,7% - a 5ª melhor cidade do quesito). Porto Alegre, por sua vez, também se

destaca no que toca à qualificação da mão de obra. **A cidade tem a segunda maior proporção de alunos em cursos de alta qualidade e é a terceira colocada na proporção de adultos com ensino médio (61%)** - atrás apenas de Florianópolis e Vitória -, o que a leva à segunda colocação no determinante de Capital humano.

QUALIDADE DE VIDA EM CIDADES MÉDIAS

As cidades do Sul chamam a atenção pela qualidade de vida local. Isso é notável em especial nos municípios médios: **Joinville ocupa a 3ª colocação no quesito Índice de Infraestrutura, Curitiba é a 7ª e Blumenau é a 8ª**. Entre os fatores que levam a isso estão os valores do m², por exemplo, que se encontram entre os mais baixos do país. Em Blumenau, é de R\$ 2.499, e de R\$ 2.773 em Joinville, a média geral é quase o dobro, de R\$ 4.362.

A velocidade da internet é outro ponto positivo. Os paranaenses são os que dispõem do melhor acesso: **Curitiba, com 9,18% da população conectada à internet de alta velocidade, está na primeira posição**. E Maringá, com 7,68%, aparece no terceiro posto.

Quanto ao subdeterminante de transporte interurbano, Joinville e as capitais do Sul apresentam as melhores condições da região, e ficam entre as 12 primeiras colocações do estudo. O maior destaque mais uma vez é Curitiba. **A cidade apresenta sólido equilíbrio entre distância ao porto (com menos de 100 quilômetros de Paranaguá) e volume de transporte de passageiros (com mais de 7 milhões em seu aeroporto, o 9º maior)**.

O Sul apresenta alta qualidade de vida, com custos em geral mais baixos e segurança acima da média

SUPERAÇÃO NOS PRIMEIROS PASSOS

Embora a região apresente vários pontos positivos, nem tudo é motivo para comemoração. A começar pelo ambiente regulatório - pilar em que Blumenau, por exemplo, é a quarta pior colocada. **A cidade catarinense registra o maior custo de IPTU (3,5% do valor venal), e os processos jurídicos do estado também estão abaixo da média, com uma taxa de congestionamento em tribunais de 66,3% (enquanto a média é 63,1%, também impactando Florianópolis e Joinville**. Além disso, o empreendedor enfrenta gargalos logo em seu primeiro passo: são necessários 177 dias para abrir uma empresa em Blumenau.

Este processo, aliás, é especialmente lento no Sul: em média, são mais de 190 dias em média para registrar um novo negócio, ou quase oito vezes o tempo registrado na melhor cidade, Uberlândia, com 24 dias. A situação no Rio Grande do Sul é ainda mais crítica. **Em Porto Alegre, leva-se 260 dias, enquanto em Caxias do Sul, a pior entre todas as analisadas, mais de 300 dias, e pode passar de um ano**, a depender da complexidade do negócio. As demais

cidades da região tampouco apresentam resultados mais promissores, sendo o melhor desempenho encontrado em Curitiba, com 126 dias - só o 14º tempo mais rápido.

A dificuldade para se abrir um negócio é somente a porta de entrada, o convite para o empreendedor das cidades do Rio Grande do Sul. Quando o negócio começa a operar, a complexidade tributária segue gerando dor de cabeça. Enquanto a vizinha Santa Catarina se sai melhor, os gaúchos ficam entre os dez piores do estudo. Entre 2012 e 2014, em Santa Catarina foram feitas "apenas" 38 atualizações tributárias - número só maior comparado ao maranhense, com 25. **Já no Rio Grande do Sul foram 501 atualizações em três anos, índice só menor do que o encontrado no Mato Grosso, com 713**.

Além das dificuldades burocráticas para se empreender, quem deseja abrir um negócio precisa lidar também com as resistências culturais. **A primeira evidência disso é a percepção da imagem do empreendedor, que no geral não**

é boa - com exceções apenas em Florianópolis e Maringá.

Em Curitiba, por exemplo, observa-se que **apenas 61,2% da população diz que empreendedores bem-sucedidos "têm status e são respeitados"**. Em Joinville, são 66,1%, bastante distantes do primeiro colocado neste indicador, Aracaju, com 81%.

O tímido potencial para se empreender com alto impacto também é um desafio para a região, que apresenta uma

população com valores mais baixos nas quatro atitudes empreendedoras importantes para o crescimento dos negócios. Sobretudo em Curitiba, último lugar nesse quesito (atinge 135,2 pontos, de 200 possíveis, enquanto a média é 138,8). Apesar de ser a segunda melhor cidade em proatividade - a atitude com média mais baixa entre os brasileiros - **a capital paranaense ocupa a lanterna quando se trata de criatividade, sonho grande e visão.**

EXEMPLOS QUE VÊM DE LÁ

Sinapse da Inovação | SC

Inspirado por modelos do exterior, **o Sinapse da Inovação foi criado em 2008 com o objetivo de aproximar produção científica e empreendedorismo, por meio da transformação de artigos acadêmico em protótipos.** A operação é simples: estudantes, pesquisadores e diferentes profissionais do conhecimento enviam suas ideias para o programa. Cria-se, então, uma "comunidade" de empreendedores para viabilizar a discussão em torno

daquelas que apresentam maior potencial. As ideias são disponibilizadas no Portal Sinapse da Inovação, que, em conjunto com diversas palestras e atividades desenvolvidas, ajuda a impulsionar a inovação, a cultura empreendedora e a cooperação entre os diferentes participantes deste processo.

Há também apoio financeiro: atualmente, o programa repassa, por meio de agências de fomento, R\$ 60 mil para 100 ideias só em Santa Catarina - além do

investimento em consultoria realizado pelo Sebrae, parceiro da iniciativa.

Além do expressivo número de **294 empresas geradas** - as chamadas empresas sinápticas -, **aquelas ainda ativas tiveram, em 2014, um faturamento aproximado de R\$ 120 milhões.** Com isso, estima-se que o valor total de impostos arrecadados em 2014 tenha alcançado R\$ 27 milhões, já superando os R\$ 21,3 milhões investidos por agências e patrocinadores desde 2008.

Bom Negócio Paraná | PR

O segundo exemplo vem do Paraná. Trata-se do **Bom Negócio, um programa gratuito de capacitação para empreendedores** que se dá por meio de um curso com módulos de Gestão de Negócios, Gestão Comercial, Gestão de Pessoas, Gestão Financeira e Gestão Estratégica.

Realizado pela Federação de Associações Comerciais e Empresariais do Estado do Paraná (FACIAP) em parceria com instituições de ensino, o programa, inicialmente, oferecia cursos presenciais. Porém, logo foi identificada a necessidade de ampliar o alcance,

e a capacitação passou a ser feita por meio de ensino à distância. Além disso, **o Bom Negócio permite que empreendedores acessem capital por meio de empréstimos do Banco do Empreendedor, com juros que estão entre os mais baixos do país, e diminuam à medida que as empresas crescem e os empreendedores se capacitam.**

No entanto, com o foco na formação de empreendedores mais bem preparados, **são comuns os casos de pessoas que, ao passarem pelo programa, entendem que não precisam de capital,** mas de

capacitação para fazerem seus negócios prosperarem.

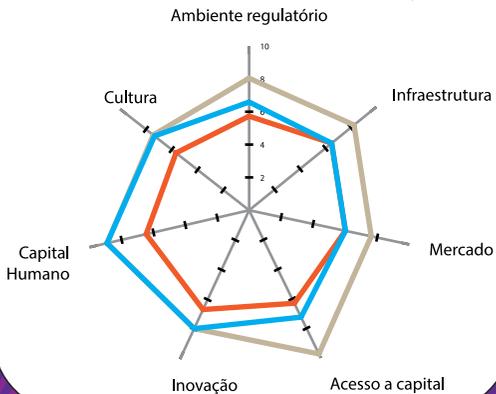
E os resultados do programa são cada vez mais expressivos. Os cursos vêm formando um número crescente de alunos, nas mais diversas regiões do estado. **Maringá, por exemplo, já está na quinta turma do programa, enquanto que cidades menores, como Ivaiporã, Mandaguari e Sarandi, também passaram a ter acesso aos cursos.** Todos ganham com empreendedores mais preparados, especialmente os próprios empreendedores.



FLORIANÓPOLIS

	Valor	Posição
Ambiente Regulatório	6,59	9
Infraestrutura	6,49	13
Mercado	6,02	16
Acesso a capital	7,24	4
Inovação	7,95	1
Capital Humano	8,91	1
Cultura	7,34	4

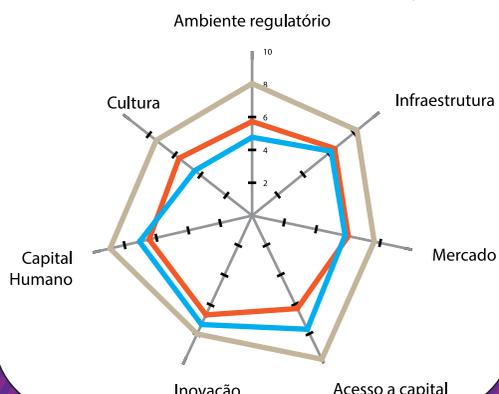
— Florianópolis — Sul — Melhor nota do pilar



PORTO ALEGRE

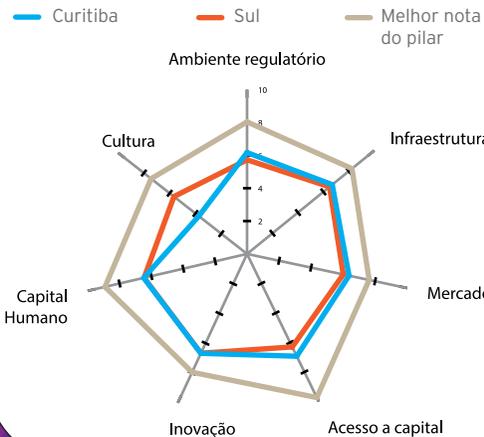
	Valor	Posição
Ambiente Regulatório	4,77	27
Infraestrutura	6,22	15
Mercado	5,81	18
Acesso a capital	7,70	2
Inovação	7,32	5
Capital Humano	7,06	4
Cultura	4,45	30

— Porto Alegre — Sul — Melhor nota do pilar

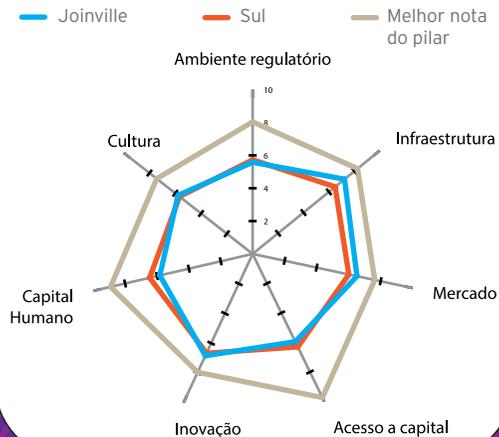




	Valor	Posição
Ambiente Regulatório	6,17	16
Infraestrutura	6,70	7
Mercado	6,37	13
Acesso a capital	6,93	5
Inovação	6,68	10
Capital Humano	6,48	8
Cultura	3,74	31

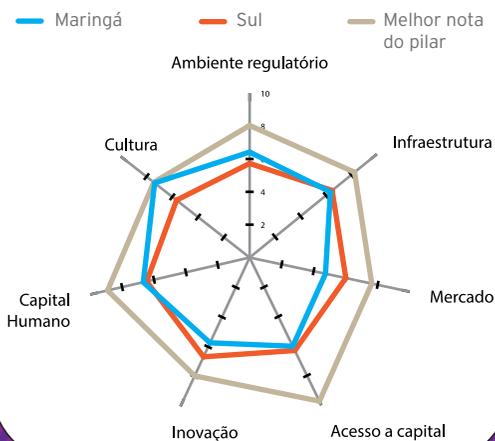


	Valor	Posição
Ambiente Regulatório	5,58	23
Infraestrutura	7,23	3
Mercado	6,52	12
Acesso a capital	5,95	13
Inovação	6,84	7
Capital Humano	5,82	21
Cultura	5,79	22

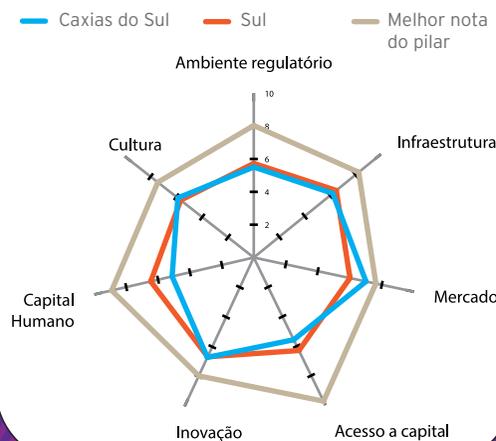




	Valor	Posição
Ambiente Regulatório	6,42	11
Infraestrutura	6,35	14
Mercado	4,74	29
Acesso a capital	6,01	12
Inovação	5,73	16
Capital Humano	6,67	7
Cultura	7,37	2



	Valor	Posição
Ambiente Regulatório	5,51	24
Infraestrutura	6,21	16
Mercado	7,01	8
Acesso a capital	5,57	20
Inovação	6,71	9
Capital Humano	5,12	26
Cultura	5,89	21

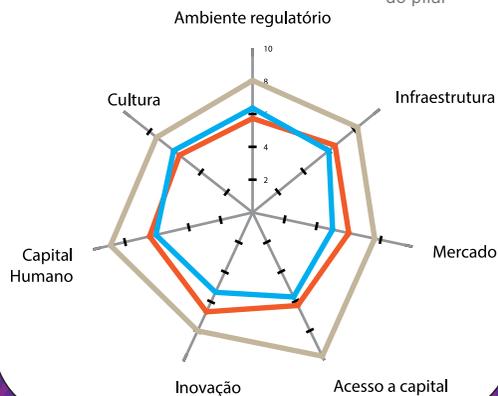




LONDRINA

	Valor	Posição
Ambiente Regulatório	6,36	13
Infraestrutura	5,99	17
Mercado	5,00	25
Acesso a capital	5,72	17
Inovação	5,36	23
Capital Humano	6,06	15
Cultura	6,12	15

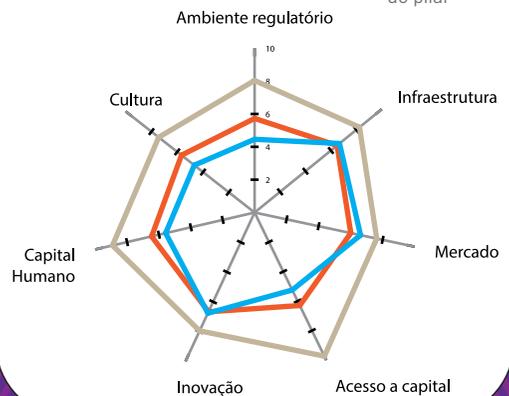
— Londrina — Sul — Melhor nota do pilar



BLUMENAU

	Valor	Posição
Ambiente Regulatório	4,46	29
Infraestrutura	6,68	8
Mercado	6,62	10
Acesso a capital	5,25	27
Inovação	6,76	8
Capital Humano	5,58	22
Cultura	4,68	28

— Blumenau — Sul — Melhor nota do pilar



NORDESTE

	Valor	Posição
Recife	6,93	4
João Pessoa	5,47	22
Aracaju	5,46	23
Salvador	5,39	24
Natal	5,34	25
São Luís	5,17	26
Fortaleza	4,82	30
Teresina	4,54	31
Maceió	4,03	32



RECIFE ALÉM DO PORTO DIGITAL

O recente crescimento econômico do Nordeste não é novidade, e isso influencia o desempenho da região, onde Recife é a melhor posicionada no estudo. Se o Recife já era famoso por seu Porto Digital, o maior parque tecnológico do país, **a capital pernambucana também ocupa a 4ª colocação no ICE2015**, após São Paulo, Florianópolis e Vitória, e com boa vantagem em comparação à 5ª colocada, Campinas.

Em relação às demais capitais nordestinas, Recife se posiciona entre as três primeiras em seis dos sete determinantes analisados. Ao ser comparada com as outras 31 analisadas no estudo, assim como Vitória (3ª no Índice de Cidades), a cidade aparece com muito equilíbrio: sua melhor condição está em Capital Humano (6º lugar); mas a pior, Cultura, é ainda a 16ª melhor. Trata-se, sem dúvida, de um exemplo a ser seguido pela região, e vale compreender os motivos que levam a isso.

Na 7ª posição nacional no determinante de Ambiente Regulatório, a capital pernambucana registra impostos mais baixos e menos complexos, além de muitos incentivos fiscais. **Recife faz bonito também em Capital Humano: é a cidade com maior porcentagem de**

inscritos no Ensino Técnico. Na 4ª posição do determinante, registra 5,5% da população com mais de 15 anos matriculada na rede, o que é três vezes a média; e é a 9ª com mais adultos com ensino superior completo, e, ainda assim, apresenta custos de salários abaixo da média.

No último ano Recife teve um aumento de 170% no número de matriculados no ensino profissionalizante e técnico

Outros destaques vêm em Infraestrutura: lá está o segundo maior aeroporto do Nordeste, recentemente reformado e atrás apenas do de Salvador. Há também um porto e, principalmente, boas condições internas: **Recife tem a 4ª maior proporção de acessos à internet rápida**, com 7,42% da população conectada à rede de alta velocidade - a média das 32 cidades é 4,65%.

A CULTURA (EMPREENDEDORA) NORDESTINA

Os grandes responsáveis pelo melhor desempenho do Nordeste no estudo são os próprios nordestinos. **As nove cidades da região estão entre as 15 melhores do país quanto às atitudes necessárias para se criar negócios de alto impacto** - com destaque para a visão de oportunidades e a criatividade ao desenvolver novos produtos. São destaques relativos à **Cultura Empreendedora**, campo em que a região também vai bem por conta da forma positiva com que a população vê o empreendedorismo.

Todas as cidades nordestinas estão acima da média nacional (71%) no que se refere a dizer que empreendedores bem-sucedidos têm reconhecimento e respeito local: três em cada quatro (75%) nordestinos afirmam isso. Os destaques principais são Natal e Aracaju, com mais de 80% da população afirmando o mesmo.

A **Infraestrutura** é outro aspecto favorável. O primeiro fato que chama a atenção é a distância de portos marítimos: **oito das nove capitais têm um porto muito próximo dos bairros centrais.** E o custo do metro quadrado também é atraente: embora Salvador, Recife e Fortaleza, por serem as maiores cidades da região, registrem um valor médio alto, de R\$ 5.337, as outras seis capitais nordestinas apresentam preço médio

de R\$ 3.059, o que faz com que o investimento imobiliário seja bem menor do que na maioria das outras regiões.

Ainda assim, mesmo com estes pontos fortes, a região Nordeste ainda precisa superar importantes desafios na área de Infraestrutura. A localização geográfica, por exemplo, é um desafio: as cidades nordestinas estão distantes dos principais centros consumidores do país, mais ao sul. **Também há poucas rodovias que conectam o litoral da região às zonas centrais do Brasil.**

No quesito segurança, os índices são preocupantes: sete cidades da região estão entre as dez mais inseguras da amostra. Trata-se, em ordem crescente, de Salvador, Aracaju, Natal, João Pessoa, Fortaleza, São Luís e Maceió, onde há altas taxas de homicídios, com uma média de quase 70 assassinatos para cada 100 mil habitantes. Segundo o Mapa da Violência no Brasil, boa parte das cidades mais violentas do país estão no Nordeste, **de modo que melhorar as condições de vida - e, em consequência, as bases para o empreendedorismo - nas capitais nordestinas passa, necessariamente, por uma evolução no quesito de segurança.**

DESENVOLVIMENTO ALÉM DO CRESCIMENTO

O Nordeste é onde estão algumas das cidades que mais crescem no país, como São Luís (9,7% a.a. entre 2010 e 2012) e Recife (7,1% a.a.). Isso transformou a região nos últimos anos, e o empreendedorismo, naturalmente, se beneficiou do momento; mas agora é necessário dar os próximos passos.

Além de apresentar altos índices de violência, o que é um problema crônico, o Nordeste registra fraco desempenho no campo da Inovação. Com exceção de Recife, **são poucos os insumos (Inputs) para o incentivo à inovação local.**

Um exemplo disso está na média de recursos por empresa que o BNDES e a FINEP destinam às cidades. A média é de R\$ 550 por organização, comparada a um resultado nacional de R\$ 3,5 mil.

Quando apurados outros resultados do pilar, essa percepção piora: com exceção de Recife (15ª) e Aracaju (22ª), as outras sete capitais da região estão nas sete últimas colocações do subdeterminante de *Outputs*. **A falta de empresas com propriedade intelectual é emblemática - são 0,24 empresas com registros de patentes ou**

programas de software para cada 1.000, enquanto que o valor das demais cidades é de 1,8 para cada 1.000 empresas (o que já é baixíssimo). Neste sentido, somente 51 organizações nordestinas analisadas têm esses tipos de registro de propriedade intelectual. Estes dados, somados à falta de indústrias inovadoras (0,36% do total da região, contra 1,2% nas outras regiões), ajudam a entender o desempenho negativo. Para que o cenário se transforme, algumas iniciativas são indispensáveis, como o estímulo à criação de empresas focadas em inovação e o incentivo ao desenvolvimento de novas tecnologias.

O acesso a capital também é restrito na região. Como mostram os dados, as fontes de *Private Equity* e *Venture Capital* no Brasil estão concentradas no Sudeste - de modo

que, quando se trata de fundos de investimento, seis cidades nordestinas não registram aportes e as outras três (São Luís, Recife e Fortaleza) receberam juntas apenas 7 investimentos, contra mais de 300 em São Paulo e no Rio de Janeiro. **Na categoria *Private Equity*, a distância continua, com apenas seis cidades, também, com investimentos deste tipo.** Apenas Salvador (8 investimentos), Recife (6) e Fortaleza (também 6) podem ser consideradas exceções. Ainda assim, estão muito distantes dos principais centros financeiros, como Rio e São Paulo.

O nível de poupança nordestino também é baixo - cerca de 40% menor que a média do estudo. **Com isso, cinco das seis cidades com menos poupança per capita estão no Nordeste: Natal, João Pessoa, Maceió, São Luís e Teresina.**

GARGALOS ESTRUTURAIS DO NORDESTE

Apesar de praticamente todas as cidades abrigarem portos, **sete capitais nordestinas estão entre as 10 cidades com menos empresas exportadoras.** Só municípios do Centro-Oeste, distantes dos portos, apresentam resultado semelhante. Disso se conclui que estimular as exportações das cidades melhorará as condições de Mercado da região - neste sentido, elevar níveis de Inovação também pode contribuir, já que cerca de 50% das empresas com patentes são exportadoras.

A qualidade da educação consiste em outro grande desafio para o Nordeste, e também está intimamente ligada ao baixo índice de inovação. As nove capitais se posicionam entre as 14 últimas colocadas quanto à nota do IDEB para os anos finais do ensino fundamental, com nota média igual a 3,4, enquanto o Ministério da Educação tem como meta 6,0. São resultados que

explicam **o fraco desempenho da região no ENEM:** a exceção é Natal, que registra um desempenho praticamente igual à média das 32 cidades (488 pontos), e todas as demais estão entre as últimas colocadas (com média de 478 pontos).

Por outro lado, **a oferta de educação de nível técnico é maior no Nordeste.** Recife (1ª), Natal (3ª) e Teresina (4ª) estão entre as primeiras cidades do país neste quesito; 3,5% da população, em média, está matriculada em cursos técnicos, contra a média do estudo de 1,8%. E com as exceções de Recife, Salvador, as demais capitais da região registram os menores custos de salários de dirigentes. Ou seja, no Nordeste, contratar pode ser mais barato, mas encontrar o profissional certo também pode ser um desafio.

EXEMPLOS QUE VÊM DE LÁ

Credjovem | CE

Outro bom exemplo da região é o do Credjovem. Promovido pela Prefeitura Municipal de Fortaleza, o **programa oferece crédito de até R\$ 15 mil para jovens empreendedores**, com menor renda e que tenham cursado pelo menos 50% da vida escolar na rede pública de ensino.

Para participarem, os concorrentes precisam elaborar detalhados planos de negócios (produtivos, de serviços ou de comércio). **Caso sejam aprovados, além do crédito, receberão, durante seis meses, consultoria e capacitação em gestão**

empreendedora, sem ter que investir um centavo de seu capital.

O Programa já está na sexta edição, e os resultados são animadores: **com investimentos de mais de R\$ 880 mil da atual gestão, ao todo 144 jovens têm sido beneficiados**. Cada contemplado precisa devolver apenas 60% do valor, sem juros, em até 15 parcelas. O crédito tem os mais diversos fins: abertura de empresa, expansão, modernização, reformulação etc.; o importante é ajudar os jovens a arregaçar as mangas e girar a economia.

Células Empreendedoras | PE

Criado em 2008 dentro do curso de Sistemas de Informação da Faculdade Integrada do Recife - FIR/Estácio, o programa Células Empreendedoras reúne alunos, professores e profissionais de diversas áreas do conhecimento para incentivar e desenvolver a cultura empreendedora.

A metodologia é composta por ações que incentivam os alunos a expandirem suas próprias ideias, desde os primeiros momentos da graduação. Desta forma, **a atividade de empreender torna-se mais próxima, mais viável: ideias e sonhos se tornam possíveis, sempre de maneira colaborativa**, em uma relação que visa a promover o desenvolvimento de todos que participam das Células Empreendedoras.

O programa surgiu a partir de uma demanda dos alunos, que exigiam maior dinamismo e integração nas relações com

o mercado de trabalho. **E o sucesso dos primeiros experimentos foi tal que outros cursos da FIR/Estácio, bem como outras faculdades de Pernambuco, passaram a desenvolver células acadêmicas com perfil “empreendedor”**.

Hoje, o Células Empreendedoras se expandiu, e envolve ações de pesquisa e extensão nas áreas de Empreendedorismo, Economia Criativa e Inovação na Educação. Já **conta com cerca de 20 mentores e mais de 50 células espalhadas por diversas instituições de ensino superior em Pernambuco (e uma na Paraíba)**. O Células vem recebendo diversos reconhecimentos, como o Prêmio Educação Empreendedora Brasil 2012 e o Prêmio Santander Universidades Empreendedorismo (categoria Economia Criativa, através de projeto da Célula Playful).

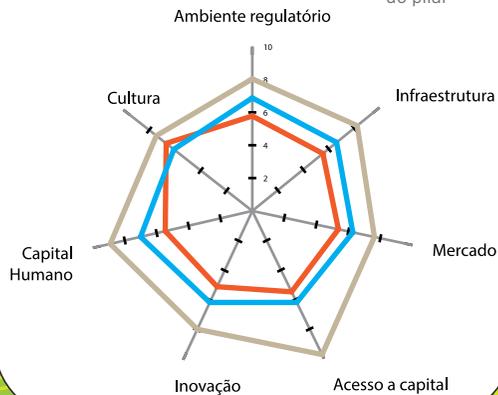
4
O LUGAR
NO ICE
2015



RECIFE

	Valor	Posição
Ambiente Regulatório	6,88	7
Infraestrutura	6,63	11
Mercado	6,28	14
Acesso a capital	6,20	10
Inovação	6,15	14
Capital Humano	7,01	6
Cultura	6,09	16

— Recife — Nordeste — Melhor nota do pilar



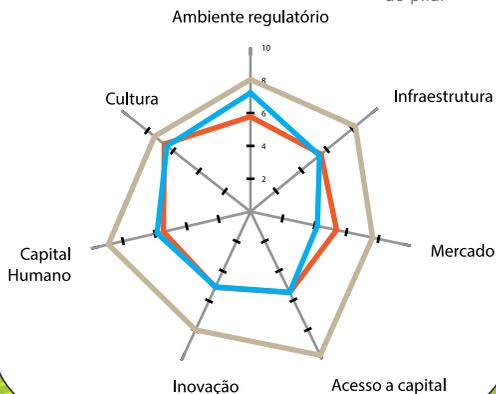
22^o LUGAR NO ICE 2015



JOÃO PESSOA

	Valor	Posição
Ambiente Regulatório	7,23	3
Infraestrutura	5,43	22
Mercado	4,18	32
Acesso a capital	5,47	22
Inovação	5,06	26
Capital Humano	5,86	19
Cultura	6,48	12

— João Pessoa — Nordeste — Melhor nota do pilar



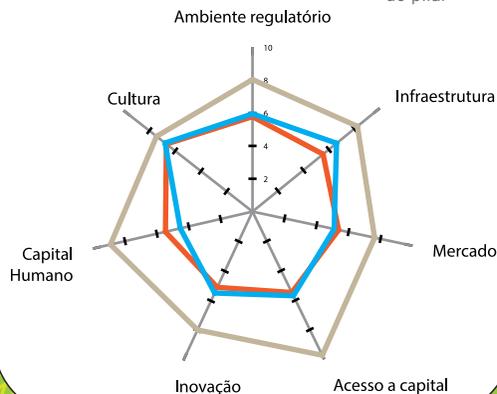
23^o LUGAR NO ICE 2015



ARACAJU

	Valor	Posição
Ambiente Regulatório	5,95	18
Infraestrutura	6,61	12
Mercado	5,10	24
Acesso a capital	5,70	19
Inovação	5,47	19
Capital Humano	4,53	31
Cultura	6,78	8

— Aracaju — Nordeste — Melhor nota do pilar



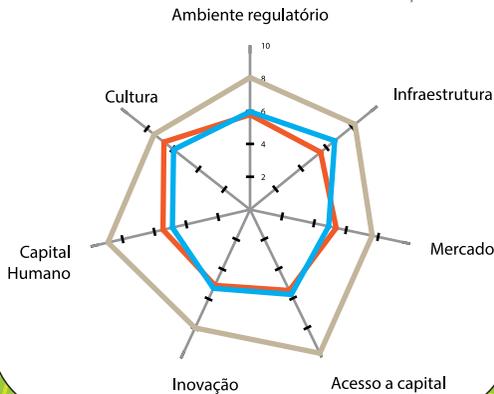
24^o LUGAR NO ICE 2015



SALVADOR

	Valor	Posição
Ambiente Regulatório	5,96	17
Infraestrutura	6,66	9
Mercado	4,91	27
Acesso a capital	5,75	16
Inovação	5,29	24
Capital Humano	4,87	28
Cultura	5,93	19

— Salvador — Nordeste — Melhor nota do pilar



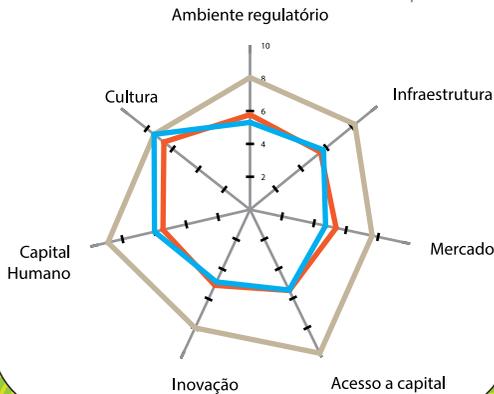
25^o LUGAR NO ICE 2015



NATAL

	Valor	Posição
Ambiente Regulatório	5,31	25
Infraestrutura	5,78	19
Mercado	4,72	30
Acesso a capital	5,45	23
Inovação	4,86	28
Capital Humano	5,99	17
Cultura	7,44	1

— Natal — Nordeste — Melhor nota do pilar

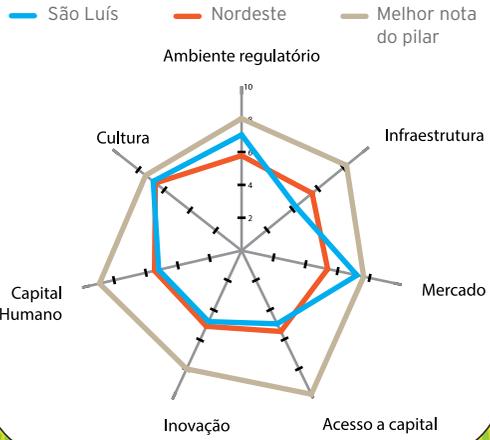


26^o LUGAR NO ICE 2015



SÃO LUÍS

	Valor	Posição
Ambiente Regulatório	7,05	6
Infraestrutura	4,26	30
Mercado	7,21	5
Acesso a capital	4,96	31
Inovação	4,77	31
Capital Humano	5,20	25
Cultura	6,85	7

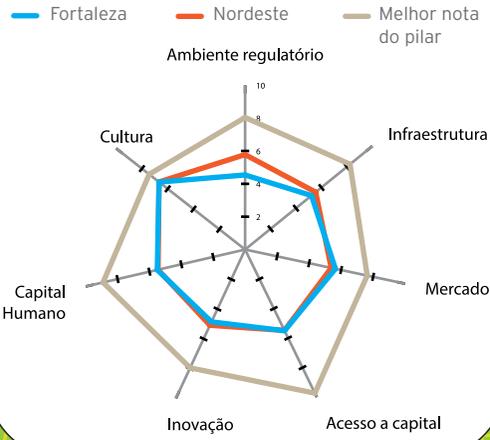


30^o LUGAR NO ICE 2015



FORTALEZA

	Valor	Posição
Ambiente Regulatório	4,54	28
Infraestrutura	5,22	26
Mercado	5,64	20
Acesso a capital	5,50	21
Inovação	4,86	30
Capital Humano	5,51	24
Cultura	6,67	9

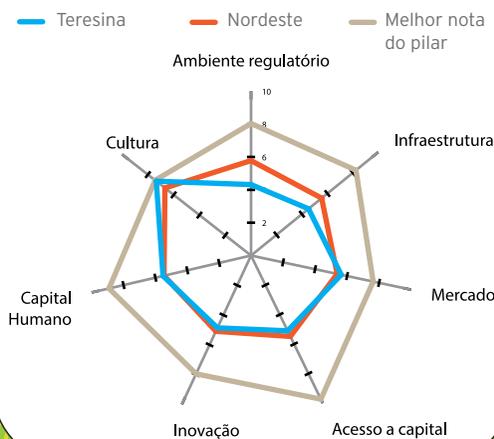


31º LUGAR NO ICE 2015



TERESINA

	Valor	Posição
Ambiente Regulatório	4,32	32
Infraestrutura	4,52	29
Mercado	5,63	21
Acesso a capital	5,10	29
Inovação	4,86	29
Capital Humano	5,52	23
Cultura	7,53	3

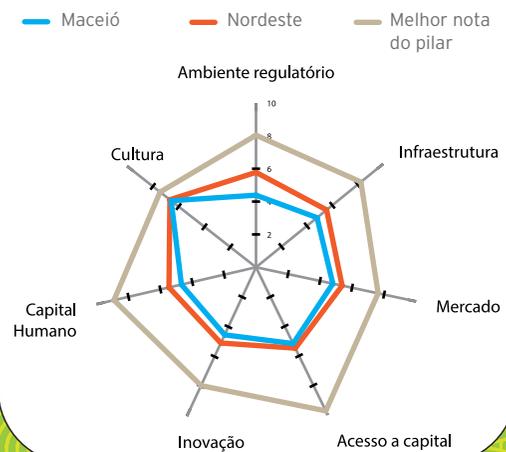


32º LUGAR NO ICE 2015



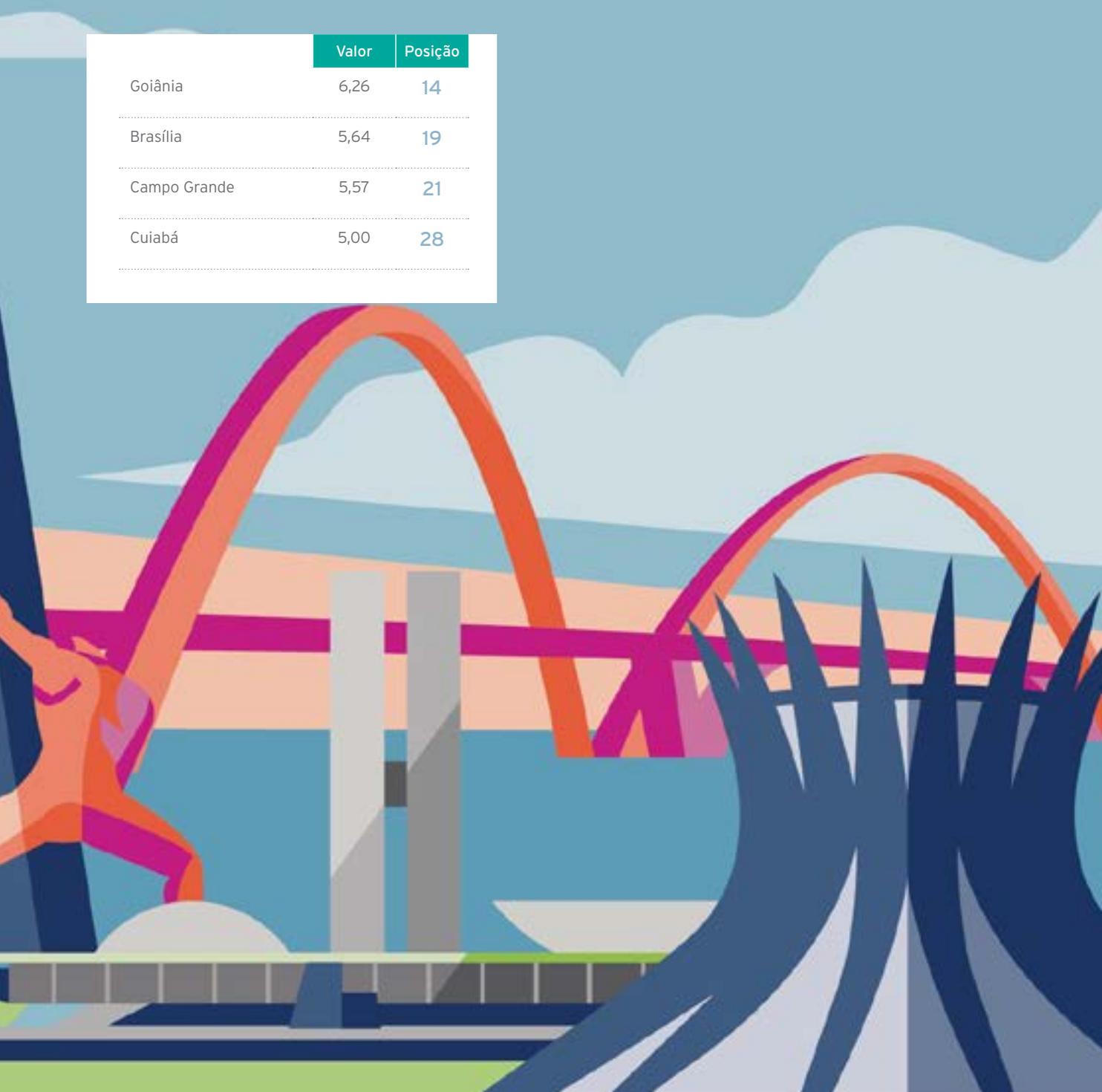
MACEIÓ

	Valor	Posição
Ambiente Regulatório	4,39	30
Infraestrutura	4,80	28
Mercado	4,80	28
Acesso a capital	5,17	28
Inovação	4,54	32
Capital Humano	4,68	30
Cultura	6,58	11



CENTRO-OESTE

	Valor	Posição
Goiânia	6,26	14
Brasília	5,64	19
Campo Grande	5,57	21
Cuiabá	5,00	28



CENTRO-OESTE

Quando se pensa sobre o ambiente de negócios do Centro-Oeste brasileiro, é natural que as referências sejam a agroindústria, o turismo e, em Brasília, as relações com o setor público. **Essas características da região exercem efeitos de causa e consequência no ecossistema local, como se verá a seguir.**

Uma região cujo desempenho no Índice de Cidades Empreendedoras 2015, avaliado por meio das quatro capitais que a representam, oscila entre mediano e ruim. Assim como em 2014, a **melhor posicionada é Goiânia**, que ocupa a 14ª colocação no geral. É seguida pela capital federal, na distante 19ª posição, Campo Grande (21ª) e Cuiabá (28ª).

MENOS BUROCRACIA PARA EMPREENDER

O determinante em que o Centro-Oeste se sai melhor é, sem dúvida, o de Ambiente Regulatório. **As dificuldades burocráticas lá são um pouco menores, sobretudo para o processo de abrir um negócio, sendo o tempo médio equivalente a 92 dias, um mês a menos que nas 32 cidades. E, principalmente, empreender na região também é mais barato e menos complexo.** Vale lembrar, no entanto, que todo o país tem desafios nesta área, o que não permite à região celebrar muito este fato.

Em toda a região, leva-se cerca de três meses para regularizar um novo negócio, em média - abaixo do tempo médio das demais analisadas, superior a 120 dias. O custo de impostos também é atraente: as cidades apresentam um valor de IPTU quase 40% mais baixo do que a média. O destaque vai para Cuiabá, onde a alíquota do imposto, igual para qualquer empresa, está entre as menores de todas as 32 cidades: 0,4%, contra uma média de 1,34%.

Apesar de Brasília apresentar, em comparação às demais cidades da região, melhores indicadores em três dos sete determinantes, **o maior equilíbrio de Goiânia justifica sua posição geral**, assim como acontece com Vitória e Recife, por exemplo. A cidade registra, em média, os menores índices de burocracia do país - fato que a posiciona na liderança do determinante de Ambiente Regulatório. Além disso, o custo de salários de dirigentes é o segundo menor do Centro-Oeste, aliado ao bom nível educacional na região - a média de pontos no ENEM, por exemplo, é a mais alta (487).

O Centro-Oeste também apresenta bons resultados no campo de acesso a capital. Possivelmente muito influenciado pelo crédito ao agronegócio, **a região responde pela maior proporção de operações de crédito do país:** enquanto a média de empréstimos no restante das cidades analisadas é quase oito vezes o tamanho do PIB das cidades, no Centro-Oeste é de 9,4. Já em termos do capital poupado per capita, o quarto maior valor entre as cidades estudadas é o de Brasília, com pouco mais de R\$ 21 mil.

Goiânia é a cidade com melhor ambiente regulatório: abrir um negócio é mais rápido que a média e pagar os impostos, menos complexo

FALTAM AS BASES PARA INOVAR

Um grande desafio da região é a inovação. **O nível de insumos (inputs) por lá - ou seja, a criação de produtos e serviços inovadores - é mais baixo** do que no restante do país. Nas quatro cidades analisadas, o número de funcionários envolvidos com inovação (7,3% do total) está abaixo da média nacional, de 9,2%, assim como são poucos os mestres e doutores nas áreas de ciência e tecnologia: em média, 7 para cada 100 empresas. Isto fica abaixo da média das 32 cidades, e muito distante da primeira colocada, Florianópolis, com mais de 18 pesquisadores para cada 100 empresas.

Além da mão de obra, falta também investimento em inovação. Ainda que se observe um volume expressivo de concessão de crédito na região, a questão dos fundos de investimento preocupa: **Cuiabá não registra qualquer aporte de fundos de Private Equity, e Goiânia, nenhum de Venture Capital.**

Quanto a recursos aportados por FINEP e BNDES, Brasília, com uma média de R\$ 5.411 concedidos por empresa, é a exceção (a capital federal está na 12ª posição neste indicador). Para se ter uma ideia, as outras três cidades da região receberam, em média, apenas R\$ 215 dessas instituições - o destaque negativo é Cuiabá, praticamente sem recursos no período analisado. **A capital mato-grossense tampouco possui empresas com patentes e programas de software registrados.** O cenário não é muito melhor nas outras cidades da região, onde há apenas 36 empresas com esse tipo de propriedade intelectual, ou 0,03% do total (praticamente zero, portanto).

Devido à localização geográfica e ao tamanho reduzido das cidades (com a exceção de Brasília), **o Centro-Oeste já sai em desvantagem em relação à sua Infraestrutura.** A distância para os grandes centros urbanos e, principalmente, para portos, ajuda a entender o frágil desempenho da região. São em média mais de mil quilômetros até o porto mais próximo, por exemplo. Os aeroportos também são um desafio: apesar do agora reformado aeroporto de Brasília ser o terceiro maior do país, as demais cidades registram baixa oferta de voos, com 60% menos passageiros transportados em 2014, na comparação com a média das 32 cidades analisadas.

Já em relação ao Capital Humano, a participação do Centro Oeste também é negativa: a região contribui para a diminuição da média nacional no pilar. E isso ocorre tanto na oferta de mão de obra básica quanto qualificada. Um exemplo deste mau desempenho vem de Campo Grande: na cidade, apenas um em cada dez universitários está matriculado em cursos bem avaliados no ENADE - a capital sul-mato-grossense está na última colocação do indicador. E com a exceção de Cuiabá, onde 1,9% da população está matriculada no Ensino Técnico (pouco mais do que a média nacional, de 1,8%), as demais cidades estão abaixo deste valor. Goiânia, inclusive, é a última colocada aqui, com apenas 0,6% de adultos cursando escolas técnicas.

BRASÍLIA, UMA CIDADE EM TORNO DO GOVERNO

A capital federal é o centro das decisões políticas do Brasil, e isso exerce grande influência na ecossistema empreendedor local. A cidade é a terceira maior do país, e seu PIB per capita, de quase R\$ 65 mil, só está abaixo do encontrado em Vitória (R\$ 86 mil), entre as analisadas. O Governo do Distrito Federal também é um grande comprador: gastando em média R\$ 86 mil por empresa, atrás apenas de Manaus e Belém. Isso ajuda a capital federal a registrar o 3º melhor mercado para empreendedores.

Por outro lado, ao mesmo tempo em que o Governo possa ajudar a desenvolver o mercado local, **a cidade idealizada por Jucelino Kubitschek ficou em último lugar no determinante de Cultura empreendedora**, assim como em 2014. Como ressaltado no estudo do ano passado, há um grande desinteresse pelo empreendedorismo na capital, especialmente por parte das famílias: entre os brasilienses, cerca de 28% concordam com a seguinte afirmação: "caso alguém próximo a mim (filhos, esposo/a etc.) resolvesse empreender, seria difícil apoiá-lo". É a pior taxa entre todas as 32 cidades (a média é de 23%)

EXEMPLOS QUE VÊM DE LÁ

Inova Goiás | GO

Sabe-se que, quando se trata de inovação, o desempenho de Goiás, e sua capital Goiânia, é mediano. O estado ocupa a 14^o posição no ranking de gastos governamentais em inovação.

Para mudar este cenário, o governo estadual está implantando o Inova Goiás, considerado atualmente um dos maiores programas de fomento à inovação no país.

É composto por um conjunto de ações que visam a aumentar a competitividade goiana por meio do estímulo à inovação e ao uso de tecnologia. **O objetivo final é ambicioso: posicionar**

o estado entre os três onde mais se investe em inovação (pela ordem, São Paulo, Paraná e Rio de Janeiro).

E se o plano é grandioso, a execução ainda precisa ocorrer à altura: a ideia é que **o Inova Goiás seja uma grande plataforma de ciência e tecnologia, com atuação em todas as regiões do estado por meio de polos de excelência instalados de acordo com as demandas estratégicas de cada localidade** (laticínios, turismo, fármacos, mineração etc.). Com salas de aula, laboratórios e incubadoras, cada um destes polos funciona tanto como

núcleo de formação e capacitação, como de desenvolvimento e pesquisa.

Iniciativa conjunta entre poder público, academia e setor produtivo, o Inova Goiás nasce com potencial. Isso porque todas as verbas associadas ao programa (mais de R\$ 1 bilhão, no total) já estão vinculadas a diferentes fontes do orçamento estadual, não necessariamente exclusivas à inovação, mas com uso destinado para esse fim. **É necessário, agora, que Goiás transforme todo o investimento e as boas ideias em resultados.** Só assim será possível assumir o esperado protagonismo em inovação no Brasil.

Rede Pró Centro-Oeste

A Rede Centro Oeste de Pós-graduação, Pesquisa e Inovação - Pró-Centro-Oeste foi criada em 2009 e reúne as principais instituições de ensino superior de todo o Centro-Oeste. A rede foi criada para gerar novos conhecimentos que aumentem a sustentabilidade dos recursos naturais do Pantanal e do Cerrado, principalmente voltado a biotecnologia e biodiversidade.

O diferencial da Rede está em integrar vários centros de pesquisas que possuem os mesmos objetivos:

desenvolver a região com solução mais sustentáveis. Isso pode ser visto, por exemplo, no doutorado gerido pela rede, em que até 10 universidades da região podem estar envolvidas. No novo processo seletivo formado neste ano, 34 novos doutorandos dos quatro estados foram selecionados.

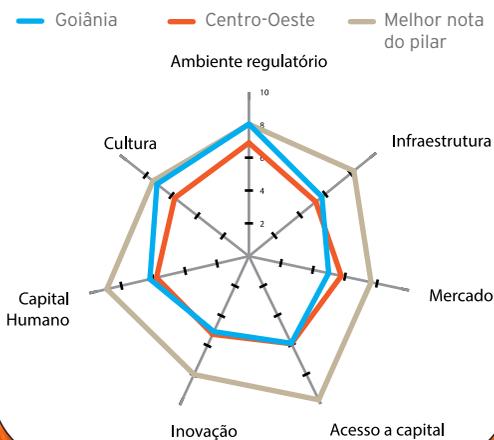
A sinergia das universidades para resolver problemas comuns da região é um bom diferencial de como a academia pode unir esforços para resolver grandes problemas regionais.

14^o LUGAR NO ICE 2015

GOIÂNIA



	Valor	Posição
Ambiente Regulatório	8,04	1
Infraestrutura	5,74	20
Mercado	4,98	26
Acesso a capital	5,90	14
Inovação	5,07	25
Capital Humano	6,21	13
Cultura	7,13	5

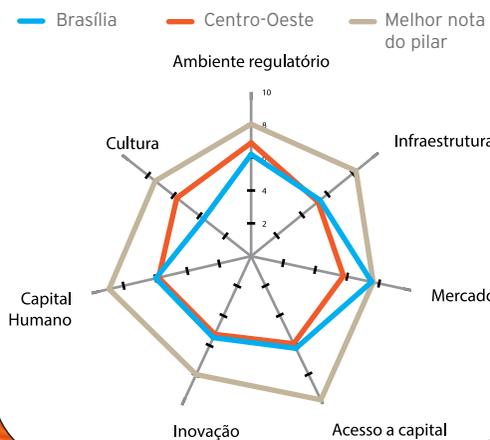


19^o LUGAR NO ICE 2015

BRASÍLIA



	Valor	Posição
Ambiente Regulatório	6,20	15
Infraestrutura	5,42	24
Mercado	7,53	3
Acesso a capital	6,24	8
Inovação	5,47	18
Capital Humano	5,98	18
Cultura	3,69	32

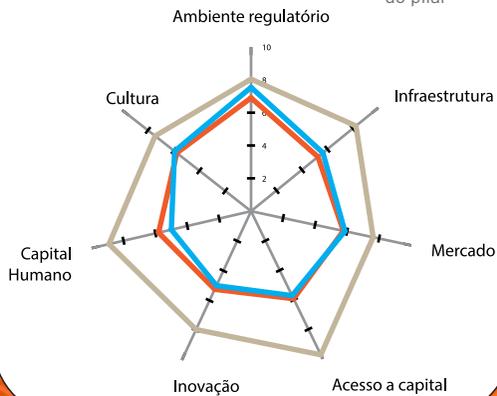




CAMPO GRANDE

	Valor	Posição
Ambiente Regulatório	7,54	2
Infraestrutura	5,65	21
Mercado	5,86	17
Acesso a capital	5,72	18
Inovação	5,00	27
Capital Humano	5,00	27
Cultura	5,93	18

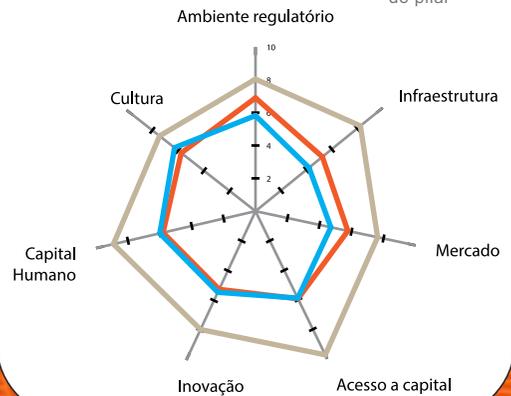
— Campo Grande — Centro-Oeste — Melhor nota do pilar



CUIABÁ

	Valor	Posição
Ambiente Regulatório	5,82	20
Infraestrutura	4,21	31
Mercado	4,71	31
Acesso a capital	5,89	15
Inovação	5,45	20
Capital Humano	6,00	16
Cultura	6,28	13

— Cuiabá — Centro-Oeste — Melhor nota do pilar



NORTE

	Valor	Posição
Manaus	5,18	26
Belém	4,98	29



NORTE

Antes mesmo da análise dos resultados finais, a lista de 32 cidades já revela um fato importante: apenas dois municípios do Norte fazem parte do estudo. Isso significa que as demais cidades da região registram pouca presença de Scale-ups, critério utilizado para definir a lista de municípios a serem analisados. **Dos sete estados da região, somente o Amazonas e o Pará, com suas respectivas capitais, participaram do Índice.** Assim como ocorreu nas demais regiões, as análises a seguir são, portanto, o agrupamento de ambas, e não um aprofundamento sobre a região Norte em si.

A pouca representatividade, no entanto, não é a única constatação negativa a ser feita sobre o Norte, já que Manaus e Belém ainda têm grandes desafios pela frente.

A BASE PARA COMEÇAR

Na capital amazonense, 77% das pessoas acreditam que o empreendedor ocupa uma posição reconhecida e respeitada; uma percepção bastante positiva sobre o empreendedorismo. Manaus obteve a quinta maior nota no quesito (a primeira posição é de Aracaju, com 81%). E Belém vem logo atrás, na 6ª colocação, com 76%.

Alguns fatores contribuem para isso. **Um deles é o costume de acompanhar casos de empreendedores por meio da mídia: 43% dos manauaras afirmaram fazê-lo.** Para se ter uma ideia, em São José dos Campos e Porto Alegre, últimas colocadas no indicador, o resultado foi inferior a 30%. E quanto a Belém (40%), embora tenha ficado atrás de Manaus neste quesito, a cidade foi melhor no indicador de conhecimento pessoal de empreendedores - mais de 80% da população afirma conhecer alguém que se envolveu em um novo negócio, a quinta maior taxa entre as

As cidades ocupam a 26ª e a 29ª colocações, respectivamente. **A situação é mediana ou ruim em quase todos os pilares,** e as duas se encontram entre as 5 piores nos pilares Capital Humano, Acesso a Capital e Infraestrutura.

Por outro lado, há pontos positivos no cenário. **Nos pilares de Cultura Empreendedora e Mercado, por exemplo, a região apresenta relativo destaque.** Isto se deve principalmente a Manaus, que ocupa a 6ª colocação em Cultura e é a vice-líder em Mercado. Já a capital do Pará apresenta desempenho mediano nos dois pilares: está em 14ª e 15ª, respectivamente. Ou seja, vontade e potencial de mercado até existem na região; mas é necessário superar uma série de desafios para aproveitá-los.

Assim como no Nordeste, o empreendedorismo no Norte têm grande apoio da população

cidades estudadas. Em Manaus, o índice é de 77%, assim como a média das 32 cidades.

Quanto ao potencial empreendedor, tanto Manaus quanto Belém registram desempenho intermediário. A capital amazonense é a 10ª colocada, com 140 pontos (entre 200 possíveis), ligeiramente acima da média. A população local se destaca em Visão de Oportunidades - ou seja, na possibilidade de as pessoas encontrarem novas oportunidades de negócio -, quesito em que ocupa a 4ª posição. Já Belém, no total do subdeterminante, está na 17ª.

Outra área em que a região apresenta potencial promissor é a de Mercado, pilar no qual Manaus é a 2ª colocada, e Belém, a 15ª. **As duas registram números expressivos no quesito Clientes Potenciais**, ocupando as 1ª e 4ª posições, respectivamente. Uma explicação pode ser encontrada no significativo tamanho dos mercados B2B (em que se vende para outras empresas) e B2Gov (em que o cliente é o governo local).

Em Manaus, especialmente, há muitas grandes empresas instaladas na Zona Franca, o que pode beneficiar o empreendedor que procura clientes corporativos

Belém e Manaus apresentam as maiores proporções entre grandes e médias empresas: 33% e 31%, respectivamente, resultados cerca de 40% maiores do que a média das demais cidades. Ambas têm cerca de uma grande empresa para cada três médias, sendo a média nacional de uma para cada quatro, aproximadamente.

Além disso, **as duas cidades também conquistaram as primeiras colocações no quesito de compras públicas**. A

líder Manaus, com média de compras da Prefeitura girando em torno de R\$ 91 mil por empresa, é 64% maior do que a média das 32 cidades. Belém vem um pouco atrás, apresentando um valor de R\$ 89 mil - 60% maior do que a média.

No entanto, embora favoráveis, estes dois indicadores servem de contrapeso ao PIB per capita, demonstrando quão pobres são as populações de cada cidade. **Com uma média de R\$ 14,5 mil por ano, Belém é a antepenúltima**; já Manaus, na 18ª colocação com quase R\$ 26,7 mil, encontra-se muito distante da campeã Vitória, com mais de R\$ 86 mil.

Além disso, as duas cidades registram frágil desempenho econômico. **O crescimento de ambas é quase nulo, com uma média aproximada de 0,7% entre 2010 e 2012**. Essa performance as relega ao final do ranking - e as deixa bem distantes de São Luís, com um crescimento médio quinze vezes maior, de 9,7% ao ano.

Um último destaque a ser constatado, este positivo, é o custo de impostos em Belém, um dos menores registrados. Com 14,4%, a capital paraense fica atrás apenas de Brasília, com 12,9% de alíquota média do ICMS. Belém também é a cidade que mais oferece incentivos fiscais para as empresas consideradas, com uma média de 3,55, acima da média de 2,06 das 32 cidades.

UM LONGO CAMINHO ATÉ AS REFERÊNCIAS DO EMPREENDEDORISMO NACIONAL

Se há boa base para começar a desenvolver o empreendedorismo nas cidades do Norte, há também um longo caminho a ser enfrentado. As distâncias, não somente geográficas, para os principais centros do empreendedorismo no Brasil são imensas.

Além do já mencionado baixo crescimento econômico dos últimos anos, **Manaus e Belém se encontram entre as piores cidades quando se trata de Acesso a Capital**. A primeira ocupa a 25ª colocação, enquanto Manaus é a lanterna.

Quando comparada a São Paulo, a capital amazonense registra dez vezes menos operações de crédito em relação ao PIB; em Belém, são quase três vezes menos o montante financiado na capital paulista. Ou seja, **os bancos no Norte emprestam muito menos dinheiro do que o observado em cidades melhores posicionadas.**

Em relação à indústria de Venture Capital, não há indícios desse tipo de investimento em qualquer das cidades: assim como em outras 13 do estudo, não houve sequer um investimento nos últimos cinco anos. Em Manaus, o mesmo ocorre com Private Equity - nenhum registro, enquanto Belém recebeu apenas um, ficando assim em último lugar entre as cidades que receberam investimento nesta modalidade, ao lado de Campo Grande, Ribeirão Preto e Uberlândia.

Quanto ao potencial de investimentos-anjo, as perspectivas tampouco animam. **Manaus concentra o menor capital poupado, com R\$ 4.347 na média anual - oito vezes menor do que o dos porto-alegrenses** (cidade-líder, com cerca de R\$ 35 mil por ano). E mesmo com um capital poupado 62% maior do que o dos manauaras, Belém ainda fica bem abaixo no ranking, em 26º lugar.

Outro fator significativo que prejudica o desempenho da região é o acesso a mão de obra. **Manaus é a 4ª pior cidade no quesito, e Belém, a 2ª pior. A capital do Amazonas tem a pior nota média no ENEM, com 445,9 pontos.** Belém, embora registre uma avaliação 7% melhor (nota média de 477,2), ainda está na 25ª

colocação. A média das 32 cidades é de 488 pontos, e chega a quase 530 em Florianópolis.

O panorama da mão de obra básica, em Belém, é ainda mais crítico do que em Manaus. A nota no IDEB, de 3,1, é a 4ª pior; a proporção de adultos com ensino médio (52%), a 8ª pior; **e a cidade é a penúltima colocada na proporção de alunos com matrícula em ensino técnico**, com 1% da população acima de 15 anos matriculada, bem distante de Recife, a melhor neste quesito, com 5,51%.

Manaus fica atrás em relação à mão de obra qualificada. **A cidade apresenta a menor proporção de adultos com ensino superior (13,6%),** seguida por Belém, com 17,1% - a média das 32 cidades é de 21,9%, mas chega a quase 36% em Florianópolis.

Manaus enfrenta problemas mais graves. **A proporção de matriculados em ensino superior de alta qualidade, por exemplo: a cidade tem a 4ª pior colocação, com 9,8%.** Belém registra mais que o dobro, na 13ª posição. Ambas estão muito distantes de Florianópolis, com mais de 59% dos universitários inscritos em cursos de alta qualidade.

Quanto à Infraestrutura, um dos fatores que mais contribui para o mau desempenho é a localização geográfica. **Tanto Belém quanto Manaus se encontram muito distantes das outras 31 cidades;** a capital do Amazonas está 121 mil km (na soma das distâncias) afastada dos outros municípios, um número 50% pior do que Belém (cujo somatório é de 81 mil km), a penúltima. Nas cidades mais bem localizadas, a distância é menor do que 50 mil km.

EXEMPLOS QUE VÊM DE LÁ

Os "Valleys" do Norte | PA e AM

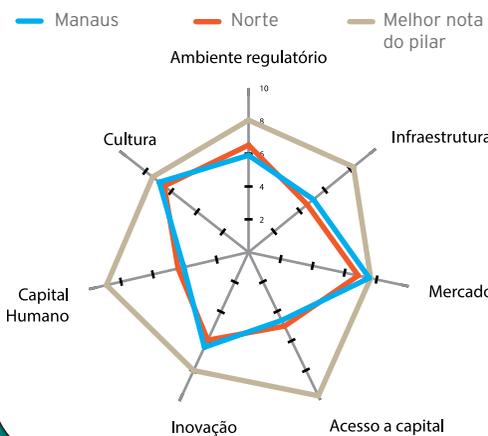
Assim como ocorre em outras regiões, o Norte se destaca por seus "startups valleys" - os conglomerados de startups, aceleradoras, incubadoras e investidores que, inspirados pelo Vale do Silício, acabam por se tornar verdadeiros ecossistemas, referências locais de cultura empreendedora.

Em Manaus, por exemplo, há o Jaraqui Valley, formado por mais de cinquenta startups espalhadas pelas margens do Rio Negro. Já em Belém existe o Açai Valley, que surgiu em 2014, após um evento de incentivo a startups realizado na cidade. Hoje, estão ali 45 startups, além de incubadoras, aceleradoras e consultorias.

26^o LUGAR NO ICE 2015



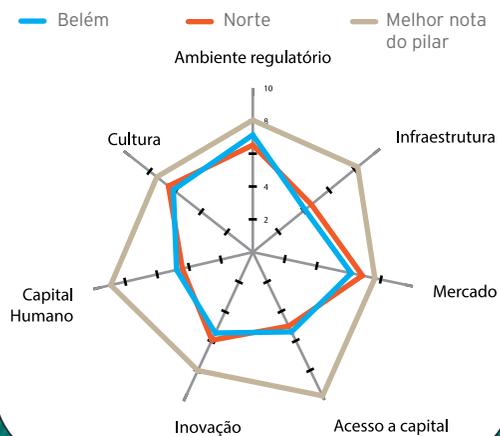
	Valor	Posição
Ambiente Regulatório	5,90	19
Infraestrutura	5,10	27
Mercado	7,54	2
Acesso a capital	4,62	32
Inovação	6,38	13
Capital Humano	4,07	32
Cultura	6,92	6



29^o LUGAR NO ICE 2015



	Valor	Posição
Ambiente Regulatório	7,14	5
Infraestrutura	4,11	32
Mercado	6,15	15
Acesso a capital	5,40	25
Inovação	5,43	21
Capital Humano	4,78	29
Cultura	6,16	14



COMO USO ESTE RELATÓRIO?

Para o setor público: Os mais variados órgãos do setor público podem se mobilizar para atuar na melhoria do ambiente empreendedor local. Atuar na melhoria dos indicadores analisados não somente torna as cidades mais competitivas para impulsionar o crescimento das empresas, como também melhora as condições sociais e econômicas de toda a população. Durante todo o relatório, é possível identificar quais deveriam ser as prioridades de cada administração, partindo dos destaques dos determinantes mais críticos para explicar o desempenho de cada cidade. Para além da análise, também são mostrados casos de sucesso das mais distintas regiões, que podem servir de inspiração para gestores públicos formularem e melhorarem suas políticas locais, inclusive, com o apoio de outras esferas do Estado e da sociedade civil. Vale ressaltar que, apesar deste estudo retratar o ambiente empreendedor de 32 cidades, a metodologia de análise utilizada pode ser insumo para o diagnóstico e melhorias em todas as cidades do país.

Para organizações de fomento ao empreendedorismo: De forma semelhante ao setor público, organizações da sociedade civil podem ajudar as cidades ao atuar em conjunto com governos na melhoria do ambiente empreendedor local. Além disso, a análise de inter-relação das variáveis estudadas pode ajudar os gestores dessas organizações a aperfeiçoar sua estratégia de atuação priorizando ações que impactem mais fortemente o ambiente empreendedor. O processo de análise e coleta de indicadores também ajuda essas instituições a medirem de maneira mais efetiva o impacto proporcionado pelo seu trabalho.

Para empreendedores: Na hora de decidir em qual região do país instalar uma empresa, esse estudo pode ser de grande utilidade. A partir do conjunto de indicadores presentes em cada pilar, é possível pensar no tipo de negócio idealizado pelo empreendedor e quais são os indicadores que mais impactariam a performance de seu negócio. Identificar quais cidades estão melhor posicionadas nesses indicadores pode fazer a escolha por uma cidade um processo mais claro e preciso. Já para os empreendedores que já estão instalados, o estudo pode ser um instrumento de cobrança de melhorias e de mobilização para o ambiente empreendedor de sua cidade. Se unir a organizações locais de fomento e associações para organizar ações para a melhoria dos indicadores pode ser um passo importante para destravar possíveis barreiras ao crescimento do negócio.

Para a mídia: a compilação de dados deste estudo ajuda a mídia a fazer um diagnóstico mais completo das cidades avaliadas e a pautar discussões sobre os desafios do ambiente de negócios em cada uma. Mais do que isso, ao longo dos próximos anos, a mídia tem o papel fundamental de cobrar melhorias para os desafios apontados pelo estudo, em conjunto com os empreendedores e a sociedade interessada.

Para o cidadão: Quanto mais empresas bem-sucedidas uma cidade possui, mais desenvolvimento econômico e social transborda para sua população. Cobrar e apoiar ações do governo e da sociedade civil que melhorem o ambiente de negócios da cidade é algo vantajoso para a toda a cidade. Esse estudo provê insumos para que essa mobilização aconteça.

ONDE ENCONTRO ESSES E OUTROS EXEMPLOS DE POLÍTICAS PÚBLICAS?

Vários exemplos de boas práticas de políticas públicas podem ser encontrados nas páginas deste estudo. Elas foram encontradas em diferentes fontes, que contém esses e outros bons exemplos de inspiração para a melhora do ambiente empreendedor das cidades.

Portal Endeavor

O Portal da Endeavor tem uma seção exclusiva sobre o ambiente empreendedor. Além de apresentar todos os estudos já produzidos, também traz artigos com exemplos de boas práticas nacionais e internacionais na área de empreendedorismo e opiniões de especialistas sobre o desafio das Scale-ups no país.

www.endeavor.org.br/pesquisas/

Entrepreneurship Ecosystem Insights

O Ecosystem Insights, ligado à Endeavor Global, realiza pesquisas e cria estudos sobre empreendedorismo e políticas públicas da área. No portal, é possível conferir um grande acervo de boas práticas e estudos de empreendedorismo produzidos ao redor do mundo.

<http://www.ecosysteminsights.org/>

OCDE

A OCDE é uma das organizações que mais produzem estudos voltados ao desenvolvimento econômico no mundo. Seu portal possui uma sessão exclusiva para estudos de empreendedorismo, com vários deles contendo exemplos de boas práticas na área.

<http://www.oecd.org/cfe/smes/>

Kauffman Foundation

A fundação americana tem como um de seus grandes objetivos o desenvolvimento do empreendedorismo. Por isso, produz todos os anos uma série de estudos na área, citando exemplos de experiências bem-sucedidas em várias regiões.

<http://www.kauffman.org/blogs/policy-dialogue>

Doing Business

O Doing Business é um dos estudos sobre ambiente de negócios mais consolidados do mundo. Para cada pilar analisado no estudo, o portal da organização concentra uma série de pesquisas relacionadas ao tema, com exemplos do que países têm feito para melhorar seu ambiente regulatório.

<http://www.doingbusiness.org/reports/case-studies/view-all>

CITIE

O portal CITIE, uma iniciativa do Nesta, do Catapult UK e da Accenture, tem a missão de concentrar iniciativas de inovação, tecnologia e empreendedorismo no âmbito das cidades.

citie.org/stories/

UP Brasil

A UP é uma organização internacional de fomento ao empreendedorismo. No seu portal brasileiro, os principais conteúdos internacionais estão traduzidos. É possível encontrar desde casos de boas práticas, até notícias sobre o ambiente de *startups*.

brasil.up.co

Scale-up Report

O *Scale-up Report* é um estudo realizado no Reino Unido para promover o debate sobre o estímulo à criação de Scale-ups, as empresas que mais crescem em um país. Vários exemplos de boas práticas com esse objetivo podem ser encontrados no portal do estudo.

goo.gl/K31FJV

Observatório Internacional do Sebrae

O Sebrae Nacional é uma grande fonte de estudos de caso para empreendedores. Mas a instituição também concentra em sua biblioteca casos de políticas públicas em empreendedorismo.

<http://ois.sebrae.com.br/>

1776

Além de incubadora e investidora global, a 1776 tem em seu portal uma sessão de insights sobre os principais setores em que atuam, mas também conta com exemplos de políticas públicas de empreendedorismo e inovação por meio de artigos e estudos.

goo.gl/dzP9ml

EY

Além da contribuição no pilar de ambiente regulatório deste estudo, a EY, por meio do seu portal americano, publicou o estudo "*Avoiding a lost generation*", uma pesquisa com casos de políticas públicas de empreendedorismo sob o olhar de jovens empreendedores.

goo.gl/N2fAz5

The emergence of entrepreneurship policy

Brett Anitra Gilbert escreveu este curto paper sobre a emergência de políticas de empreendedorismo. De forma sucinta, ela cita alguns casos interessantes de boas práticas na área.

goo.gl/ihkqcw

REALIZAÇÃO



A Endeavor é uma organização global sem fins lucrativos de fomento a empreendedorismo de alto impacto. No Brasil desde 2000, atua para multiplicar o número de empreendedores de alto crescimento e criar um ambiente de negócios melhor para o país. Para isso, seleciona e apoia os melhores empreendedores, compartilha suas histórias e aprendizados, e promove estudos para entender e direcionar o ecossistema empreendedor brasileiro. Só em 2014, ajudou a gerar mais de R\$ 2 bilhões em receitas e 20.000 empregos diretos através de programas de apoio a empreendedores; e a inspirar e capacitar mais de 4 milhões de brasileiros com conteúdos do Portal Endeavor e cursos educacionais presenciais e a distância.

www.endeavor.org.br

APOIO



EY - Apoio metodológico e coleta de dados (Ambiente Regulatório)

A EY é líder global em serviços de Auditoria, Impostos, Transações Corporativas e Consultoria. Nossos insights e os serviços de qualidade que prestamos ajudam a criar confiança nos mercados de capitais e nas economias ao redor do mundo. Com isso, desempenhamos papel fundamental na construção de um mundo de negócios melhor para nossas pessoas, nossos clientes e nossas comunidades. No Brasil, a EY conta com 5.000 profissionais que dão suporte e atendimento a mais de 3.400 clientes de pequeno, médio e grande portes. www.ey.com.br



SEDI - Apoio metodológico e coleta de dados (Ambiente Regulatório)

Com mais de 20 anos liderando o mercado, a SEDI é uma empresa especializada em Assessoria e Consultoria Empresarial no setor de legalização governamental. Foi criada com o intuito de facilitar o dia a dia dos empreendedores e cuidar da regularização de empresas. www.sedi.com.br



Spectra Investimentos - Dados sobre indústria de capital de risco (Acesso a Capital)

A Spectra é uma gestora especializada em investimentos em Private Equity com grande experiência no segmento no Brasil, e tem como objetivo permitir o acesso a essa indústria, através de fundos de fundos, de forma diversificada e eficiente. www.spectrainvest.com



Meta - Metodologia de Potencial Empreendedor (Cultura Empreendedora)

Meta Profiling é uma empresa de pesquisa especializada na identificação de potencial empreendedor e talento disruptivos nos ambientes corporativos e de desenvolvimento pessoal. META - A Medida de Talentos Empreendedores e Habilidades, em tradução livre - foi validado com mais de 200.000 pessoas em 25 países e prevê uma série de resultados empreendedores de alta performance. www.metaprofiling.com



Opinion Box - Coleta de dados primários (Cultura Empreendedora)

O Opinion Box desenvolve soluções digitais inovadoras para a pesquisa de mercado. Atende milhares de clientes em diversos segmentos, desde PMEs a multinacionais, realizando diferentes tipos de estudos com sua plataforma online e seu painel com mais de 150 mil consumidores em todo o país. www.opinionbox.com



Neoway - Coleta de dados secundários (Gerais)

A Neoway desenvolve tecnologias inovadoras que ajudam empresas a fazer mais com menos. Especializada em Big Data, a empresa foca na área de Inteligência de Mercado, com solução para Vendas (geração de leads e gestão de time de vendas), e nas áreas de prevenção a perdas, compliance e recuperação de ativos. www.neoway.com.br

ANEXO 1:

METODOLOGIA

Há um consenso sobre a importância das políticas voltadas à promoção do empreendedorismo, especialmente à modalidade de alto impacto. Entretanto, não há uma estratégia única de sucesso que possa ser adotada por todos os governos nacionais ou locais. A elaboração de políticas voltadas ao empreendedorismo é, antes de tudo, um desafio analítico. Como medir empreendedorismo? Quais são os fatores ambientais determinantes para a expansão da atividade empreendedora? Como diferentes níveis de governo devem contribuir para a melhoria do ambiente de negócios?

Para avaliar o ambiente empreendedor nas cidades brasileiras, nesta edição do Índice de Cidades Empreendedoras, a Endeavor constrói sobre as bases metodológicas da edição 2014, expandindo-a no número de indicadores e de cidades analisadas. Para tanto, foram organizados e coletados um conjunto de 55 indicadores econômicos, institucionais, sociais e culturais de 32 municípios, responsáveis por mais de 41% das Scale-ups do país e 37% do PIB. O framework aqui adotado segue o debate internacional sobre avaliação de ambiente de negócios e empreendedorismo, tendo como inspiração dois outros instrumentos: “OECD/EUROSTAT Framework for Entrepreneurship” (OCDE, 2007), adequado para comparar países da OCDE; e “Aspen: Entrepreneurial Ecosystem Diagnostic Toolkit” (Aspen Network of Development Entrepreneurs, 2013), construído a partir do estudo da OCDE e diversos outros, mas com foco em países em desenvolvimento.

O índice final e os rankings de cada um dos sete determinantes apresentados no relatório derivam da aplicação do framework para essas cidades. O resultado é um instrumento de avaliação voltado para gestores públicos e organizações de apoio interessadas em gerar impactos na economia de seu município a partir do fomento à atividade empreendedora, assim como para empreendedores que queiram expandir seus negócios e para a mídia, que busca análise e dados qualificados. A elaboração de um modelo para comparação de cidades, ou mesmo de estados ou

regiões, requer uma série de adaptações importantes em relação às metodologias e análises existentes.

Em primeiro lugar, estados e municípios têm limitações legais sobre quais políticas e legislações podem implementar ou regulamentar. Portanto, em um mesmo país, todos os empreendedores estão sujeitos a condições macroeconômicas e a restrições legais semelhantes, independentemente da localização do seu negócio. Dessa forma, alguns critérios essenciais na análise de países tornam-se irrelevantes na comparação entre localidades de um mesmo país pela simples ausência de variação. Assim, o framework deste estudo leva em conta as especificidades necessárias para a análise de cidades.

Em segundo lugar, há menos produção de dados e indicadores para cidades do que para países. Órgãos oficiais de estatística costumam ser organizações dos governos nacionais e são raros os casos em que todos os municípios de um país coletam exatamente as mesmas informações sobre economia, finanças públicas, população etc. Por isso, quando necessário, o estudo traz variações dos indicadores adotados na comparação entre países, ainda que dentro dos mesmos temas.

Finalmente, além de adaptar o uso de um framework desenvolvido para países em cidades, tomou-se o cuidado de adequá-lo à realidade brasileira. Dito de outra forma, os indicadores retratam as questões e problemas relevantes para empreendedores brasileiros em cada um dos temas -- ou determinantes da performance. Para isso, também foram consideradas as opiniões de diversos especialistas e parceiros da Endeavor para construir indicadores e encontrar fontes de dados apropriadas para cada um dos tópicos relevantes.

Além de apresentar em detalhes o framework desenvolvido pela Endeavor Brasil, na sequência se encontram as fontes de dados, as formas de cálculo dos indicadores e demais critérios adotados na análise.

IMPACTOS, PERFORMANCE EMPREENDEDORA E DETERMINANTES DA PERFORMANCE

O ponto de partida do framework da Endeavor Brasil é a separação analítica entre performance empreendedora, determinantes da performance e os impactos. De acordo com o estudo desenvolvido pela OCDE, impactos são as consequências sociais e econômicas da performance empreendedora, e os principais impactos esperados são a criação de empregos, o crescimento da economia, a redução da pobreza e diminuição da informalidade de empresas (OCDE, 2007). Gestores públicos deveriam, por princípio, se preocupar com as consequências da atividade empreendedora e desenhar políticas adequadas para maximizar seu impacto na sociedade. O problema central, porém, é que gestores públicos só podem produzir indiretamente tais impactos. O principal mecanismo é a criação

de condições, como um ambiente adequado, que permitam o desenvolvimento do empreendedorismo e a boa performance das empresas.

Assim, a noção de performance empreendedora é central para este estudo e pode ser compreendida de diversas formas: como intensidade de atividade empreendedora, como desempenho econômico dos empreendedores, ou ainda como a geração de riqueza e/ou empregos pela atividade empreendedora. Na linguagem do *framework* adotado pela Endeavor Brasil, a performance empreendedora é resultado de um conjunto de determinantes afetados pelas decisões dos gestores públicos.



Performance empreendedora e seus determinantes têm entre si, em tese, uma relação de causa e efeito. Os determinantes congregam, assim, os fatores essenciais que explicam a performance empreendedora das cidades brasileiras. No framework deste estudo, estes fatores estão organizados em sete determinantes: Ambiente Regulatório, Infraestrutura, Mercado, Acesso a Capital, Inovação, Capital Humano e Cultura. Os sete determinantes, adaptados à realidade brasileira, foram construídos a partir dos

estudos adotados como benchmarks -- da OCDE/Eurostat e Aspen Network of Development Entrepreneurs -- e a partir da opinião dos especialistas em diversos temas consultados pela Endeavor.

A expectativa é que cidades capazes de criar boas condições para o desenvolvimento da atividade empreendedora -- ou seja, que produzam determinantes favoráveis -- tenham melhor performance no futuro. Portanto, o

trabalho de análise deste estudo consiste, na sua essência, em mensurar cada um dos determinantes da performance. O ranking final é uma combinação de todos os determinantes com pesos estabelecidos de acordo com as respectivas correlações com a performance, como explicado nas próximas páginas. Nenhum dos determinantes, nem a

performance, são adequadamente representados por um único indicador e, no framework elaborado para este estudo, são construídos a partir de grupos de indicadores, ou variáveis. Os indicadores de cada determinante são os parâmetros sob quais gestores públicos e demais atores conseguem atuar para mudar o ambiente de negócios.

PERSPECTIVAS ANALÍTICAS SOBRE EMPREENDEDORISMO E SEUS DETERMINANTES

Os determinantes que compõem o framework têm como fundamento a literatura internacional sobre empreendedorismo, políticas públicas e desenvolvimento econômico. Não há um corpo de conhecimento único sobre o tema e há diversas perspectivas sobre empreendedorismo e suas causas. Ainda assim, há consenso de que o nível de atividade empreendedora varia entre países e, certamente, entre cidades. As explicações são, em geral, de caráter econômico e social. Mais importante do que a natureza das explicações, porém, é o fato de que os determinantes do empreendedorismo estão diretamente associados às escolhas de políticas públicas. Ou seja, é possível influenciar a intensidade da atividade empreendedora por meio de escolhas institucionais, econômicas e políticas. (Hoffmann, Larsen & Oxholm, 2006).

A pluralidade de explicações é resultado das diferentes conceitualizações sobre o que é empreendedorismo e como medi-lo. Parte das explicações para o nível de empreendedorismo é de ordem macro, para as quais as causas do empreendedorismo se confundem com os fatores que explicam o crescimento ou desenvolvimento econômico de países ou regiões. Nesta perspectiva, alguns dos temas convencionais da macroeconomia e da economia internacional estão diretamente conectados às explicações sobre empreendedorismo. O foco de trabalhos desta ordem são as mudanças em indústrias nacionais, no desempenho das firmas em geral ou nos parâmetros básicos da economia. Fatores institucionais e ambientais têm grande peso em trabalhos que adotam essa perspectiva.

Por outro lado, há explicações de ordem micro, cujo foco analítico é o empreendedor individual. Em vez de observar as variações no tamanho das indústrias ou no surgimento de novos negócios, tais trabalhos procuram entender a partir das características de um indivíduo ou de seu entorno as chances de empreender e/ou de gerir um negócio

com sucesso. Nas perspectivas sobre o empreendedor individual, a economia é acompanhada com mais frequência de outras disciplinas acadêmicas, tais como a sociologia e a psicologia. As habilidades do empreendedor e a decisão e a motivação para empreender cumprem um papel central nesse tipo de perspectiva.

As explicações intermediárias - que não focam nem na economia em geral, nem no empreendedor individual - por sua vez, tendem a se concentrar na análise de mercados específicos e em sua estrutura. O foco, em geral, são as oportunidades de negócio, as barreiras de entrada e saída e incentivos estruturais em geral. Essa literatura está bastante associada ao conhecimento produzido nas escolas de negócio sobre estratégia empresarial.

Todas as perspectivas se deparam com um desafio complexo: definir empreendedorismo. As alternativas mais comumente encontradas na literatura são aquelas que, de um lado, igualam empreendedorismo a auto-emprego e/ou a pequenos e médios negócios, em contraste a grandes corporações, ou que tomam a performance da economia total como sinônimo do desempenho dos empreendedores. Essas são, em geral, alternativas empíricas à ausência de medidas confiáveis ou regulares sobre a quantidade de empreendedores na economia.

As diferenças entre as várias perspectivas analíticas sobre empreendedorismo resultam em uma variedade de perguntas, proposições teóricas e hipóteses sobre as causas e determinantes do empreendedorismo. O resultado da ausência de unidade teórica e analítica é, de certa forma, natural e necessário para a produção de conhecimento acadêmico, mas um problema para formuladores de política e analistas. Como definir e formalizar em indicadores a performance empreendedora adequada para múltiplas perspectivas? Como comparar a variação da performance

em cidades a partir de explicações e causas do empreendedorismo de ordem tão variada?

Para responder a essas perguntas, apresentamos brevemente as fontes, acadêmicas

e não acadêmicas, das quais derivam o framework desenvolvido pela Endeavor. Em particular, este estudo se beneficia do desenvolvimento, no âmbito da OCDE durante os anos 2000, de um programa voltado à padronização de indicadores de empreendedorismo - Entrepreneurship Indicators Programme (EIP) - que congrega a pluralidade de perspectivas sobre o empreendedorismo em ferramentas analíticas e com diversos desdobramentos, como o trabalho desenvolvido pela ANDE recentemente (OCDE, 2007; ANDE, 2013).

O primeiro passo do debate proporcionado pela OCDE é o estabelecimento de uma definição ampla, porém relativamente precisa, dos elementos que compõem o empreendedorismo. Esta mesma definição é adotada pela Endeavor Brasil e pelo IBGE na produção dos relatórios de Estatísticas de Empreendedorismo (Endeavor/IBGE, 2011). São três elementos:

- Empreendedores: são pessoas, necessariamente donos de negócios, que buscam gerar valor por meio da criação ou expansão de alguma atividade econômica, identificando e explorando novos produtos, processos e mercados;
- Atividade empreendedora: é a ação humana empreendedora na busca da geração de valor, por meio da criação ou expansão da atividade econômica, identificando novos produtos, processos e mercados;
- Empreendedorismo: é o fenômeno social associado à atividade empreendedora.

A definição plural de empreendedorismo, com três elementos, resulta na impossibilidade de se adotar um indicador único para medir performance empreendedora. O framework da Endeavor Brasil acompanha essa definição, apresentando mais à frente a forma como performance empreendedora foi operacionalizada para este estudo. Em resumo, seguindo a mesma definição adotada pela OCDE em "A Framework for Addressing and Measuring Entrepreneurship" (Ahmad & Hoffmann, 2007), escolheram-se indicadores adequados para capturar a variação da performance em diferentes cidades brasileiras. Em geral, os indicadores procuram medir alguma das seguintes dimensões: o desempenho geral das empresas na economia;

o percentual da população que opta por empreender; a geração de empregos e riquezas na economia por parte de empreendedores, assim como esquema proposto por Ahmad & Hofmann (2007).

O passo seguinte à conceitualização de empreendedorismo e à mensuração de performance consiste em contemplar a heterogeneidade de explicações sobre os fatores determinantes do empreendedorismo em um mesmo instrumento de análise, independentemente da perspectiva analítica - micro, macro ou meso - das quais partem ou das disciplinas acadêmicas das quais se originam. Na ausência de unidade analítica, alguns trabalhos na literatura sobre empreendedorismo e políticas públicas, além dos desenvolvimentos produzidos pela OCDE, oferecem boas sínteses dos fatores essenciais (The Entrepreneurship Ecosystem, The Babson Entrepreneurship Ecosystem Project, Global Entrepreneurship and Development Index, entre outros).

Lundström & Stevenson (2005), que produzem uma lista relativamente completa de fatores determinantes do empreendedorismo, dão destaque a variáveis distribuídas em três níveis: oportunidades, motivação e habilidades. Fatores relativos a oportunidades referem-se basicamente às características de mercado que impactam diretamente nas chances de sucesso de um empreendedor em um determinado mercado. Praticamente todos os principais trabalhos sobre empreendedorismo produzidos nos anos 2000 reconhecem a centralidade de tais fatores para explicar a variação nos níveis de empreendedorismo. Barreiras à entrada, concentração de empresas na indústria, crescimento da economia e margens de lucro são alguns desses fatores fundamentais. Alguns desses são específicos de cada indústria ou setor da economia, a exemplo de barreiras de entrada. Outros, porém, afetam praticamente todos os empreendedores.

No framework deste estudo, tais fatores estão bem representados nos determinantes de Ambiente Regulatório, Infraestrutura, Mercado, concentrados naqueles que não são específicos de nenhuma indústria. No determinante de Ambiente Regulatório estão retratadas as dificuldades burocráticas para a abertura de negócios, os custos dos impostos e a complexidade tributária, que afetam diretamente a capacidade de empreendedores manterem suas empresas e torná-las rentáveis. O determinante de Infraestrutura, por sua vez, está diretamente ligado às

conexões com outras cidades e países e aos custos envolvidos na manutenção de negócio. As condições urbanas e os custos de cada cidade -- por exemplo, custo do metro quadrado dos imóveis ou a segurança urbana -- são fundamentais para a decisão de o empreendedor abrir ou não um negócio na região. As oportunidades de negócio e o acesso a mercados são também resultado da infraestrutura de cidades. A existência de uma rede adequada de transporte interurbano proporciona maior inserção do empreendedor a novos mercados. Na experiência da Endeavor Brasil com empreendedores, questões relativas às barreiras burocráticas e a ausência de infraestrutura adequada para negócios figuram dentre as queixas mais recorrentes.

As condições básicas da economia, retratadas no determinante de Mercado, influenciam diretamente o potencial empreendedor de um país ou cidade. Há mais oportunidades para empreender em mercados maiores, mais desenvolvidos e em crescimento. Há mais clientes potenciais em locais em que população tem renda maior, governos ou empresas têm mais capacidade de compras. Finalmente, o nível de desenvolvimento e a renda per capita da população também têm impacto indireto no total de empreendedores na economia.

Os determinantes de Ambiente Regulatório e Mercado são comuns aos frameworks da OCDE, ANDE e Endeavor Brasil. O primeiro, porém, não considera Infraestrutura entre seus determinantes em virtude de ter sido elaborado para a análise de países desenvolvidos. Seguindo as recomendações do framework desenvolvido pela ANDE, incluiu-se neste estudo o determinante de Infraestrutura, adequando o seu uso ao contexto das cidades.

Se as condições de mercado, do ambiente regulatório e a infraestrutura definem as oportunidades para o empreendedor, o acesso a capital é um fator chave para o surgimento de novos empreendedores e a expansão de negócios. Hoffman (2007) aponta que quase todos os estudos sobre empreendedorismo apontam para o papel essencial do capital disponível a empreendedores. O acesso a capital é particularmente crítico para novos empreendedores e startups, para os quais o risco avaliado de seus negócios dificulta ou aumenta os custos de obter recursos financeiros. Apesar de convencionalmente se assumir que a oferta de capital não deveria ser objeto de política pública, a dificuldade de novos negócios obterem capital em

virtude do risco que oferecem torna necessária políticas públicas de financiamento a empresas nascentes.

Inovação é o fator com o qual empreendedorismo está mais intimamente associado, apesar da centralidade das oportunidades de negócio e do papel crucial do acesso a capital para explicar a variação da atividade empreendedora entre países, regiões e cidades. A relação entre ambos é de mão dupla. De um lado, a inovação e o desenvolvimento tecnológico são a força motora do empreendedorismo; de outro, espera-se que os empreendedores sejam os agentes responsáveis pela disseminação da inovação e das transformações nos modelos de negócios. Neste framework, o determinante de Inovação contempla grande parte dos insumos (inputs) necessários para as empresas inovarem e os resultados obtidos (os outputs).

As perspectivas sobre o empreendedorismo focadas em indivíduos tendem a apontar para o impacto do nível educacional da população na intensidade da atividade empreendedora. Não somente empreendedores mais escolarizados têm maiores chances de sucesso, como a capacidade de recrutar pessoas para suas organizações explica parcialmente a capacidade de manter e expandir seus negócios. Perspectivas centradas nos recursos das organizações costumam dar grande relevância à composição de profissionais e talentos para explicar o desempenho de uma organização (Endeavor Brasil, 2013). Em particular, os empreendedores brasileiros com as quais a Endeavor tem proximidade apontam a escassez de profissionais como um entrave importante à expansão de seus negócios. No framework do estudo, acompanhando os demais frameworks usados com referências, há um determinante de Capital Humano, para o qual coletamos indicadores relativos tanto à oferta de mão de obra básica e à escolarização da população das cidades quanto à oferta de profissionais qualificados para o empreendedor.

Os seis primeiros determinantes tratam quase exclusivamente de aspectos objetivos do ambiente de negócios de cada cidade. A maioria refere-se à oferta de pessoas, recursos e oportunidades para o empreendedor. No entanto, a literatura sobre os fatores determinantes do empreendedorismo atribui grande relevância a aspectos culturais que motivam indivíduos a abrirem novos negócios como alternativa profissional. É bastante provável que cidades com condições objetivas semelhantes, mas com culturas empreendedoras distintas apresentem taxas diferentes de empreendedores na população.

CONSTRUÇÃO DOS DETERMINANTES DE PERFORMANCE E PADRONIZAÇÃO DE INDICADORES

Um dos desafios mais importantes na elaboração do ranking é a mensuração dos determinantes. Apesar de podermos definir intuitivamente o que cada determinante representa, criar medidas adequadas para cada um deles é bastante complexo. Como medir se há ou não em uma cidade o acesso a capital para empreendedores? Como medir o ambiente regulatório em um município? Ainda que possamos descrevê-los com precisão, cada determinante contempla mais de um fator relevante para explicar a performance empreendedora.

Por exemplo, podemos pensar genericamente no determinante de Inovação como sendo o investimento em pesquisa e a disponibilidade de seus resultados para empresas inovarem. Entretanto, é possível observar e medir somente um conjunto de indicadores: investimento privado em inovação, gasto público em ciência e tecnologia, número de pedidos patentes, e assim por diante. Seguindo a prática de outras ferramentas de análise, produzimos um conjunto de indicadores que quando combinados representam de forma adequada cada um dos determinantes. Ou seja, conforme mencionado anteriormente, nenhum indicador sozinho é suficiente para mensurar um determinante, mas todos os indicadores representam alguns aspectos relevantes para explicar a performance empreendedora.

Dentro de cada determinante, há indicadores que tratam de fatores correlatos entre si e que representam um mesmo aspecto. Dessa forma, os determinantes estão organizados em subdeterminantes, cuja função é organizar os indicadores e racionalizar sua combinação. Há sempre dois subdeterminantes que organizam os indicadores dentro de cada determinante, com exceção do ambiente regulatório, que conta com três subdeterminantes.

Por exemplo, o determinante Ambiente Regulatório é composto pelos seguintes subdeterminantes: “Tempo de processos”, composto pelos entraves à abertura de negócios, obtenção de alvarás etc., os “Custos de impostos”, em particular aqueles que variam entre cidades, e “Complexidade Tributária”, que avalia o número de obrigações a cumprir e quantas vezes os tributos mudaram. Certamente há outros aspectos regulatórios no Brasil que afetam empreendedores.

Para o framework, porém, importam aqueles fatores que variam entre cidades e que podem ser influenciados por gestores públicos locais.

Os indicadores coletados para a construção dos determinantes e aplicação do framework são medidos de diversas formas e representam quantidades muito diferentes. Enquanto o indicador “preço do metro quadrado”, no determinante de Infraestrutura, é medido em preços correntes (R\$, portanto), o indicador “ensino superior” é apenas uma proporção da população (%). Como comparar e agrupar indicadores tão diferentes?

Para que fosse possível combinar os indicadores nos subdeterminantes, a solução foi padronizá-los em um score com média 0 e desvio padrão 1. Esse é um método convencional e bastante adequado de tornar comparáveis variáveis provenientes de fontes distintas. O score para cada cidade em um indicador é obtido subtraindo-se a média das 32 cidades e dividindo o resultado pelo desvio padrão, conforme a fórmula abaixo:

$$\text{Indicador_k'} = \frac{\text{Indicador_k} - \text{Média (Indicadores)}}{\text{Desv.pad (Indicadores)}}$$

A padronização de indicadores permite somá-los, mesmo que originalmente representem quantidades tão diferentes. A construção de cada subdeterminante é a soma simples de cada um dos indicadores padronizados que o compõem. Por exemplo, dentro do determinante “Infraestrutura”, o subdeterminante “Transporte Interurbano” é a soma das variáveis padronizadas “Densidade das estradas”, “Número de voos diretos” e “Distância ao porto mais próximo”.

Uma vez somadas as variáveis, é possível aplicar o mesmo processo de padronização de variáveis para o resultado. A padronização dos subdeterminantes evita que, posteriormente, um subdeterminante apresente um valor médio maior que outro pelo simples fato de ser composto por mais variáveis. Entretanto, em lugar de centrarmos os scores na média zero, como fizemos com os indicadores, deslocamos a média do score para 6. Por exemplo, no pilar de “Mercado”,

⁶A lista completa de indicadores pode ser encontrada na página 124.

os subdeterminantes “Desenvolvimento Econômico” e “Clientes Potenciais” terão sempre média 6 e desvio padrão 1, com os scores de cada cidade indicando sua posição relativa às demais. Basicamente, deslocar a média para 6 evita que a visualização de um número artificialmente negativo (score abaixo da média) prejudique a interpretação, ao mesmo tempo em que não altera os resultados.

$$\text{Subdeterminante}_x = \text{Indicador}_1' + \text{Indicador}_2' + \dots + \text{Indicador}_k'$$

$$\text{Subdeterminante}_x' = (\text{Subdeterminante}_x - \text{Média}(\text{Subdeterminantes}))$$

$$\text{Desv.pad}(\text{Subdeterminantes}) + 6$$

A escolha de somar as variáveis diretamente dentro de um subdeterminante tem consequências. A mais notável é que implicitamente fica assumido que os indicadores têm o mesmo peso dentro de um subdeterminante. Rankings e outras ferramentas de comparação precisam necessariamente adotar um critério arbitrário para pesar indicadores diferentes e combiná-los, mesmo que o critério seja atribuir pesos equivalentes. Uma forma adequada de contornar a arbitrariedade dessa escolha é a avaliação cuidadosa de cada um dos determinantes, subdeterminantes e dos indicadores que os compõem. Em lugar de adotar pesos para as variáveis nesta etapa da análise, optou-se por organizá-los hierarquicamente.

No início da elaboração do estudo para a edição 2014 foram apontados 380 indicadores. Em um primeiro momento, esses indicadores foram agrupados nos respectivos determinantes e subdeterminantes seguindo as orientações dos frameworks existentes e a opinião dos especialistas consultados. No processo de coleta de variáveis, eliminamos aqueles indisponíveis, com erros excessivos de medição ou redundantes e buscamos fontes variadas para as mesmas medidas. Por exemplo, o número de voos diretos para uma cidade e o total de passageiros transportados são medidas bastante semelhantes. Utilizar dois indicadores que, uma vez padronizados, são quase idênticos, seria equivalente a adotar o dobro do peso para um aspecto específico de um subdeterminante.

Mesmo após a eliminação inicial de indicadores redundantes, é possível que dois indicadores sejam medidas muito parecidas e altamente correlacionadas entre si, ainda que sua definição substantiva seja muito diferente. Então, com um conjunto já reduzido de indicadores, foi produzido para cada determinante uma Análise de Componentes Principais em que se observou como cada indicador se comportava em

relação ao outro.

Intuitivamente, a aplicação da Análise de Componentes Principais se assemelha a descobrir todas as dimensões de cada um dos determinantes e criar um componente que represente cada dimensão. Por vezes, um conjunto de dezenas de indicadores pode ser representado por apenas um componente. Por exemplo, podemos imaginar que capital humano tem duas dimensões, qualidade da educação e total da população educada, e que a nota média dos alunos do município no IDEB e o percentual da população que terminou o Ensino Médio estão eventualmente relacionadas a essas duas dimensões. Ao produzirmos a Análise de Componentes Principais, é possível observar como esses dois indicadores estão situados nas dimensões encontradas e decidir se são redundantes, divergentes ou complementares. Com isso, pode-se também avaliar e reconstruir os subdeterminantes, aprimorando as ferramentas existentes nos estudos internacionais e desenhando um framework adequado à realidade das cidades brasileiras. Uma explicação mais detalhada da análise de componentes principais é encontrada adiante, quando são analisados aspectos da performance.

Construídos os subdeterminantes, o resultado de cada pilar (determinante) resulta da soma simples entre eles e da padronização, novamente com desvio padrão 1 e média 6. Os rankings de cada determinante, apresentados ao longo deste relatório, e os scores de cada capital para um determinante provêm desta última operação. Os subdeterminantes têm sempre o mesmo peso dentro de cada determinante.

$$\text{Determinante}_x = \text{Subdeterminante}_1' + \text{Subdeterminante}_2' + \dots + \text{Subdeterminante}_k'$$

$$\text{Determinante}_x' = (\text{Determinante}_x - \text{Média}(\text{Determinantes}))$$
$$\text{Desv.pad}(\text{Determinantes}) + 6$$

O framework final, apresentado na página 116, resulta, portanto, de um processo inicial indutivo - com consulta a trabalhos internacionais semelhantes e a especialistas - e de um processo final dedutivo, empiricamente orientado e analiticamente consistente.

É importante notar que, como consequência das transformações das variáveis e padronizações, os valores finais dos determinantes - e, portanto, dos rankings e do índice final - são relativos. Por exemplo, o fato de São Paulo estar posicionada em primeiro lugar no determinante de “Infraestrutura” e ter recebido o valor 8,25 não significa que a cidade está a apenas 1,75 (ou 10,00 - 8,25) de ter uma infraestrutura 121

perfeita para incentivar a atividade empreendedora. Da mesma forma, Belém não está a 4,11 de ter infraestrutura completamente inadequada para empreendedores. Os valores recebidos pelas cidades nos determinantes indicam somente as posições relativas e o quão distantes da média das 32 cidades cada uma está.

CONSTRUÇÃO DA MEDIDA DE PERFORMANCE EMPREENDEDORA

Performance empreendedora é um conceito abrangente e pode ser definida de diversas maneiras, por exemplo, como geração de riqueza por empreendedores ou como o simples aumento do número de empreendedores e do autoemprego. O desafio de conceitualizar e mensurar performance empreendedora é, portanto, semelhante ao de construir os determinantes da performance.

Seguindo os frameworks de comparação de países, foram coletados indicadores de performance que pudessem representar adequadamente três aspectos fundamentais: [1] a intensidade de atividade empreendedora no Brasil, medida tanto pelo número de empreendedores na população ocupada quanto pela criação e sobrevivência de novas empresas; [2] o desempenho econômico dos empreendedores, em particular, do empreendedorismo de alto impacto; e [3] a capacidade de geração de riqueza e/ou empregos pela atividade empresarial. Coletamos diversos indicadores de performance e, após eliminar aqueles redundantes ou com problemas de medição, restaram oito variáveis, cujas descrições e fontes são encontradas adiante.

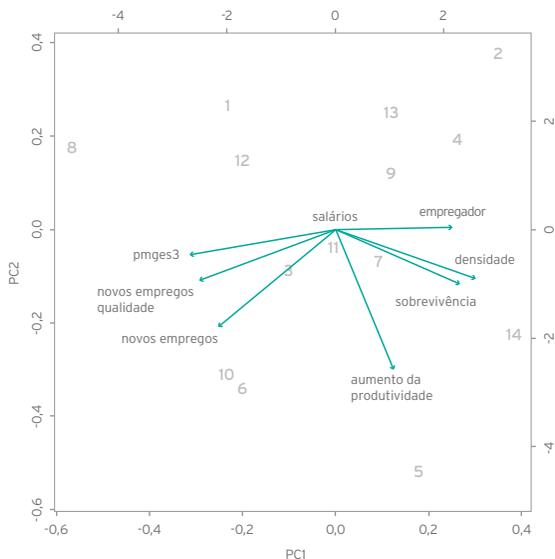
No entanto, os indicadores representam dimensões por vezes bastante distintas da performance empreendedora e combiná-los exige cuidado. Em particular, muitas das variáveis de performance coletadas têm correlação alta entre si. Por exemplo, o crescimento do número de empresas, a taxa de sobrevivência de empresas pré-existentes e a geração de empregos tendem a ser resultados dos mesmos processos econômicos, e, portanto, a estarem

correlacionados, ainda que sejam medidas bem definidas e diferentes entre si. A Análise de Componentes Principais, já usada para o exame dos determinantes, foi aplicada aos indicadores de performance com o propósito de lidar com este problema.

Na Análise de Componentes Principais, o objetivo principal é representar um conjunto de muitas variáveis correlacionadas entre si a partir de um conjunto menor de componentes que, por construção, não têm correlação entre si e sem que haja perda informações relevantes presentes nos dados (Bartholomew et al, 2008). Em outras palavras, com esta técnica podemos construir as dimensões - representadas pelos componentes - comuns aos indicadores e representá-los de maneira mais sintética. Se uma parte dos indicadores é fortemente explicada pelo mesmo processo social ou econômico - expansão da economia e do consumo, por exemplo - é provável que encontremos um componente que o represente.

Do ponto de vista técnico, a Análise de Componentes Principais resulta em um conjunto de componentes que explicam, em ordem decrescente de importância, exatamente a mesma variação dos dados explicada pelos indicadores originais. O primeiro componente é o que tem maior poder de explicação da variação e o último, o menor. O gráfico abaixo, proveniente de um exemplo hipotético, ilustra como as variáveis estão arranjadas em torno dos dois primeiros componentes de uma Análise de Componentes Principais.

EXEMPLO DE ILUSTRAÇÃO DE ANÁLISE SE COMPONENTES PRINCIPAIS



Para o conjunto de indicadores de performance empreendedora escolhidos para este estudo, os três primeiros componentes explicam sozinhos aproximadamente 85% da variação total do conjunto. Ou seja, com a aplicação da

Análise de Componentes Principais obtemos três variáveis totalmente não correlacionadas entre si e que resumem de maneira adequada os indicadores de performance. A medida final de performance adotada na preparação do ranking, portanto, consiste na combinação simples desses três componentes padronizados:

$$\text{Performance}_x = \text{Componente}_1' + \text{Componente}_2' + \dots + \text{Componente}_k'$$

$$\text{Performance}_x' = (\text{Performance}_x - \text{Média}(\text{Performances})) / \text{Desv.pad}(\text{Performances}) + 6$$

Dessa forma, todo o conjunto de variáveis de performance é condensado em uma única análise estatística, o que tem a vantagem de prescindir de um framework conceitual específico para sua elaboração - o que, diferente dos determinantes, ainda não é amplamente analisado na literatura hoje existente. Vale notar que, para os dados utilizados, o indicador de performance empreendedora obtido está altamente correlacionado com um indicador criado a partir da soma simples de todas as variáveis contempladas.

RANKING FINAL DE CIDADE E PESO DOS DETERMINANTES

Um aspecto complexo e controverso na elaboração de rankings é o estabelecimento de pesos para cada um de seus elementos. Há rankings nos quais simplesmente não há pesos para variáveis. Há outros nos quais especialistas são consultados para, com base em sua experiência, estabelecer pesos arbitrários para os indicadores. A decisão adotada para este estudo foi utilizar pesos obtidos a partir das correlações entre performance empreendedora e seus determinantes. Os pesos adotados são, portanto, resultado de avaliação empírica. A arbitrariedade fica limitada, assim, à forma de calculá-los e não depende da visão da Endeavor Brasil, de especialistas ou de trabalhos anteriores sobre as relações entre os determinantes e a performance empreendedora, ainda que tenham produzido resultados difundidos e defensáveis na literatura.

O pressuposto fundamental desta operação é que há uma relação causal entre performance empreendedora e seus determinantes. Esse é o ponto de partida do framework da Endeavor Brasil e das demais ferramentas adotadas por organizações e consultorias internacionais. Cidades com bom desempenho nos determinantes devem, assim se espera, ter um resultado positivo na performance empreendedora.

Idealmente, haveria informações sobre diversas cidades brasileiras e seria possível estimar com mais precisão as relações entre determinantes e performance empreendedora. Contudo, ao se escolher apenas 32 cidades, limita-se a capacidade de obter pesos precisos a partir dos dados disponíveis. Não é possível, por exemplo, aplicar técnicas

básicas de regressão linear para estimar coeficientes parciais que representem a relação entre a performance empreendedora e suas causas.

Diante da limitação do número de cidades, a opção foi construir pesos diretamente a partir das correlações entre cada um dos sete determinantes apresentados no framework e a medida de performance obtida com os componentes da Análise de Componentes Principais. O risco neste procedimento é obter correlações negativas, entre -1 e 0, ou mesmo pesos nulos, para representar equivocadamente relações que, pelo menos em teoria, deveriam ser positiva.

Na formulação dos pesos para os determinantes, decidiu-se, portanto, construir pesos que variariam sempre entre números positivos, maiores que 1 e menores que 2, e que fossem uma função da correlação com a medida de performance. A transformação linear das correlações entre 1 e 2 produz pesos que atendem a estes critérios. O cálculo dos pesos é, assim, bastante simples: subtraímos de cada correlação o menor valor entre todas as correlações e dividimos o resultado pela diferença entre o maior e a menor correlação, segundo a fórmula abaixo:

$$\text{peso} = \frac{\text{corr}(\text{determinante}, \text{performance}) - \min(\text{corr})}{\max(\text{corr}) - \min(\text{corr})}$$

Os pesos obtidos dessa forma são números racionais e, na maior parte dos casos, contém diversas casas decimais. Como as correlações são estimadas com dados de poucas cidades, é indesejável ter pesos que podem, por exemplo, variar demasiadamente entre anos. Para tornar os pesos mais estáveis e, conseqüentemente, reduzir a sensibilidade do ranking, optou-se ao final por limitar os pesos a apenas três valores possíveis --1, 1,5 e 2-- obtidos por uma regra de arredondamento convencional. O gráfico acima reporta os pesos de cada um dos determinantes.

As notas das cidades no índice final consistem na soma das notas dos determinantes ponderados pelos pesos obtidos com o procedimento acima, que em seguida são uma vez mais padronizados com média 6 e desvio padrão

1.

$$\text{ICE}_x = \text{Det1}_x * \text{peso1} + \text{Det2}_x * \text{peso2} + \dots$$

$$\text{ICE}_x' = (\text{ICE}_x - \text{Média (ICE)}) / \text{Desv.pad (ICE)} + 6$$



Por fim, é importante ressaltar que os pesos aplicados neste ano as determinantes serão mantidos constantes, ao menos, nos próximos dois anos - com a ressalva de que análises futuras sobre os valores encontrados serão sempre refeitas. Além de evitar oscilações indesejáveis,

em função da amostra relativamente pequena (de 32 cidades), esse procedimento garante que ações tomadas por governos, gestores públicos e organizações de apoio tenham influencia no longo prazo e não alterem o foco e impacto das medidas.

INDICADORES, FONTES E FORMAS DE CÁLCULO

Determinante Ambiente Regulatório

Subdeterminante Tempo de processos

- **Indicador** Tempo de abertura de empresas (em dias)

Forma de cálculo

Tempo total, medido em dias, necessário para abrir 3 CNAEs de empresas (Serviço, Comércio e Indústria), de acordo com os órgãos responsáveis, com base em processos equivalentes em todas as cidades.

Fonte SEDI - Ano 2015

- **Indicador** Tempo para regularização de imóveis (em dias)

Forma de cálculo

Tempo total, medido em dias, necessário para obter regularizar imóveis de 3 CNAEs de empresa (Serviço, Comércio e Indústria), de acordo com os órgãos responsáveis, com base em processos equivalentes em todas as cidades.

Fonte SEDI - Ano 2015

- **Indicador** Taxa de congestionamento em tribunais (*)

Forma de cálculo

Taxa de congestionamento média considerando a efetividade do tribunal no período, levando-se em conta o total de casos novos que ingressaram, os casos baixados e o estoque pendente ao final do período anterior ao período base. Índice médio entre o Tribunal de Justiça do Estado, o Tribunal Regional do Trabalho e o respectivo Tribunal Regional Federal. Dado estadual.

Fonte CNJ - Ano 2014

Subdeterminante Custo de impostos

- **Indicador** Alíquota média interna do ICMS

Forma de cálculo

Alíquota interna média cobrada para 6 CNAEs de empresas diferentes (2 Serviços, 2 Comércios, 2 Indústrias)

Fonte EY - Ano 2015

- **Indicador** Alíquota média do IPTU

Forma de cálculo

Alíquota aplicada sobre imóveis de empresas, na média calculada a partir do valor venal de 11 imóveis.

Fonte EY - Ano 2015

- **Indicador** Número médio de incentivos fiscais

Forma de cálculo

Número de incentivos fiscais aplicáveis a 6 CNAEs de empresas diferentes (2 Serviços, 2 Comércios, 2 Indústrias).

Fonte EY - Ano 2015

Subdeterminante Complexidade tributária

- **Indicador** Obrigações acessórias a cumprir

Forma de cálculo

Número de obrigações acessórias a cumprir para 6 CNAEs de empresas diferentes (2 Serviços, 2 Comércios, 2 Indústrias), baseado em obrigações exclusivas do estado e no número de fichas a serem preenchidas no Demonstrativo de Apuração do ICMS.

Fonte EY - Ano 2015

- **Indicador** Número de atualizações tributárias

Forma de cálculo

Número de atualizações tributárias via decreto do Governo do Estado, entre 2012 e 2014.

Fonte EY - Ano 2015

Determinante Infraestrutura

Subdeterminante Transporte interurbano

- **Indicador** Conectividade via rodovias (km)

Forma de cálculo

Soma das rotas por rodovias (em quilômetros) das cidades analisadas para todas as demais 31 cidades do estudo.

Fonte Google Maps - Ano 2015

- **Indicador** Número de passageiros em voos diretos por ano

Forma de cálculo

Total de passageiros (em todos os voos) durante o ano anterior nos aeroportos com voos regulares num raio de até 80 km do centro da cidade. Para aeroportos com distância para o centro da cidade entre 40 km e 80 km, será considerado 90% do valor.

Fonte Infraero e concessionárias - Ano 2014

- **Indicador** Distância ao porto mais próximo (km)

Forma de cálculo

Distância ao porto marítimo mais próximo, em quilômetros.

Fonte Receita Federal e Google Maps - Ano 2015

Subdeterminante Condições urbanas

- **Indicador** Acesso à internet rápida

Forma de cálculo

Número de acessos à internet de alta velocidade (acima de 12Mbps) dividido pela estimativa populacional do município.

Fonte Anatel e IBGE - Ano 2015

- **Indicador** Preço médio do m²

Forma de cálculo

Preço médio, por m², de imóveis residenciais usados na cidade.

Fonte FIPE - Ano 2015

- **Indicador** Custo da energia elétrica

Forma de cálculo

Valor das tarifas residenciais cobradas pelas concessionárias locais e homologadas pela Aneel, em R\$/kWh (reais por quilowatt-hora). Não contemplam tributos e outros elementos que fazem parte da conta de luz, tais como: ICMS, Taxa de Iluminação Pública e Encargo de Capacidade Emergencial.

Fonte Aneel - Ano 2015

- **Indicador** Taxa de homicídios

Forma de cálculo

Homicídios Dolosos, ou simplesmente Homicídios, que correspondem à somatória das causas de óbitos X85 a Y09 estabelecidas pelo CID-10 (última versão da Classificação Internacional de Doenças da Organização Mundial da Saúde), recebendo o título genérico de Agressões. Têm como característica a presença de uma agressão intencional de terceiros, que utilizam qualquer meio para provocar danos ou lesões que originam a morte da vítima. Não se incluem aqui mortes acidentais, homicídios culposos, mortes no trânsito etc., que têm códigos específicos de classificação. Para o cálculo das taxas por 100 mil habitantes, foram utilizadas as estimativas populacionais disponibilizadas pelo IBGE.

Fonte DATASUS e IBGE - Ano 2013

Determinante Mercado

Subdeterminante Desenvolvimento econômico

- **Indicador** PIB total (log)

Forma de cálculo

Logaritmo do Produto Interno Bruto total do município, em reais.

Fonte IBGE - Ano 2012

• **Indicador** Crescimento médio real do PIB nos últimos 3 anos

Forma de cálculo

Crescimento médio do Produto Interno Bruto do município, em valores reais (base - deflator nacional), por município, entre 2010 e 2012.

Fonte IBGE - Ano 2010 - 2012

• **Indicador** Proporção de empresas exportadoras com sede na cidade

Forma de cálculo

Número total de empresas exportadoras dividido pelo total de empresas com pelo menos 1 funcionário.

Fonte MDIC e RAIS (MTE) - Ano 2015

Subdeterminante Clientes Potenciais

• **Indicador** PIB per capita

Forma de cálculo

PIB total do município, dividido pelo número de habitantes, ponderado Índice de Gini -- multiplicado por (1 - (Gini)).

Fonte IBGE - Ano 2012

• **Indicador** Proporção entre grandes/médias empresas e médias/pequenas

Forma de cálculo

Média entre a proporção de (1) empresas com mais de 250 funcionários e empresas entre 50 e 249 funcionários; e (2) a proporção entre 50 e 249 funcionários e 10-49 funcionários..

Fonte RAIS (MTE) - Ano 2014

• **Indicador** Compras públicas (média por empresa)

Forma de cálculo

Despesas pagas de investimento e dispêndios pagos na contratação de serviços de terceiros realizados pela Prefeitura, dividido pelo total de empresas com pelo menos 1 funcionário do município. Rubricas selecionadas a partir da FINBRA, adotada como proxy de compras públicas.

Fonte FINBRA (STN) e RAIS (MTE) - Ano 2014

Determinante Acesso a Capital

Subdeterminante Capital disponível via dívida

• **Indicador** Operações de crédito por município (em relação ao PIB)

Forma de cálculo

Valor anual, em reais, das operações de crédito, para pessoas físicas e jurídicas, dos bancos múltiplos com carteira comercial, dividido pelo PIB total do município.

Fonte Banco Central / IBGE - Ano 2014 e 2012

Subdeterminante Acesso a capital de risco

• **Indicador** Proporção relativa de Venture Capital

Forma de cálculo

Porcentagem relativa dos investimentos de Venture Capital e Aceleradoras feitos (X) nas 32 cidades, comparada à porcentagem relativa de PMEs (Y) nas 32 cidades (X/Y); considerando os deals que ocorreram entre 2010 e 2015.

Fonte Spectra Investments e RAIS (MTE)

Ano 2015 e 2014

• **Indicador** Proporção relativa de Private Equity

Forma de cálculo

Porcentagem relativa dos investimentos de Private Equity feitos (X) nas 32 cidades, comparada à porcentagem relativa de grandes empresas (Y) nas 32 cidades (X/Y); considerando os deals que ocorreram entre 2010 e 2015.

Fonte Spectra Investments e RAIS (MTE)

Ano 2015 e 2014

• **Indicador** Capital poupado per capita

Forma de cálculo

Valor médio mensal dos depósitos em poupança e depósitos de longo prazo, de pessoas físicas e jurídicas, dividido pelo número de habitantes do município.

Fonte Banco Central e IBGE - Ano 2014

Determinante Inovação

Subdeterminante Inputs

• **Indicador** Proporção de Mestres e Doutores em Ciência e Tecnologia (para cada 100 empresas)

Forma de cálculo

Número de mestres e doutores residentes com currículo cadastrado na Plataforma Lattes nas áreas de ciências exatas e da terra; ciências biológicas; engenharias; ciências agrárias, ciências da saúde, que trabalham em empresas privadas, em relação ao total de empresas com pelo menos 1 funcionário.

Fonte CNPq e RAIS (MTE) - Ano 2015 e 2014

• **Indicador** Proporção de funcionários nas áreas de C&T

Forma de cálculo

Número de trabalhadores no município ocupando funções ligadas as áreas de ciência, tecnologia, engenharia e matemática, de acordo com critérios definidos internamente a partir da listagem de ocupações (CBO - Classificação Brasileira de Ocupações) dividido pelo total de trabalhadores no município.

Fonte RAIS (MTE) - Ano 2014

• **Indicador** Média de investimentos do BNDES e da FINEP

Forma de cálculo

Investimentos totais do BNDES + FINEP dividido pelo total de empresas com pelo menos 1 funcionário.

Fonte BNDES, FINEP e RAIS (MTE) - Ano 2014

• **Indicador** Infraestrutura tecnológica

Forma de cálculo

Média padronizada do (1) Nº de Unidades Sibratec + (2) Projetos realizados pelos Institutos SENAI de Inovação e Tecnologia + (3) Nº de Empresas instaladas em Parques Tecnológicos.

Fonte SENAI, Sibratec, Parques Tecnológicos

Ano 2015

• **Indicador** Infraestrutura tecnológica

Forma de cálculo

Total de contratos de Propriedade Intelectual depositados (como cessionário), dividido pelo total de empresas com pelo menos 1 funcionário (x 1.000).

Fonte INPI e RAIS (MTE) - Ano 2014

Subdeterminante outputs

• **Indicador** Proporção de empresas com patentes

Forma de cálculo

Empresas com registros concedidos de Patentes e Programas de Software, para cada 1.000 empresas com pelo menos 1 funcionário.

Fonte INPI / RAIS (via Neoway) - Ano 2014

• **Indicador** Tamanho da indústria inovadora

Forma de cálculo

Proporção de empresas de indústria inovadora (classes da CNAE 2.0 selecionadas) em relação ao total de empresas com ao menos 1 funcionário.

Fonte RAIS (MTE) - Ano 2014

• **Indicador** Tamanho das empresas TIC

Forma de cálculo

Proporção de empresas dos setores de tecnologia (classes da CNAE 2.0 selecionadas) em relação ao total de empresas com ao menos 1 funcionário.

Fonte RAIS (MTE) - Ano 2014

Determinante Capital Humano

Subdeterminante Acesso e qualidade da mão de obra básica

• **Indicador** Nota do IDEB nos anos finais (8º e 9º anos)

Forma de cálculo

Índice final do IDEB, calculado com base no desempenho escolar dos alunos das escolas públicas do município.

Fonte Inep (MEC) - Ano 2013

- **Indicador** Proporção de adultos com pelo menos o Ensino Médio completo

Forma de cálculo

Média entre a proporção de Pais e Mães declarados com Ens. Médio completo pelos alunos inscritos no ENEM.

Fonte ENEM (MEC) - Ano 2013

- **Indicador** Taxa Líquida de matrícula no Ensino Médio

Forma de cálculo

Alunos de Ens. Médio entre 15 e 17 anos, dividido pela população estimada de pessoas com idade entre 15 e 17 anos.

Fonte Censo Escolar (MEC - Ano 2014

- **Indicador** Nota média no ENEM

Forma de cálculo

Nota média do ENEM para todas as provas dos alunos inscritos na cidade.

Fonte ENEM (MEC) - Ano 2013

- **Indicador** Proporção de matriculados no ensino técnico e profissionalizante

Forma de cálculo

Total de alunos inscritos no Ens. Técnico, dividido pela população estimada com mais de 15 anos.

Fonte Censo Escolar (MEC) - Ano 2014

Subdeterminante Acesso e qualidade da mão de obra qualificada

- **Indicador** Proporção de adultos com pelo menos o Ensino Superior completo

Forma de cálculo

Média entre a proporção de Pais e Mães declarados com Ens. Superior completo pelos alunos inscritos no ENEM.

Fonte ENEM (MEC) - Ano 2013

- **Indicador** Proporção de alunos concluintes em cursos de alta qualidade

Forma de cálculo

Total de matriculados em cursos de alta qualidade, reconhecidos com as notas 4 e 5 no ENADE, nos últimos três anos, dividido pelo total de alunos matriculados em cursos de graduação avaliados pelo ENADE.

Fonte ENADE (MEC) - Ano 2013

- **Indicador** Número de alunos concluintes em cursos de alta qualidade

Forma de cálculo

Log do total de matriculados em cursos de alta qualidade, reconhecidos com as notas 4 e 5 no ENADE, nos últimos três anos.

Fonte ENADE (MEC) Ano 2013

- **Indicador** Custo médio de salários de dirigentes

Forma de cálculo

Salário médio de funcionários em cargos de gerência e direção segundo classificação própria a partir da CBO (Classificação Brasileira de Ocupações).

Fonte RAIS (MTE) - Ano 2014

Determinante Cultura

Para todos os indicadores do subdeterminante "Potencial para Empreender com Alto Impacto", foi aplicado o Teste META, baseado em critérios psicométricos e criado pelo Instituto Meta Profiling.

O Teste META faz um diagnóstico sobre as 4 atitudes essenciais (Visão de Oportunidade, Proatividade, Criatividade e Sonho Grande) para qualquer empreendedor de alto impacto, validada internacionalmente com mais de 100.000 pessoas.

Foram entrevistadas mais de 9.000 pessoas, via questionário online, entre junho e julho de 2015. Para mais informações sobre o Teste META: <http://www.metaprofiling.com/documents/Meta-technical-manual-final.pdf>

Subdeterminante Potencial Empreendedor

Subdeterminante Imagem do empreendedorismo

- **Indicador** Status do empreendedor

Forma de cálculo

Percentual de respondentes que concordam parcial ou totalmente com a afirmação: "Você acredita que na sua cidade aqueles que tiveram sucesso ao começar um novo negócio têm status e são respeitados?".

Fonte Endeavor - Ano 2015

- **Indicador** Percepção sobre empreendedorismo na mídia

Forma de cálculo

Total de respondentes que respondem "muitas vezes" ou "sempre" para a pergunta "Na sua cidade, você vê histórias sobre novos empreendedores bem sucedidos na mídia?".

Fonte Endeavor - Ano 2015

- **Indicador** Percepção sobre relação entre empreendedor e funcionários

Forma de cálculo

Total de respondentes que "discordam" ou "discordam totalmente" da afirmação "Eu acredito que empreendedores exploram seus funcionários".

Fonte Endeavor - Ano 2015

- **Indicador** Incentivo ao empreendedorismo na família

Forma de cálculo

Total de respondentes que "discordam" ou "discordam totalmente" da afirmação "Se alguém muito próximo a mim - pais, irmã(o), esposo(a) - quisesse empreender, eu acharia difícil de apoiar, pela insegurança financeira".

Fonte Endeavor - Ano 2015

- **Indicador** "Dependência de empreendedores"

Forma de cálculo

Total de respondentes que "concordam" ou "concordam totalmente" com a afirmação "Eu acredito que o desenvolvimento do Brasil depende muito dos empreendedores".

Fonte Endeavor - Ano 2015

- **Indicador** Percepção sobre a dificuldade de empreender na cidade

Forma de cálculo

Total de respondentes que "discordam" ou "discordam totalmente" da afirmação "Empreender, na minha cidade, é bastante complicado".

Fonte Endeavor - Ano 2015

- **Indicador** Conhecimento pessoal de empreendedores

Forma de cálculo

Percentual de respondentes que responderam afirmativamente à pergunta: "Você conhece alguém pessoalmente que abriu um negócio nos últimos dois anos?".

Fonte Endeavor - Ano 2015

- **Indicador** Quão desejável é ser empreendedor na cidade

Forma de cálculo

Nota média, variando entre 1 e 10, em que 10 é "melhor opção de carreira possível" e 1, a pior, ao ser perguntado "Na sua cidade, a maioria das pessoas considera que abrir um negócio é:"

Fonte Endeavor - Ano 2015

SIGLAS E SEUS SIGNIFICADOS

ANEEL Agência Nacional de Energia Elétrica

B2B Business to business (empresa para empresa)

B2C Business to consumer (empresa para consumidor)

B2Gov Business to government (empresa para governo)

BNDES Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social

C&T Ciência & Tecnologia

CBO Classificação Brasileira de Ocupações

CNAE Classificação Nacional de Atividades Econômicas

CNJ Conselho Nacional de Justiça

CNPq Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

DNA Ácido desoxirribonucléico

EF Ensino Fundamental

EIP Entrepreneurship Indicators Programme

EM Ensino Médio

ENADE Exame Nacional de Desempenho de Estudantes

ENEM Exame Nacional do Ensino Médio

FACIAP Federação de Associações Comerciais e Empresariais do Estado do Paraná

FIEPE Federação das Indústrias do Estado de Pernambuco

FINBRA Finanças do Brasil

FINEP Financiadora de Estudos e Projetos

FIPE Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas

FIR Faculdade Integrada do Recife

GII Global Innovation Index

GPS Global Positioning System

IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ICE Índice de Cidades Empreendedoras

ICMS Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços

IDEB Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

Inep Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

INPI Instituto Nacional de Propriedade Industrial

IPTU Imposto sobre a Propriedade Predial e Territorial Urbana

ISS Imposto sobre Serviços

ITA Instituto Tecnológico de Aeronáutica

ITBI Imposto sobre Transmissão de Bens Imóveis

JUCEG	Junta Comercial do Estado de Goiás	PME	Pequenas e Médias Empresas
KwH	Quilowatt-hora	RAIS	Relação Anual de Informações Sociais
LOG	Logarítmo	SEBRAE	Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
MCT	Ministério da Ciência e Tecnologia	Senai	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
MDO	Mão de Obra	STEM	Science, Technology, Engineering, and Mathematics (Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática)
MDIC	Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior	STN	Secretaria do Tesouro Nacional
MEC	Ministério da Educação	TJ	Tribunal de Justiça
MGE	Médias e Grandes Empresas	UFPA	Universidade Federal do Pará
MPE	Micro e Pequenas Empresas	UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
MTE	<i>Ministério do Trabalho e Emprego</i>	UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
NIT	Núcleo de Inovação Tecnológica	UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico	UFSC	<i>Universidade Federal de Santa Catarina</i>
OSS	Oxford Space Systems	UNB	<i>Universidade de Brasília</i>
PE	Private Equity	Unicamp	<i>Universidade Estadual de Campinas</i>
PEA	População Economicamente Ativa	USP	<i>Universidade de São Paulo</i>
PIB	Produto Interno Bruto	VC	<i>Venture Capital</i>
PINTEC	Pesquisa de Inovação Tecnológica		

ANEXO 2:

METODOLOGIA DO

DETERMINANTE

DE CULTURA

EMPREENDEDORA

DETERMINANTE DE CULTURA EMPREENDEDORA

Parceria: META

Para conhecer o estudo completo, acesse

info.endeavor.org.br/culturaempreendedoranobrasil

Uma cidade pode ter excelentes indicadores nas mais diversas determinantes. Por mais que a burocracia seja baixa, a infraestrutura moderna ou a renda disponível seja alta, nada disso pode fazer com que uma cidade se torne uma potência para fazer negócios se o local não tem moradores que pensem em criar grandes negócios e que veem valor nos empreendedores. Esses são alguns aspectos importantes da cultura empreendedora de uma população, que foram pesquisados pela Endeavor neste ano em cada uma das cidades analisadas.

Foram realizadas 9.013 entrevistas pela internet, com aplicação do questionário nos habitantes das 32 cidades deste estudo, incluindo empreendedores, autônomos, empregados, donas (os) de casa e desempregados, durante os meses de julho e agosto de 2015. Uma amostra de empreendedores de alto impacto - empreendedores selecionados e apoiados pela Endeavor Brasil ao longo dos 15 anos de atuação no país - também foi usada como um grupo de referência (benchmark), para ter seus resultados comparados ao restante da amostra.

Neste pilar, foram observados dois tipos de aspectos culturais ou determinantes: **potencial para empreender com alto impacto e imagem do empreendedorismo**, explicados a seguir.

POTENCIAL PARA EMPREENDER COM ALTO IMPACTO

A principal medida usada no estudo para avaliar o potencial para se empreender com alto impacto é o teste META, ou Measure of Entrepreneurial Tendencies and Abilities - é um dos instrumentos de medição mais utilizados no mundo para avaliar o potencial para empreender com alto impacto. A medida foi desenvolvida pelo META Profiling, um instituto com cientistas da University College London, e que recebeu colaboração da New York University, do Harvard's Entrepreneurial Finance Lab (EFL) e do Governo do Reino Unido para a construção da metodologia do teste.

Nos últimos três anos, a metodologia foi testada em mais de 200 mil pessoas em mais de 25 países e mostrou ser um forte indicador de uma série de resultados de desempenho para empreendedores e não empreendedores, como crescimento organizacional, inovação e número de empresas abertas. O Teste META permite entender qual o potencial para empreender com alto impacto, ou seja, a capacidade para ser um empreendedor que inova, cresce e gera empregos. Os resultados do teste são divididos em quatro atitudes que influenciam o sucesso de qualquer empreendedor: visão de oportunidades (a sensibilidade de identificar novas oportunidades de negócios e tendências futuras.), proatividade (a capacidade de iniciar novas ações antes da maioria), criatividade (a capacidade de gerar ideias inovadoras) e sonho grande (a capacidade de enxergar além, ter visão sistêmica e motivação para trazer

mudanças com suas ideias e negócios.). As pontuações por atitudes variam entre 0 a 50 pontos, e compõem a pontuação final do Teste META, totalizando um máximo de 200 pontos. A média de pontos META dos pesquisados de cada cidade forma a média da cidade e a nota final deste indicador no ICE2015.

Por que há empate entre várias cidades nesse indicador?

Análises estatísticas foram realizadas para identificar quais motivos levam algumas cidades a terem médias no teste maiores ou menores em relação a outras. Essas análises indicaram que as diferenças nas notas de cada cidade, em parte considerável das vezes, não são estatisticamente significativas em cada uma das sete colocações apresentadas nos resultados desse determinante. Isso significa que cidades com maiores médias no teste hoje poderiam ter médias menores que as demais da sua posição numa outra medição com as mesmas características. Em termos práticos, isso significa, por exemplo, que Florianópolis não tem uma diferença de resultado estatisticamente relevante em relação a Teresina, por isso, as cidades estão “tecnicamente empatadas”. O mesmo não acontece entre Florianópolis e Maringá, melhor posicionada e fora de um empate técnico.

Para conhecer mais sobre a metodologia e essas atitudes, acesse: goo.gl/GrV2LV

IMAGEM DO EMPREENDEDORISMO

A imagem do empreendedorismo traduz a imagem que a população de cada uma das cidades tem da atividade empreendedora e dos empreendedores em si. Trata-se, portanto, de um elemento ligado à cidade e não a um ou outro segmento. Essa “imagem” foi obtida por meio de um conjunto de perguntas específicas presentes no questionário, como o quanto empreendedores são bem vistos na cidade, o quanto eles estão presentes na mídia e o quão atraente é a opção “empreender”. Quanto mais uma população concorda, fortemente ou não, com ideias positivas ao ambiente empreendedor, maior é sua média nessa determinante.

É importante notar que este Índice é um indicador do potencial e de propensão para empreender em cada cidade. Logo, não necessariamente reflete a real presença de empreendedores em cada região, que pode ser medida de diversas outras formas, mas a possibilidade de o impulso empreendedor se manifestar com mais intensidade, dadas as devidas condições para isso. Em conjunto com os demais determinantes analisados neste estudo, o Índice de Cultura Empreendedora auxilia a entender o desenvolvimento do ambiente empreendedor e a performance empreendedora em cada cidade estudada.

ANEXO 3:

ANÁLISE

LONGITUDINAL

UMA COMPARAÇÃO

ENTRE O ICE2014

E O ICE2015

O Índice de Cidades Empreendedoras tem como objetivo se tornar a principal referência de análises para os municípios brasileiros, partindo de referências internacionais, com validação estatística e de especialistas no assunto. Também é importante que as cidades possam, a partir de políticas públicas baseadas nas descobertas do estudo, acompanhar o impacto de seus esforços ao longo do tempo.

Ao mesmo tempo, é natural que ocorram mudanças metodológicas com o passar dos anos e com o acesso a melhores indicadores e revisões nos aspectos considerados essenciais para a melhora do ambiente empreendedor. Por isso, é imprescindível que haja transparência total nos impactos dessas alterações, resumidas e explicadas neste anexo.

MUDANÇAS NOS INDICADORES

No ICE2015 são analisados 55 indicadores, dos quais 17 utilizam a mesma metodologia aplicada no ICE2014, 18 tiveram ligeiras mudanças (detalhadas na tabela abaixo) e 20 são indicadores novos, não utilizados no ICE2014 (tabela 2).

Indicador	Mudança
Tempo para abrir um negócio	Aumento na abrangência dos tipos-padrão de empresas e do processos analisados
Tempo para regularização de Imóveis	Aumento na abrangência dos tipos-padrão de empresas e do processos analisados
Alíquota média do IPTU	Aumento do número de imóveis analisados e mudança na apresentação para alíquota média (no ICE2014 foi apresentado o valor médio a ser pago).
Conectividade via rodovias	No ICE 2014 havia sido considerada a densidade rodoviária no estado; agora, analisa-se a distância para as demais cidades, em quilômetros totais
Nº de passageiros em voos diretos por ano	No ICE2014, havia sido analisado o número de voos diretos, desconsiderando o número de passageiros
Acesso à internet rápida	No ICE2014, havia sido analisado a proporção de pessoas com acesso à internet
Taxa de homicídios	No ICE2014, havia sido analisada a taxa de roubos e furtos de veículos
PIB per capita	No ICE2014, havia sido considerada a renda per capita
Porcentagem relativa de VCs + GCs	Foram considerados apenas os investimentos na cidade, enquanto no ICE2014 considerava-se todos os investimentos no estado
Porcentagem relativa de PEs	Foram considerados apenas os investimentos na cidade, enquanto no ICE2014 considerava-se todos os investimentos no estado
Mestres e Doutores em STEM	No ICE2014, haviam sido considerados apenas os mestres e doutores trabalhando em empresas
Proporção de empresas com patentes	Ao invés do total de pedido de patentes utilizado no ICE2014
Proporção de adultos com ao menos ensino médio completo	A fonte de dados é o ENEM; no ICE2014, a base era a PNAD
Proporção de adultos com ao menos ensino superior completo	A fonte de dados é o ENEM; no ICE2014, a base era a PNAD
Salário médio de dirigentes	Alteração nas ocupações consideradas Dirigentes e Gerentes
Percepção sobre empreendedorismo na mídia	A atual pergunta é focada na mídia local
Incentivo ao empreendedorismo na família	Mudança na escala utilizada
"Dependência" de empreendedores	Mudança na escala utilizada

INDICADORES ADICIONADOS NO ICE2015

Indicador
Alíquota Interna do ICMS
Incentivos fiscais
Obrigações Acessórias
Atualizações tributárias (via decreto)
Número de empresas exportadoras com sede na cidade
Proporção de Grandes Empresas
Investimentos do BNDES e da FINEP
Infraestrutura Tecnológica
Contratos de concessões
Tamanho da indústria inovadora
Tamanho da economia criativa
Tamanho do setor TIC
Taxa líquida de matrícula no Ensino Médio
Nota média no ENEM
Índice de Proatividade
Índice de Sonho Grande
Índice de Visão
Índice de Criatividade
Empreendedorismo como opção de carreira
Conhecimento pessoal de empreendedores
FINBRA

COLETA DE DADOS RETROATIVOS

Para diminuir o impacto das alterações nos resultados, sempre que possível, foram levantados os indicadores que representariam o ICE2014 ajustado a partir da metodologia do ICE2015. Essa coleta retroativa foi possível para 34 indicadores (60% do total) entre os 55 utilizados na atual metodologia (para os demais, foram utilizados os dados do ICE2015). Além dos 17 indicadores “repetidos” do ICE 2014, foram coletados, com um ano de defasagem, 7 dos 18 que sofreram alteração metodológica e 10 dos 20 indicadores novos.

COMO SERIA O ICE2014 SE APLICADA A METODOLOGIA DO ICE2015

Para diminuir o impacto das alterações nos resultados, sempre que possível, foram levantados os indicadores que representariam o ICE2014 ajustado a partir da metodologia do ICE2015. Essa coleta retroativa foi possível para 34 indicadores (60% do total) entre os 55 utilizados na atual

metodologia (para os demais, foram utilizados os dados do ICE2015). Além dos 17 indicadores “repetidos” do ICE 2014, foram coletados, com um ano de defasagem, 7 dos 18 que sofreram alteração metodológica e 10 dos 20 indicadores novos.

ICE 2014 (metodologia ICE 2015)	
São Paulo	8,11
Florianópolis	7,60
Vitória	6,95
Curitiba	6,46
Belo Horizonte	6,03
Porto Alegre	6,00
Rio de Janeiro	5,94
Recife	5,93
Goiânia	5,79
Brasília	5,27
Salvador	5,12
Manaus	5,10
Belém	5,02
Fortaleza	4,67

ICE 2015 (com as 14 capitais analisadas no ice2014) ¹	Diferença na posição
São Paulo	7,89 igual
Florianópolis	7,63 igual
Vitória	6,99 igual
Recife	6,39 +4
Curitiba	6,26 -1
Porto Alegre	6,13 igual
Rio de Janeiro	6,05 igual
Goiânia	5,88 +1
Belo Horizonte	5,87 -4
Manaus	5,22 +2
Brasília	5,18 -1
Salvador	5,13 -1
Belém	4,81 igual
Fortaleza	4,57 igual

¹ Observação: ao comparar com apenas 14 cidades, ao invés de 32, há diferenças no índice final, ainda que os dados sejam exatamente os mesmos. Isso acontece em função da forma de cálculo matemático aplicado, em que os indicadores são “normalizados”.

ANÁLISES LONGITUDINAIS SOBRE O ÍNDICE DE CIDADES EMPREENDEDORAS

É fácil perceber que, ao coletar dados retroativos disponíveis utilizando a metodologia do ICE2015, o resultado é diferente do apresentado um ano atrás, no ICE2014: São Paulo é líder em ambos os anos.

É essencial reforçar, no entanto, a validade das análises apresentadas no primeiro estudo. A metodologia aplicada em 2014 foi uma análise-piloto, feita com os melhores indicadores disponíveis e amplamente validada à época.

RECIFE

A capital pernambucana foi a cidade que mais posições avançou na comparação longitudinal, saindo da 8ª colocação para a 4ª - foi também a cidade que mais avançou no índice final.

A melhora de Recife se deve principalmente a grandes avanços em três fatores específicos:

- Investimentos públicos em inovação: se comparado a 2013, a FINEP investiu quase R\$ 30 milhões a mais na cidade no último ano (cerca de 60% a mais), em organizações como Porto Digital, UFPE, Tempest e Copergás. Isso aumentou significativamente o valor médio por empresa.
- Proporção de matriculados no ensino profissionalizante e técnico: era de 2,03% em 2013 e passou a 5,5% em 2014.

É importante também ressaltar que para 21 indicadores utilizados este ano não foi possível coletar dados retroativos, o que limita a análise longitudinal. Em resumo, os resultados e comentários apresentados no Índice de Cidades Empreendedoras 2014 continuam válidos e corretos, para o respectivo ano.

Partindo dessas considerações, é interessante analisar grandes movimentos nas cidades.

Isso representa um incremento de 43 mil novas vagas para essas modalidades de ensino, especialmente no sistema profissionalizante. Esse aumento, superior a 170%, enquanto o aumento médio foi de 40%, deve-se principalmente à atuação do SENAI/FIEPE, responsável por grande parte das novas vagas.

- Taxa de Homicídios: foram 41 homicídios para cada 100.000 habitantes em 2013, uma taxa ainda alta, mas 20% inferior aos 52 homicídios para cada 100.000 habitantes de 2012. A média nas 14 capitais foi uma redução de 8%. Essa é uma taxa que vem diminuindo sistematicamente no Recife e no Estado de Pernambuco como um todo, com os esforços do programa Pacto pela Vida, que há mais de 4 anos apresentava taxa duas vezes maior.

PORTO ALEGRE

Ainda que não tenha avançado posições, foi a capital com maior melhora no índice final: com 0,13 pontos a mais se comparado ao ICE2014 longitudinal. Foram duas as principais razões para isso:

- Crescimento econômico: no estudo do ano passado, foi analisado que as condições de Mercado de Porto Alegre eram bastante acima da média, com exceção do fato da capital gaúcha pouco haver crescido. Esse cenário mudou

ligeiramente entre 2010 e 2012, anos atualmente avaliados. No triênio anterior, Porto Alegre apresentou um crescimento de 0,9%, passando a 2,4% no atualmente analisado.

- Imagem do Empreendedorismo: em 2014, 36% dos entrevistados disseram que apoiariam parentes (filhos, cônjuge etc.) a empreender; em 2015, foram 51% (um avanço de 3 pontos percentuais acima da média de avanço das 14 capitais analisadas).

GOIÂNIA

Além de ser a capital com maior avanço na proporção de funcionários alocados em funções inovativas (0,82 p.p., enquanto a média foi de 0,12 p.p.), a capital de Goiás é onde mais melhorou a imagem do empreendedorismo. Por

exemplo, em 2014, 33% dos entrevistados disseram que apoiariam parentes (filhos, cônjuge etc.) a empreender; em 2015, foram 53,5% (um avanço 8 n.p. acima da média de avanço).

BELO HORIZONTE

Ainda que seu índice final não tenha diminuído tanto quanto outras cidades, a capital mineira foi a que mais posições caiu na comparação longitudinal, saindo da 5ª colocação para a 9ª.

Essa queda se deve majoritariamente pela piora em dois indicadores:

- Investimentos públicos em inovação: em 2014 foram R\$ 400 milhões a menos aplicados na cidade, principalmente

por parte da FINEP, que havia feito grandes investimentos em 2013. Foi a maior perda de valor absoluto investido entre todas as 14 capitais analisadas.

- Taxa de congestionamento em tribunais: Minas Gerais tinha uma das melhores taxas em seu sistema judiciário (58,6% de congestionamento) em 2013, mas em 2014 essa taxa aumentou para 65%, entre as atuais piores;

SÃO PAULO

Ainda que, neste exercício longitudinal, São Paulo se mantenha na liderança, foi a capital com maior queda no índice final, com queda de 0,22 pontos. Foram dois os motivos principais:

- Custo da Energia Elétrica: a capital paulista teve o segundo maior aumento no custo da energia elétrica, de 45% entre 2014 e 2015, quando o aumento médio foi de 32%;

- Compras públicas: enquanto os demais governos municipais investiram em média 28% a mais em 2014, o gasto público da Prefeitura de São Paulo se manteve praticamente estável, com aumento de apenas 7%. No comparativo, portanto, as empresas paulistanas passaram a ter menos oportunidades de vendas para o Governo local.

REFERÊNCIAS

BIBLIOGRÁFICAS

Ács, Zoltán J.; Szerb, László & Autio, Erkki. "Global Entrepreneurship Index". GEDI. (2015)

Ahmad, Nadim. "A Proposed Framework for Business Demography Statistics". OCDE. (2006)

Ahmad, Nadim & Hoffmann, Anders N. "A Framework for Addressing and Measuring Entrepreneurship". OCDE. (2007)

Disponível em: http://www.oecdilibrary.org/economics/a-framework-for-addressing-and-measuring-entrepreneurship_243160627270

Arboleda, Pedro; Dassel, Kurt & Grogan, C. Jeffrey. "Paths to Prosperity", Monitor Group. (2009)

Disponível em: http://icma.org/en/icma/knowledge_network/documents/kn/Document/303489/Paths_to_Prosperty

Aspen Network of Development Entrepreneurs. "Entrepreneurial Ecosystem Diagnostic Toolkit". (2013)

Disponível em: <http://www.aspeninstitute.org/publications/entrepreneurial-ecosystem-diagnostic-toolkit>

Audretsch, David B. Thurik, Roy, Verheulm Ingrid & Wennekers, Sander. "Entrepreneurship: Determinants and Policy in a European-U.S. Comparison", Boston/Dordrecht/London: Kluwer Academic Publishers, 11-83. (2002)

Bartholomew, D., F. Steele, I. Moustkaki, & J. Galbraith. "The Analysis and Interpretation of Multivariate Data for Social Scientists", Londres: Chapman and Hall. (2002)

Dutta, Soumitra; Lanvin, Bruno & Wunsch-Vincent Sacha. "The Global Innovation Index" (2015);

Disponível em <https://www.globalinnovationindex.org/content/page/GII-Home>

Endeavor Brasil. "Burocracia nos negócios: os desafios de um empreendedor no Brasil". (2015)

Disponível em <http://info.endeavor.org.br/burocracianobrasil>

Endeavor Brasil. "Cultura Empreendedora no Brasil: o potencial para empreender com alto impacto". (2015)

Disponível em <http://info.endeavor.org.br/culturaempreendedoranobrasil>

Endeavor Brasil & IBGE. "Estatísticas de Empreendedorismo". (2013)

Disponível em: <http://info.endeavor.org.br/estatisticas-de-empreendedorismo-2013>

Hoffmann, A., Larsen, M. & Oxholm, S. "Quality Assessment of Entrepreneurship Indicators", FORA, Copenhagen. (2006)

Disponível em: http://ice.foranet.dk/upload/quality_assessment_of_entrepreneurship_indicators_002.pdf

Lundström Anders & Stevenson, Lois. "Entrepreneurship Policy Theory and Practices", International Studies in Entrepreneurship, Springer. (2005)

PwC. "Cities of Opportunity 6". (2014)

) Disponível em: <http://www.pwc.com/us/en/cities-of-opportunity/>

The World Bank. "Doing Business: Measuring Business Regulations". (2013)

Disponível em: <http://www.doingbusiness.org/>

Thurik, Roy; Uhlaner, Lorraine M. & Wennekers, Sander. "Entrepreneurship and Economic Performance: a Macro Perspective". International Journal of Entrepreneurship Education. (2002)

No Brasil, menos de 1% das empresas apresentam crescimento acelerado. E apesar de serem pouquíssimas, essas empresas, chamadas de Scale-ups, são responsáveis por mais de 40% dos novos empregos do país. É urgente, portanto, que recebam a atenção devida. É mais do que necessário desenvolver políticas públicas em todos os níveis, mas especialmente nas cidades.

Analisando 32 cidades de todas as regiões do país e 55 indicadores, o Índice de Cidades Empreendedoras 2015 dá continuidade ao trabalho de ajudar governos e sociedade civil a definir prioridades e acompanhar resultados. Além de fomentar o debate político sobre empreendedorismo, o estudo também é um guia para empreendedores refletirem sobre onde estão as melhores oportunidades para desenvolver seus negócios.

endeavor
BRASIL

